

MARIA TERESA DE ARRUDA CAMPOS

**TÁ RINDO DE QUEM? O NEGRO E O *GAY* COMO
MOTIVOS DE PIADAS**

Campinas
2013



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA TERESA DE ARRUDA CAMPOS

**TÁ RINDO DE QUEM? o negro e o gay como motivos
de piadas**

Orientadora: Profa. Dra. ÁUREA MARIA GUIMARÃES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração de Ensino e Práticas Culturais.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELA ALUNA MARIA TERESA DE ARRUDA
CAMPOS E ORIENTADA PELO PROFA.
DRA. ÁUREA MARIA GUIMARÃES

Áurea M. Guimarães

Orientadora

CAMPINAS
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C157t Campos, Maria Teresa de Arruda, 1955-
Tá rindo de quem? O negro e o *gay* como motivos de piadas / Maria Teresa de Arruda Campos. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Áurea Maria Guimarães.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Humorismo. 2. Racismo. 3. Violência. 4. Microfascismo. I. Guimarães, Áurea M. (Áurea Maria), 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: What are you laughing about? African americans and *gays* as a laughing stock.

Palavras-chave em inglês:

Humor

Racism

Violence

Microfascism

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Áurea Maria Guimarães [Orientador]

Dirce Djanira Pacheco e Zan

Romualdo Dias

Guilherme do Val Toledo

Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Data de defesa: 17-12-2014

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

TÁ RINDO DE QUEM? O NEGRO E O GAY COMO MOTIVOS DE
PIADAS

Autora : MARIA TERESA DE ARRUDA CAMPOS

Orientadora: Profa. Dra. ÁUREA MARIA GUIMARÃES

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por
Maria Teresa de Arruda Campos e aprovada pela Comissão
Julgadora.

Data: 17/12/2013

Assinatura: Áurea M. Guimarães

Orientadora: Profa. Dra. ÁUREA MARIA GUIMARÃES

COMISSÃO JULGADORA:

RESUMO

Este trabalho pretende trazer para a cena de discussão algumas formas de provocar o riso que se baseiam na desqualificação do Outro, colocando-o sempre como inferior. A partir do relato de jovens negros e gays, realizou-se uma transcrição, com a elaboração de um texto em formato teatral em que as falas e as piadas racistas se apresentam. As piadas estão presentes em programas de humor na televisão e nos teatros nos espetáculos *stand up*. A discussão sobre *de quem rimos?* instiga a pensar nos microfascismos que estão sendo criados e se apresentam como formas silenciosas de racismo contra pessoas que, pelas suas diferenças, pela estranheza que provocam, são desqualificadas. No contexto do trabalho, Nietzsche e Foucault são visitados, em busca de inspiração para refletir acerca da história do presente.

Palavras-chave: piada, humor, racismo, violência, microfascismo

ABSTRACT

This paper aims to bring to the scene of discussion some forms of instigating the laugh, which are based in disqualification of the Other, putting him/her always as inferior. According to the report of young African Americans and gays, it was made a transcript with the elaboration of a text in a theatrical format in which the speeches and the racist jokes are present. The jokes are present in humor television programs and in theaters in stand up performances. The discussion about “what do we laugh of?” instigates to think of the microfascisms that are being created and are presented as silent forms of racism against people who, by their differences, by the surprise that they provoke, are disqualified. In the job context, Nietzsche and Foucault are visited, searching for inspiration to reflect about the history of present time.

Key-words: joke, humor, racism, violence, microfascism

SUMÁRIO

Apresentação do tema	01
“Não desanimeis; que importância tem isso? Quantas coisas são ainda possíveis! Aprendeis, como convém, a rir de vós mesmos!” (Nietzsche, 1983, p.294)	
Capítulo 1	18
Transcrição – O palco da vida: é pra rir? "Não com a ira se mata, mas com o riso." (Nietzsche, 1983, p.316)	
Capítulo 2	41
Ser negro e ser gay: caminhos na formação dos estereótipos na cultura brasileira	
Capítulo 3	55
Contextualizando o riso: as expressões de humor no grafismo e no palco – “Não mais pastor, não mais homem – um ser transformado, translumbrado, que ria! (Nietzsche, 1983, p.168)	
Capítulo 4	80
Diálogo com os autores, o fascismo que nos habita “Não se deve querer gozar onde nada há para gozar.” (Nietzsche, 1983, p.205)	
Em tempo de parar, possibilidades de outros começos	106
“Naquele tempo, contudo, eu gostava mais da vida do que algum dia gostasse de toda a minha sabedoria.” (Nietzsche, 1983, p.233)	
Referências Bibliográficas	110
Anexos	
1. Transcrição	117
“E, como falasse a todos, não falei a ninguém” (Nietzsche, 1983, p.287)	
2. Textualização	151
“Ninguém me conta nada de novo; assim, conto-me eu a mim mesmo” (Nietzsche, 1983, p.202)	
3. Áudio das entrevistas	165
4. Autorizações para uso de voz e nome	166
“Quem tem ouvidos, que ouça” (Nietzsche, 1983, p.213)	

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que fazem rir e sofrer para que possam descobrir outros motivos de alegria.

Verdade

Carlos Drummond de Andrade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia

Gratidão

Gratidão é um sentimento de **reconhecimento**, é um presente que você recebe e que te traz alegria. Algumas pessoas deixaram suas marcas em mim e a elas a gratidão de meus dias, sempre.

É difícil elencar todas as pessoas e as situações vividas que se apresentaram como presentes significativos nessa difícil tarefa de viver a vida tentando fazer dela uma obra de arte. Graças!

Aos meus pais...pelo testemunho de justiça e respeito no compromisso de pautar a vida pela participação, sem omissão,

À minha irmã ... pelo cuidado constante e sem limites,

Aos meus irmãos ... que me ensinaram que para estar junto não é preciso estar perto,

Aos meus filhos William, Leonel e Vitor ... que me deram a alegria da maternidade trazendo a certeza de poder compartilhar a esperança na construção de um mundo melhor,

Ao Giorgi ... pelo companheirismo e ajuda diária,

À Prof. Áurea... que teve a sabedoria de unir firmeza e delicadeza em cada palavra,

À Cintia, Davi, Willian e André ... jovens que me emprestaram a palavra certa contando suas histórias e compartilhando suas experiências,

À Profa. Dirce e aos colegas do VIOLAR ... pela partilha de afetos e conhecimentos sempre de forma sincera, livre e sem rodeios,

Ao Prof. Sílvio Gallo, Prof. Romualdo Dias e Ricardo de Castro e Silva ...pelas sugestões na qualificação,

À banca do exame de doutorado: Prof. Dr. Romualdo Dias, Proa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan, Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo, Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, Dr. Ricardo Castro e Silva, Prof. Dr. Odilon José Roble e Prof. Dr. Wenceslao Oliveira, pela generosidade nas contribuições,

À amiga Carmem Leite Guimarães ... pela leitura atenta e precisa, pela delicadeza nos comentários e clareza nas revisões,

Aos amigos da Escola de Samba Voz do Morro... pelas vivências regadas de samba,

Aos amigos da vida que me ajudaram na indicação de leituras, de outros pensares e na abertura pelos palpites bem-vindos,

À Nadir, Rita e Gislene, da Secretaria da Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp pelo apoio e atenção durante o processo do mestrado e agora do doutorado.

Apresentação do tema

Não desanimeis; que importância tem isso?
Quantas coisas são ainda possíveis!
Aprendeí, como convém, a rir de vós mesmos!
(Nietzsche, 1983, p.294)

Precisamos do riso. A questão aqui levantada valoriza um certo tipo de riso e questiona o que nos motiva a rir de alguém. Rir de quem nos provoca pela sua diferença que produz eco em nós.

Escrever sobre o riso é tarefa difícil, mas necessária para mim.

A escrita produz em seu autor efeitos de verdade. Faz rever a vida, o que lhe toca, o que nela marca significados vários. Assim,

a escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso(FOUCAULT, 2004a, p.151).

Essa minha escrita faz sentido no meu percurso, nas experiências vividas, nos desejos mal digeridos, nas palavras ouvidas...

E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos (LARROSA, 2002, p. 20-21).

Sempre fui bem magrinha e isso foi motivo de alguns apelidos. Acabei virando a Olívia, aquela namorada do *Popeye*. Eu gostava muito desse desenho quando era criança, pois a Olívia era disputada e sempre tudo dava certo para ela. Quando soube que a turma me apelidara de Olívia pela

minha magreza, não fiquei incomodada. Claro que a turma queria mexer comigo, mas eu apreciava outras qualidades da Olívia, especialmente o quanto ela era disputada pelo *Brutus* e pelo *Popeye*. Ao contrário do que esperavam - me desqualificar, diminuir - fiquei lisonjeada, para tristeza de alguns...

Na adolescência preocupava-me quando os apelidos eram maldosos, denunciavam alguma característica física que diferenciava a pessoa das demais. Usar aparelho nos dentes, muito diferente do que é hoje, era feio e as pessoas tinham vergonha de usar e recebiam o apelido de “burro de cabresto”, o menino de óculos era o “quatro olho”, o gordo era conhecido por “bolacha” e “baleia”. As crianças sabem ser cruéis em suas escolhas e esses apelidos acabam virando rótulos, estigmatizam e produzem dor.

Larrosa (2002, p.21) usa bem as palavras ao afirmar:

[...] O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.

É uma descoberta de um outro saber fora de si, alguém que nomeia o outro pelo seu lado de fora. A escrita sobre algo que também vivi, provoca modos outros de se pensar, “mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si, do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2004a, p.157). Essa escrita aqui impressa me expõe a mim mesma, me faz re-significar meus estudos, minhas leituras, minhas defesas, talvez cumpra uma dinâmica de causa própria, das minhas palavras e das palavras ouvidas que provocaram marcas tatuadas para toda vida.

Esta escrita me fez pensar muito na Cinthia, no Davi, no William e no André. Quantas tatuagens n'alma carregam pelos risos que provocaram, pelos apelidos pelos quais foram chamados, pelas piadas que precisaram ouvir e pelas vezes que calaram sem poder reagir. Esse silêncio-dor, essa punhalada que receberam, contribuíram para consolidar meu trabalho ao pensar o quanto as palavras marcam, tingem, tatuam a vida e produzem sentidos que as crianças são obrigadas a engolir, a (in)corporar como naturais de si.

Para Larrosa (1994, p.81):

[...] a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade.

Dizer a vida como a possibilidade de subjetivar-se a partir da fala de si e dos efeitos do outro sobre si possibilita uma outra relação ética para dentro e para fora. Foucault, com o pseudônimo Maurice Florence¹, apresenta em 1984, no verbete intitulado “Foucault”, a subjetividade como

[...] a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.

[...] Michel Foucault também tentou analisar a constituição do sujeito como ele pode aparecer do outro lado de uma divisão normativa e se tornar objeto do conhecimento - na qualidade de louco, de doente ou delinqüente: e isso através de práticas como as da psiquiatria, da medicina clínica e da penalidade (História da loucura, O nascimento da clínica e Vigiar e punir) (FOUCAULT, 2004b, p236).

Foucault, em 1976, escreveu sobre o modo de organização do regime de verdade em cada sociedade, apontando para a forma como nossa sociedade institui as verdades que vão organizar os ditos sobre uns e outros, recomendando nossa atenção para:

os tipos de discurso que elas acolhem e fazem funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como uns e outros são sancionados; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, apud REVEL, 2005, p. 86).

Ao comentar que estaria estudando o riso no meu doutorado, provoquei comentários do tipo: “ficará especialista em livros de piadas?” e, ainda, “agora que não vai dar mais para contar piadas na sua frente”. Com espanto, reúno o grupo que, ao ouvir sobre o que eu gostaria de estudar, disse: “mas as piadas também são contadas por negros, gays, mulheres... eles também contam piadas e você, agora, quer estragar esse prazer de rir?” “A maldade está em você, não em quem conta”... “a gente quer só se divertir” e “se não rirmos dos outros, vamos rir de quê?”.

¹ Maurice Florence, M. F. , abreviatura de Michel Foucault. Este verbete aqui citado em parte foi originalmente publicado no *Dictionnaire des philosophes*, Paris, PUF, 1984, sob a direção de Denis Huisman.

Os que riram, de início, afirmaram após minha explicação ter pensado que eu escreveria sobre as piadas contadas nas rodas de amigos e a importância que o riso tem como potência de vida. Gallo (2009), em seu artigo *Entre Édipos e O Anti-Édipo*, trabalha com o riso contra o fascismo e inicia seu artigo com uma citação de Oswald de Andrade, de 1928, que diz “A alegria é a prova dos nove. Só a antropofagia nos une”. Essa possibilidade do riso alegre, que libera e potencializa, que alegra e mobiliza, que engole, foi um dos marcos que apareceram como expectativa para esse trabalho. Outros, mais ligados às artes do corpo, logo me sugeriam os artigos e experiências *clown*, nessa brincadeira dos palhaços² que riem de si, mostrando-se abobalhados diante de situações embaraçosas.

Essas muitas faces do riso são parte do que me incomoda nessa ginástica, da face e do íntimo, de rir e fazer rir: o riso da alegria, da potência indiscutível que pode significar e (re)significar uma vida, dando a ela novos sentidos, e o riso zombeteiro presente no ato de implicar com uma diferença que marca pessoas, as quais necessitam até mesmo de leis (que no dia-a-dia não garantem) para que possam, sob forte pressão, ir e vir em uma cidade.

Que se pode fazer com tanta graça? Que sentidos provocam na vida de pessoas que vivem/experimentam dizer, ouvir, sentir essa graça?

Rir é muito bom, e não pretendo nesse trabalho fazer um tratado a favor ou contra o riso³. A intenção que carrego é desnaturalizar o riso como sendo, sempre, algo bom e positivo. Ao mesmo tempo, quero propor que, criticamente, olhemos para os risos socialmente construídos e as diferentes formas que vão sendo instauradas, na contemporaneidade, relativas ao rir do outro e de sua diferença, quando esta provoca alguma estranheza. O riso é vivo, provoca alegria ou tristeza, libera ressentimentos, lágrimas, prazeres. De qual riso trato? Do riso parente da arte posta no circo, no teatro, na televisão, do riso das brincadeiras entre crianças e jovens, que se apelidam em suas características singulares, do riso irônico, nascido do desprezo quando se perde uma disputa? Há riso ingênuo? Quais os sentidos contidos no riso? São tantos risos possíveis!

A sociedade se organiza apoiada em discursos que se criam e recriam a fim de naturalizar relações de poder que vão se estabelecendo a partir do estranhamento pelas diferenças. Essas relações de poder, profundamente entranhadas à discursividade sobre o certo e o errado, o normal e o patológico, o bom e o ruim etc, precisam de escapes da cultura para que sejam introjetadas,

²Até muitos palhaços debocham de diferença que aparecem em alguns picadeiros: a gorda, a trapaça ao amigo e outras cenas estereotipadas podem compor algumas apresentações.

³ Há vasto material produzido sobre o tema, traçando a história do riso e suas possibilidades. Indico três deles, estudados durante essa escrita: Bremmer e Roodenburg (2000), Minois (2003), Alberti (2002).

normalizadas e naturalizadas. Os fascismos se escondem nas sutilezas das artes. A piada pode ser uma dessas “saídas”. Rir do outro, daquele que produz uma diferença ao que está posto, torna “leve” e “alegre” a produção de pré-conceitos que confirmam essas relações anteriormente criadas, abrandando-as. As diferenças nos produzem efeitos ao mesmo tempo em que são subjugadas pela cultura. Ser preconceituoso não pode, contar uma piada racista pode. Dessa forma, vão se estabelecendo padrões que ratificam o dito “morde e assopra”, sempre fazendo de conta que “não existe pecado do lado de baixo do Equador”.

As muitas violências, cometidas ou submetidas, não passam apenas pelos atos sanguinolentos, pelo uso de armas “brancas” ou armas pesadas (manipuladas por pessoas de todas as classes, sexo, etnias e idades), mas são violências que ficam naturalizadas, embutidas na cultura e praticadas como se “normais”⁴ fossem.

As piadas, muitas delas, provocam o riso ao apontarem para alguma diferença que se sobressai. Traços singulares, que provocam mal-estar: o homossexual, a mulher, a loira bonita, o japonês, o português, o negro, o velho, o deficiente físico, estão entre alguns dos focos das piadas contadas nas reuniões entre amigos, nas mesas descontraídas dos bares.

A Modernidade inventou e se serviu de uma lógica binária, a partir da qual denominou de diferentes modos o componente negativo da relação cultural: marginal, indigente, louco, deficiente, drogadito, homossexual, estrangeiro etc. Essas oposições binárias sugerem sempre o privilégio do primeiro termo e o outro, secundário nessa dependência hierárquica, não existe fora do primeiro, mas dentro dele, como imagem velada, como sua inversão negativa (DUSCHATZKY, S. e SKLIAR, C., 2001, p.123).

Esse é o caminho da formação dos estereótipos, conforme os mesmos autores afirmam: “Dessa forma, o estereótipo, que é uma de suas principais estratégias discursivas, acaba sendo uma modalidade de conhecimento e identificação que vacila entre aquilo que está sempre em um lugar já conhecido, ou melhor, esperado, e algo que deve ser ansiosamente repetido.” (ibidem, p.123).

Viver em sociedade é tarefa difícil. O mal-estar de submeter-se às regras, ao imposto como moral, ao definido *a priori*, é um limite que provoca resistências e produz reações. Viver em sociedade suscita diferentes formas de submeter-se a ela e às suas verdades. As possibilidades de crença na vida dirigem os muitos olhares para o outro, e podem apontar para pessimismos paralisantes

⁴ A palavra “normal” tem sido utilizada como sinônimo de comum, o que naturaliza muitas das desigualdades que compõem a vida em sociedade, definindo padrões e valores.

ou para a criação de uma positividade necessária de transformação pelas fissuras para tornar a vida uma nova produção. Ao partir da premissa de que entre os humanos não é possível uma convivência justa e harmônica (e muitos pensam assim) um direcionamento fica definido; por outro lado, pode-se partir do princípio de que é possível que a humanidade aprenda outras formas de relacionar-se, com outras condutas, que guiarão novos riscos, novas alternativas para vivenciar esse mal-estar de outras formas.

Andrade (2007, p. 98) explica que “aquilo que é produzido histórica e culturalmente não reflete apenas como nós nos vemos e aos outros, mas de que modo nos comportamos cotidianamente com relação a nós mesmos e aos outros.”

Assim, concordo com Costa (2004, p. 86) quando explana que há uma saída para a vida em sociedade, se pensarmos na possibilidade de “voltar-se para o outro, construir uma sociedade na qual todos tenham direito ao mínimo necessário à satisfação das necessidades elementares, para que, então, possamos ser, de fato, livres para criar tantas formas de sermos felizes quantas possamos imaginar”. Essa possibilidade é um longo aprendizado de um modo de viver coletivo, no qual uns e outros possam dividir os espaços, as conquistas, os afetos, um e outro não se vejam como inimigos, não se sintam ameaçados, um e outro acreditem ser viável a construção de outro mundo, mais justo e com oportunidades para todos.

No mesmo artigo, Costa (2004, p. 81) afirma que

Cada cultura, no entanto, permite a realização de certas condutas e interdita outras. Uma cultura na qual tudo fosse igualmente possível não seria “uma cultura”. Cultura é delimitação de possibilidades e impossibilidades. No convívio humano existem sempre comportamentos que são incentivados e aprovados e outros desestimulados e condenados.

Pensar na possibilidade de ocupação do lugar de quem não somente se submete à cultura, mas que também age na sua construção, produz esse outro olhar para o mundo e para as relações sociais passíveis de mudanças. O riso e o risível, nesse sentido, o que faz alegrar a vida e o que faz sofrer, são possibilidades humanas construídas socialmente. A marca do riso sádico, presente nos programas humorísticos, nas “pegadinhas” dos programas de auditório aos domingos, são alguns exemplos. Mas temos, também, as charges políticas que tratam de uma realidade, denunciando absurdos vividos na política.

Um programa de TV (26 de agosto de 2008) mostrava cenas de violência que foram gravadas no espaço escolar, e que estão disponibilizadas em *sites* para serem assistidas. Entre essas cenas, simulações de brigas, perseguições de pessoas consideradas “nerds”, pegadinhas contra alunos supostamente mais “fracos”, mais tímidos. O modelo do jovem valente e mais agressivo, visto como herói, e do jovem solidário, visto como “nerd”, se contrapõem. E, prevalece uma forma de encarar esse antagonismo segundo o viés de que o primeiro precisa “acabar” com o segundo, mostrando, pela força, o seu poder. O grupo aplaude, e o reconhece nesse “lugar de empoderamento” equivocado. Orelhas de abano, baixinho, gordo, choquito, quatro-olho, são alguns dos apelidos que fazem rir, alguns se fazendo presentes no dia-a-dia de muitos jovens. Os americanos chamam esse fenômeno de *Bullying*⁵. O *Bullying* é uma prática antiga que está, no momento, mobilizando a criação e implantação de legislação⁶ e de manuais⁷.

No material produzido pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, “Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania – Sistema de Proteção Escolar”, o *Bullying* é definido como:

... uma das formas mais comuns de violência entre jovens, inclusive no ambiente escolar. Define-se pelo conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, adotados por um ou mais alunos contra outro(s) em desvantagem de poder ou força física, sem motivação evidente, sob a forma de “brincadeiras de mau gosto” que disfarçam o propósito de maltratar, intimidar e humilhar, causando dor, angústia e sofrimento. Trata-se de um fenômeno encontrado em escolas públicas e privadas em todo o mundo, dentro e fora das salas de aula. Manifesta-se em xingamentos, desenhos, ofensas morais, verbais, sexuais, pelo ato frequente de ocultar ou danificar materiais de uso pessoal, maus-tratos físicos e psicológicos, reais e virtuais. Este último, denominado ciberbullying, é decorrente das modernas ferramentas tecnológicas – como a internet, os celulares, as câmeras fotográficas –, e da falsa crença no anonimato e na impunidade (Cap. I. “O que é o quê).

⁵Pelas medidas que têm sido tomadas no controle dos corpos, em especial aqueles comportamentos considerados “anormais”, diria que, na sequência, virão medicamentos para controlá-los. Nisso os americanos, donos das empresas farmacológicas, têm uma *expertise* a ser reconhecida. Assim agiram com as crianças que não se adequaram ao sistema escolar, com os deprimidos que não aceitaram as perdas vividas etc.

⁶Leis: Câmara Municipal de São Paulo: PL N° 69/2009, sancionada em 17/07/2009. Disponível em <<http://www.camara.sp.gov.br/projintegrapre.asp?fProjetoLei=69%2F09&sTipoPrj=PL>>; Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, PL N° 83/2007, sancionada em 23/10/2010. Disponível em <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro0711.nsf/1e1be0e779adab27832566ec0018d838/502f88d9b95d6ffc832573150057e17d?OpenDocument>>; Câmara dos deputados (Nacional): PL n° 5369/2009, decretada em 46/2009. Disponível em <http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=437390>.

⁷Como por exemplo, o Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania – Sistema de Proteção Escolar. Disponibilizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo em: http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/Arquivo/protECAO_escolar_web.pdf

Batista (2011) em pesquisa sobre o *Bullying*, com alunos de 11 a 14 anos de uma escola pública, apresenta:

Analisar o bullying por meio de um olhar ampliado, considerando os aspectos culturais e sociais, evidencia que o fenômeno é uma expressão de como as relações cotidianas são vivenciadas, e evidencia, assim, que as abordagens sobre o tema devem relacioná-lo ao que é vivido no social e às mensagens repetidamente transmitidas pela mídia, instituições sociais, entre outros (p. 164).

Entre as ações aparecem práticas antigas e comuns em muitos dos ambientes sociais: apelidar, intimidar, perseguir, empurrar, ridicularizar, inibir, humilhar, discriminar, assediar, roubar, constranger, achincalhar, ignorar, agredir, aterrorizar, tiranizar, coagir, caçoar, ofender, ferir, ameaçar, dominar, forçar, bulir. Doce engano para aqueles que acreditam que nos gabinetes se constroem as práticas sociais. Há uma grande distância entre as escolas, as salas de aula e as diretrizes elaboradas nas secretarias de educação. Estas não apontam para o dia-a-dia das contradições enfrentadas nas relações de ensino e de aprendizagem, entre as condições da escola e a realidade vivida pelos alunos e pelos professores.

Ao discorrer sobre o episódio de Realengo⁸, Calligaris (2011) reflete sobre os significados produzidos naquele que é o escolhido para ser motivo do riso da turma:

Durante sua adolescência, um jovem é zombado pelos colegas e, sobretudo, pelas meninas que despertam seu desejo. Para se proteger contra a recusa e a humilhação, o jovem se interdita o que ele deseja e que lhe está sendo negado: "As meninas que eu gosto riem de mim e de meu desejo por elas; para não me transformar numa piada, farei da necessidade virtude: entrarei eu mesmo em guerra contra meu desejo. Ou seja, transformarei a exclusão e a gozação num valor: não fui rechaçado, eu mesmo me contive - por exemplo, porque quero me manter ilibado, sem mancha".

Wellington era louco? Fanático religioso? Mau? Julgado pela população, foi condenado a ter sua dignidade humana questionada e sua privacidade explicitada. Ouvi: "não é gente, é bicho". Ao enfatizar esse aspecto, não o faço no sentido de inocentar ou de amenizar a gravidade e a seriedade de seu ato naquele momento, mas pensar o outro lado, "O que fizemos de Wellington? Que pessoas estamos ajudando a produzir?" O que fez foi grave, gravíssimo. O que teria sido feito de Wellington,

⁸ No bairro de Realengo, dia 07 de Abril de 2010, Wellington Menezes de Oliveira, 24 anos, ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro, entrou armado, atirou nos alunos, matou 12, feriu 18 e depois se suicidou com um tiro na cabeça. As vítimas tinham entre 12 e 14 anos.

se tivesse tido essa ou aquela outra possibilidade de escolha? Pôde, com 24 anos, escolher? Quais possibilidades de viver a vida e fazer dela algo propositivo ele teve? Que vida conseguiu viver? Como sua existência poderia ter sido significada, re-significada? Como cuidou de si e dos outros? Como foi cuidado?

Os dados apontados em pesquisas falam por si. Em 2009, a Fundação Perseu Abramo concluiu a pesquisa Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil -Intolerância e respeito às diferenças sexuais, cujo relatório final ⁹ apresentou os resultados que se seguem:

Indagados sobre a existência ou não de preconceito contra as pessoas LGBT no Brasil, quase a totalidade das pessoas entrevistadas respondeu afirmativamente: acreditam que existe preconceito contra travestis 93% (para 73% *muito*, para 16% *um pouco*), contra transexuais 91% (respectivamente 71% e 17%), contra *s* 92% (70% e 18%), contra lésbicas 92% (69% e 20%) e, tão freqüente, mas um pouco menos intenso, 90% acham que no Brasil há preconceito contra bissexuais (para 64% *muito*, para 22% *um pouco*). Mas perguntados se são preconceituosos, apenas 29% admitiram ter preconceito contra travestis (e só 12% *muito*), 28% contra transexuais (11% *muito*), 27% contra lésbicas e bissexuais (10% *muito* para ambos) e 26% contra *s* (9% *muito*).

Essa maneira sutil e velada de viver o preconceito fortalece o padrão de negação de uma sociedade que encara o outro como seu igual e se incomoda com isso precisando negá-lo, eliminá-lo. É surpreendente tanta gente conhecer alguém preconceituoso, afirmar que o preconceito existe e ao mesmo tempo termos um índice muito menor de admissão pessoal do preconceito. Outras duas pesquisas desta Fundação apontam para os dados do preconceito racial e do preconceito geracional para com os idosos:

O diagnóstico de que a sociedade brasileira é preconceituosa contra diferentes grupos parece variar pouco: na pesquisa *Idosos no Brasil*, em 2006, 85% dos não idosos (16 a 59 anos) tinham afirmado que no Brasil há preconceito contra os mais velhos; na pesquisa *Discriminação racial e preconceito de cor no Brasil*, em 2003, 90% reconheciam que há racismo e 87% afirmavam que os brancos têm preconceito contra os negros; e agora, como vimos, cerca de 92% admitem que há preconceito contra LGBT no Brasil.

Com o nome Mapa da Violência 2012: A cor dos homicídios no Brasil, o governo federal publicou um estudo que focaliza a incidência da questão racial na violência letal do Brasil, tomando como base os registros de mortalidade do Ministério da Saúde entre os anos 2002 e 2010. “O trabalho

⁹Disponível em <http://novo.fpabramo.org.br/content/diversidade-sexual-e-homofobia-no-brasil-intolerancia-e-respeito-diferencas-sexuais>. dia 30 de junho de 2013, às 18h10.

verifica a incidência da vitimização negra nas Unidades da Federação, nas Capitais e nos Municípios brasileiros, tentando identificar os focos e os determinantes dessa violência” (WASELFISZ, 2012)¹⁰.

Nas considerações finais do relatório da pesquisa/diagnóstico da realidade dos homicídios de negros e mais ainda, de jovens negros, temos:

Entre 2002 e 2010, segundo os registros do Sistema de Informações de Mortalidade, morreram assassinados no país 272.422 cidadãos negros, com uma média de 30.269 assassinatos ao ano. Só em 2010 foram 34.983.

Considerando o conjunto da população, entre 2002 e 2010 as taxas de homicídios brancos caíram de 20,6 para 15,5 homicídios – queda de 24,8% – enquanto a de negros cresceu de 34,1 para 36,0 – aumento de 5,6%.

Com isso a vitimização negra na população total, que em 2002 era 65,4 – morriam assassinados, proporcionalmente, 65,4% mais negros que brancos, no ano de 2010 pulou para 132,3% – proporcionalmente, morrem vítimas de homicídio 132,3% mais negros que brancos.

As taxas juvenis duplicam, ou mais, às da população total. Assim, em 2010, se a taxa de homicídio da população negra total foi de 36,0 a dos jovens negros foi de 72,0 (WASELFISZ, 2012, p. 38).

São números alarmantes para um país que se apresenta como livre de preconceitos, em especial aqueles referentes a questões étnico-raciais, religiosas ou geracionais. Os números apresentam proximidade às regiões do mundo que atravessaram conflitos armados internos ou externos. Difícil é a constatação de que a mortandade no país cresce na sua juventude e que o foco principal está na cor da pele.

Com relação à homossexualidade, também é clara a posição preconceituosa ao se verificar os dados da referida pesquisa que apontam para:

A concordância de 92% da opinião pública (sendo 84% *totalmente*) com a frase epígrafe, “Deus fez o homem e a mulher com sexos diferentes para que cumpram seu papel e tenham filhos”, contra apenas 5% que discordam; e de 66% (58% *totalmente*) com a frase “homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus”, contra 22% que discordam (só 17% *totalmente*) – revelam o tamanho da colaboração religiosa para a intolerância com a diversidade sexual.

Anualmente o Grupo Gay da Bahia (GGB)¹¹ divulga o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais¹². A pesquisa de 2011 mostrou que a cada 33 horas um homossexual brasileiro foi

¹⁰Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf, dia 02 de junho de 2013, às 10h44.

¹¹Tabelas com estatística completa pode ser encontrada em <http://www.ggb.org.br/assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20brasil%202011%20GGB.html>

¹² Foram documentados 266 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil no ano passado, 6 a mais que em 2010, um aumento 118% nos últimos seis anos (122 em 2007). Os gays lideram os “homicídios”: 162 (60%), seguidos de 98 travestis (37%) e 7 lésbicas (3%). O Brasil confirma sua posição em primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos, concentrando 44% do total de execuções de todo mundo. Nos Estados Unidos, com 100 milhões a mais de habitantes que nosso país, foram registrados 9 assassinatos

barbaramente assassinado vítima da homofobia. Nunca antes na história desse país foram assassinados e cometidos tantos crimes homofóbicos. Nos três primeiros meses de 2012 foram documentados 104 homicídios contra homossexuais, quase o dobro de 2011, produzindo uma morte a cada 21hs.

Como posso olhar o outro, se nem para mim mesmo consigo olhar? A dinâmica entre o eu e o outro, na ciranda do cuidado de si no outro e do outro em si, é tarefa difícil num mundo competitivo, onde o individualismo parece ser a única possibilidade: cada qual, cada vez mais, vive por si.

Para esse trabalho, olhei para minha história, para a história de alguns próximos que, pela delicadeza das relações criadas, me faziam ficar perplexa com a brutalidade do que ouvia. As piadas sempre me incomodaram, assim como os apelidos e boa parte dos ditos populares. Os apelidos, marcados nas individualidades carregam justamente o escancarar de algum traço daquele sujeito apelidado. É um maltratar o outro naquilo que ele também está incomodado, especialmente em seu corpo. Aquele corpo, daquela pessoa, daquele sujeito escancara o que ele queria esconder no apelido que lhe é imposto. É desse apelido que se ri, se debocha. Enquanto os apelidos denunciam uma certa singularidade que também àquele sujeito pode incomodar, alguns ditos populares fazem o mesmo com diferentes grupos sociais. Reforçam estereótipos, rótulos que marcam todo um grupo, como massa amorfa. Negro quando não “caga” na entrada, “caga” na saída, é dito que está presente em muitas situações e que demonstra o que pensamos, enquanto sociedade, sobre aqueles que queremos marcar, por exemplo.

Esse trabalho só pode ser realizado a partir de leituras e da frequência às reuniões do Grupo Violar, criado na Faculdade de Educação da Unicamp em 2002, que trabalha com a temática das violências, juventudes e suas implicações nas formas de se organizar em sociedade pois ali fui traçando os caminhos para esse pensar sobre a forma como estamos construindo nossas relações. Também o meu trabalho na Escola Semente, no movimento social, o meu trabalho na coordenação de arte-cultura em algumas unidades da Fundação CASA, e, agora, no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, juntos, puderam compor meu pensar aqui registrado.

de travestis em 2011, enquanto no Brasil, foram executados 98 “trans”. O risco de um homossexual ser assassinado no Brasil é 800% maior que nos Estados Unidos.

Atualmente coordeno um projeto de história oral e produção de documentários que, aos poucos, apresenta à cidade de Rio Claro novos atores¹³. Esse projeto desenvolvido no Arquivo de Rio Claro foi fonte inspiradora para ouvir jovens negros e *gays* sobre seus sentimentos diante das piadas ouvidas ao longo de suas vidas, nos programas de humor que são transmitidos pela televisão, e dos apelidos recebidos. Deles, emprestei a fala repleta de afetos, de acontecimentos que marcaram suas existências de diferentes formas. André, Willian, Davi e Cinthia me ensinaram que eu precisava ouvir para escrever. Ouvi-los provocou em mim essa possibilidade de juntar o que vinha lendo e o que sentia sem conseguir explicar, para, na sequência, poder também fazer arte. Dessa experiência bastante difícil, porém mobilizadora, criei um texto para teatro, a partir das entrevistas feitas. Depois desse momento, submeti o texto à leitura dos meus quatro colaboradores. Segundo Meihy (2005, p.195), a “grande prova da qualidade do texto final”, acontece nesse momento em que os colaboradores conferem o texto, dando a ele legitimidade ou não, reconhecendo-se ou não na história transcrita. Diante da generosidade, tanto na conversa que tivemos como nos comentários enviados pelo e-mail em resposta ao envio do texto, considere o capítulo pronto para ser apresentado.

Oi Tê... Acabei de ler... achei ótimo!!! Achei que o texto está bem fiel ao depoimento e a transcrição reproduziu uma catarse, fugindo aos tradicionais modelos de transcrição de depoimentos. Sua transcrição certamente daria uma bela peça teatral. Agradeço o convite e por eternizar uma parte da minha vida!!!
Grande beijo, André¹⁴

Teresa,

O tema do trabalho a ser abordado a qual eu fui entrevistado era algo muito íntimo, algo que poucas pessoas conhecem, fiquei feliz de ler tudo que eu falei e não me importar que isso seja divulgado, pois se fosse a anos atrás, eu já estaria desesperado, foi algo que superei e estou super feliz com isso, pois já sofri muito por reprimir meus sentimentos e desejos! Teve vários momentos onde eu li e fiquei pensando no passado, como as coisas aconteceram e que eu podia ter agido de outra maneira, em alguns casos sendo mais firme e em outros sendo mais compreensivo, mas essa sensação de ler o próprio depoimento é algo mágico, eu gostei, dá para refletir sobre nós mesmo! É muito diferente pensar naquilo que falamos, do que ler e refletir novamente, eu até pensei que em certas situações da vida, devemos andar com um gravador como um diário e depois transcrever, para ter a sensação de ler nossas palavras! Obrigado por essa oportunidade que recebi, espero que meu depoimento vá ajudar outras pessoas, mesmo que seja uma!¹⁵ Abç, Willian

¹³ O Projeto Memória Viva, produz, a partir de depoimentos, documento oral para pesquisa, documentários que podem ser acessados em www.memoriaviva.sp.gov.br

¹⁴ E-mail recebido em 20 Julho 2012, 18:56

¹⁵ E-mail recebido em 23 de Agosto de 2012, 22h13

Entreguei o texto para algumas pessoas lerem. Muitos me perguntam: você vai montar a peça? Uma amiga, atriz, já quis levar para um diretor teatral conhecido... Penso que o texto escrito com as falas dos meus depoentes terá, sim, um espaço nos palcos da vida e poderá cumprir sua tarefa de levar a fala dos meus quatro colaboradores para outros espaços, outros momentos, novos públicos, como aponta William: “espero que meu depoimento vá ajudar outras pessoas, mesmo que seja uma”. Contrapor essa fala aos programas de TV talvez seja um bom caminho para fazer pensar. Uma busca rápida em sites de piadas é o bastante para reunir os modos como os negros e *s* de nosso país estão sendo referenciados.

A maneira como alguns programas de TV se apresentam me leva de volta às palavras de Veiga-Neto (2003, p.6): “Enfim, à conhecida pergunta de Nietzsche ‘que estamos fazendo de nós mesmos?’, proponho que se acrescente ‘que estão fazendo de nós mesmos?’”. Se deixarmos que façam de nós o que é posto pelas armadilhas capitalistas, vamos criando (im)possibilidades de viver, sobrevivemos com o mínimo necessário, presos a desejos outros criados pela mídia, que pauta formas outras de relacionamentos a partir de padrões racistas e excludentes.

Voltei aos meus tempos de palco, onde eu corajosamente decorava, improvisava, me transformava nas personagens. Hoje, vítima das muitas repressões vividas, não tenho mais essa coragem. Em seu lugar, escrevo; vivo o palco nas letras, crendo, ainda, no valor político dessas duas artes. Também invento políticas de fazer falar e produzir documentos orais contribuindo para a escrita de outras histórias silenciadas na história oficial.

A decisão por ouvir jovens negros e jovens *gays* deu-me elementos para trançar essa escrita. Gosto de ler pensando na vida. Tenho dificuldade em ler e entrar na leitura sem me envolver nas tramas do dia-a-dia. A possibilidade de me apropriar da fala dos meus quatro depoentes me inspirou a criar e escrever um texto que pudesse, também, ser uma militância dentro da tese. O palco volta à cena em minha vida, agora, como uma forma de atuar contra o racismo, de contribuir para levar a outros lugares a palavra viva, exata, a palavra de cada um deles. Furtei cada letra falada pelos meus depoentes e, no meu trabalho acadêmico, procurei juntar teoria e ação, inseparáveis que são no saber, e tentar fazer contribuir para essa difícil tarefa de fazer da vida uma obra de arte, como nos aponta Foucault. O primeiro capítulo é o espaço onde me aproveito, como quando se produz uma colcha de retalhos, das falas vividas pelos meus depoentes e das piadas disponíveis em sites da *Internet*. É fruto dessa parceria onde crio a possibilidade de encontro entre quem conta a piada e quem é motivo dela. Trancei os fios vindos das experiências desses quatro sobreviventes de um mundo duro, repleto de

palavras amargas e gestos agressivos que, embora muito difíceis, não lhes subtraíram o gosto pela vida, a força pela luta e a coragem de dizer a verdade sobre si. Esse capítulo tem a coautoria do André, do William, da Cinthia e do Davi.

O trabalho com a História Oral¹⁶ definiu-se a partir da solicitação para que falassem sobre as piadas que ouviam, sobre os apelidos que receberam, seja na escola, nos grupos de amigos e, ainda, na família. Como afirma Meihy (2005, p. 9),

Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, principalmente mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.

Lidar com o gravador, a pressa na escrita e o cuidado com o conteúdo exigiram enorme esforço. A etapa de transcrever as entrevistas foi demorada e curiosa. Queria chegar ao final. É muito estranho transcrever porque fala e escrita são situações muito diferentes e esse rigor da transcrição sempre me parece inútil. Mas, assim fiz.

Depois disso, na textualização, fui limpando os “nés”, os “então”, os risos marcados, as perguntas etc, dando outra possibilidade ao texto. Decidi separar as falas, já que as entrevistas foram feitas em duplas. A partir desse momento, não eram mais duas entrevistas, mas quatro sujeitos falantes cada um com uma narrativa sobre si.

O meu trabalho de transcriar nasceu de repente. Não era essa minha intenção inicial. Comecei esse exercício juntando as diferentes falas por temas, mas dentro de uma lógica mais estruturada e separada por duplas: a experiência dos meninos s separada daquela dos jovens negros, mas em cada uma aproximando temas, não respeitando a sequência das falas, mas separando em subtemas. Não sei exatamente como se deu a decisão de juntar as falas dos quatro e, com isso, elaborar o texto com características para uma montagem em linguagem teatral. Conforme eu lia, quanto mais eu os ouvia, mais eles se misturavam, chegando um momento em que não mais se identificava a autoria de certas falas. Quando me apercebi, estava na etapa de incluir as piadas, que, originalmente, haviam sido

¹⁶ Segundo Meihy (2011), pode-se utilizar para a pesquisa tanto a história oral de vida como a história oral temática. Em nosso caso, utilizamos a história oral temática, pois nosso interesse concentrou-se em solicitar a posição dos entrevistados sobre detalhes de sua vida pessoal que pudessem revelar a relação que tiveram com as piadas, os apelidos e toda sorte de experiências ligadas ou à homossexualidade ou à negritude, que pudessem ter sido motivo de riso. Nesse caso, a entrevista possui certo direcionamento, admitindo perguntas que possam esclarecer os fatos narrados.

selecionadas para compor o quarto capítulo. A possibilidade de me apropriar das falas e criar o texto teatral se deixou vislumbrar no espaço entre mim e minhas leituras. Inexplicável. Ato criador, livre. Esse trançado que se fez expressão me devolveu um antigo gosto por uma escrita que estava adormecida, porém viva em mim. Transcriar é a tarefa mais difícil, mas imensamente prazerosa. Resolvemos, Áurea e eu, incluir o CD com as gravações como anexo, uma vez que, ouvir muitas vezes pode trazer emoções que as palavras não conseguem exprimir e a banca pode sentir a necessidade dessa escuta. O áudio dos depoimentos estão disponíveis em <http://lugarnenhum418.com/teresa/>

O segundo capítulo, sugerido na qualificação, foi muito importante para mim. Realmente, conforme fui lendo a bibliografia indicada, concluí que não poderiam faltar as circunstâncias de como fomos formados, os mitos que construímos sobre nós, a maneira como nos vemos como brasileiros. Toda uma construção está presente alinhavando nosso jeito brasileiro de ser, nossas crenças, ilusões, a forma como falamos e vivemos, aprendidas nas diferentes experiências que tivemos.

Os próximos dois capítulos desse trabalho apoiam-se nas leituras feitas desde a minha entrada no doutorado. No terceiro capítulo, aponto para os risos e as formas como se expressam, baseada em alguns estudos e diferentes olhares; em seguida, no quarto capítulo, abraço o que consigo de Foucault, para dizer desse fascismo que nos assola a vida em detalhes que passam despercebidos, como, por exemplo, a programação de televisão, os espetáculos *stand up*¹⁷, que apontam para essa forma de olhar o outro e qualificá-lo como inferior a nós, como também as “brincadeiras que apelidam”¹⁸. Dá-me um aperto na garganta pensar em quantas crianças crescem ouvindo esse modo de falar sobre elas na sala de suas casas, penso no preço que se paga para assistir a esse tipo de espetáculo, o quanto as crianças negras, e aquelas que já se descobrem diferentes por não se reconhecerem no corpo que têm

¹⁷ Assim é explicado o que são os *stand ups*. Ele veio lá dos contadores de piadas de papagaio e monólogos de humor. E se caracteriza exatamente por não usar piadas e bordões, tratando sempre de temas atuais e identificáveis pelo público. Estamos falando do *Stand Up Comedy*, gênero que não para de crescer no Brasil e no mundo. Pra entender como funciona, vejam que o *stand up* tem algumas regras: é proibido o uso de maquiagem, de figurino, de cenários elaborados ou efeitos de som. E todo o conteúdo tem que ser criação própria do comediante! Ou seja, o comediante deve se apresentar totalmente como ele é, despido de personagens e invenções. Um fator importante é que esse tipo de show é muito viável para execução e venda. Tudo o que você precisa é de um palco, um microfone, um banquinho, e um comediante criativo (que acaba, às vezes, tomando o papel de técnico e produtor, além de diretor e roteirista). A identificação do público com os temas é muito grande. Como o comediante deve falar de fatos verídicos e comentar o cotidiano, todos se lembram de momentos do seu dia em que passaram por aquilo. Por essas e outras que esse gênero é tão adorado e tem crescido tanto pelo mundo a fora. Deixam nosso dia a dia mais leve, mais engraçado e bem menos estressante. É isso aí humoristas, continuem nos fazendo rir! Por: @MyaPacioni. Disponível em <http://www.standupcomedy.com.br/stand-up/>, dia 14 de setembro de 2012, 12h07

¹⁸ Sempre que se repreende uma criança por conta dos apelidos, a resposta que aparece é: *eu estava só brincando...*

sofrem ao ouvir falar sobre si do jeito que se fala. Sentir-se menos, inferior, olhar no espelho e se achar feia, ser dona de “cabelo ruim”¹⁹, não ter coragem de se expor em seus sentimentos, porque tudo que ouviu foram desafetos, são questões que tomam conta de mim e fazem desse trabalho, além de um trabalho da academia, um pedido de socorro: temos que fazer algo”²⁰.

Em meio a esta escrita, aconteceu, em Piracicaba, São Paulo, o 39º. Salão Internacional de Humor de Piracicaba²¹. Foram 3442 obras inscritas, elaboradas por 845 artistas de 64 países²². Dessas, um júri internacional selecionou 436 obras para exposição. Em divulgação do evento, reconhecido internacionalmente, podemos encontrar a valorização das caricaturas e charges e a chegada do tema intolerância:

Em meio às caricaturas recebidas, destaque para a presidente Dilma Rousseff, o atacante Neymar, o lutador de UFC Anderson Silva, o presidente sírio Bashar Al Assad e o humorista Chico Anysio, morto em março deste ano. No suporte tridimensional estão Raul Seixas, Hermeto Pascoal, Noel Rosa e até a figura de Nhô Quim, mascote do XV de Novembro de Piracicaba. Nas charges, os temas mais recorrentes possuem ligação com as redes sociais e o uso das novas tecnologias, os jogos olímpicos e os acontecimentos políticos brasileiros e internacionais (como a crise na Síria e os problemas financeiros na Europa). Os artistas gráficos também brincaram com o estilo cross-dressing de Laerte Coutinho, cartunista da Folha de S. Paulo. Além disso, problemas sobre sexualidade, religião e liberdade de imprensa aparecem no tema intolerância²³.

Interessante o tema da intolerância estar presente no Salão de Humor. Sinal de que é possível a contribuição do humor na formação de uma sociedade menos fascista? Poderia ser um ranço moralista que na expressão gráfica também tece algum tipo de julgamento?

¹⁹ Sobre esse tema indico a leitura de CABELO RUIM?, de Neusa Baptista Pinto, publicado pela Editora Tanta Tinta que conta a história de três meninas negras e pobres que enfrentam as manifestações preconceituosas com relação ao seu cabelo crespo.

²⁰ Sobre isso, a pesquisa relatada no vídeo disponível em http://www.youtube.com/watch?v=L5Qn3OJK_Z4, dia 08 de agosto de 2012, 10h04, pode nos ajudar a entender o conceito que as crianças negras vão formando de si mesmas pelo bombardeio que sofrem na apresentação que é feita sobre o negro, aparecendo sempre de forma a ser menos, inferior, feio etc.

²¹ Iniciativa nascida durante a ditadura militar que tomou grandes proporções e foi criado na cidade o Centro Nacional de Documentação, Pesquisa e Divulgação de Humor Gráfico de Piracicaba (CEDHU), um setor da Secretaria da Ação Cultural da Prefeitura de Piracicaba responsável pelo desenvolvimento de eventos – exposições, mostras, oficinas – relacionados ao humor gráfico. Todo ano organiza e promove o Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Atualmente está instalado em um prédio tombado pelo patrimônio histórico do município dentro do Parque Engenho Central. Desde 2003acontece o evento paralelo “Salãozinho de Humor”, com duas categorias: crianças de 7 a 10 anos e de 11 a 14 anos.

²² O Salão registrou inscrições de todos os Estados brasileiros e de países como Albânia, Bulgária, Chipre, Croácia, Grécia, Finlândia, Hungria, República Tcheca, Lituânia, Polônia, Romênia, Nova Zelândia, Rússia, Azerbaijão, Cazaquistão, China, Uzbequistão, Irã, Israel, Macedônia, Paquistão, Quênia, Sérvia, Sudão, Turquia, Ucrânia, entre outros.

²³ Disponível em <http://salaodehumor.blogspot.com.br/2012/08/salao-de-humor-tera-maior-mostra-da.html>, dia 08 de agosto de 2012, 12h19.

Mas pensar no binômio tolerância/intolerância com o apelo social que as múltiplas práticas reivindicam nos leva a Duschatzky, S. e Skliar, C.(2001, p.153): “Por um lado, a tolerância convida a admitir a existência de diferenças; no entanto, nesse mesmo convite reside o paradoxo, já que se se trata de aceitar o diferente como princípio, também se tem de aceitar os grupos cujas marcas são os comportamentos anti-sociais ou opressivos”. Dessa forma, as expressões gráficas que apresentam o outro como fonte de todo mal podem contribuir para nos impelir à xenofobia impressa no sexismo, na homofobia, no racismo e em tantas outras manifestações explícitas ou implícitas na escola, nas empresas, na mídia, nas famílias, nas piadas...

O quarto capítulo exprime minha aproximação com um referencial teórico que me cativa, me instiga, provoca, ao mesmo tempo em que nunca sei ao certo se alcancei cada conceito exposto. Cada página lida me leva a pensar em um milhão de coisas que poderia ter feito, escrito, incluído em minhas aulas ou nas oficinas junto aos educadores e jovens que participaram de minha vida profissional e ativista em tantos encontros e cursos. Tenho esse defeito de não conseguir me separar e me ater ao texto pelo texto. Isso me leva a ler muitas vezes e em cada uma delas ir marcando, a lápis, as passagens que me atraem. Com isso, não consigo retirar muitos livros nas bibliotecas. Interajo, rabisco, discordo, divirto-me. Nesse diálogo louco, entre mim e o autor, abuso da generosidade desses e aproveito-me do que Deleuze em conversa com Foucault (2003a, p. 37) assinalou: “Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de parede, e é preciso a prática para perfurar a parede”. Vou como uma furadeira, entrando junto nos buracos feitos no aperto do gatilho, e, quando vejo, estou por dentro, não apenas falando, mas vivendo. Misturo tudo: leituras, eventos, reuniões, debates. Entro nesse ativismo, de novo.

Capítulo 1 – O palco da vida: é pra rir?

Não com a ira se mata, mas com o riso.
(Nietzsche 1983, p.316)

(Texto elaborado a partir da História Oral de quatro jovens rio-clarenses acerca de suas diferenças e de como são tocados por elas. Piadas selecionadas nos sites citados após pesquisa no google).

Cenografia: caixas de papelão empilhadas, livros numa estante, cadeira de madeira, janela antiga ao fundo, escada de abrir, lanternas potentes (tipo holofote)

Iluminação: em meia luz, com focos nos personagens que aparecem quando as lanternas são dirigidas aos rostos de quem fala.

Figurino: personagens vestidos de preto com uma lanterna na mão

Personagens:

A – B – D - três personagens

P- um jovem contador de piadas (fica em cena o tempo todo, sentado no alto da escada. A cada vez que conta uma piada, as lanternas dirigem-se para ele),

N – Apenas a voz é ouvida. Pode ser um carro de som, jornal de TV ou anúncio de evento na rádio

D –

Atenção, atenção. Hoje na cidade teremos um espetáculo. Venha participar, ingressos à venda na bilheteria do teatro. A peça será muito divertida. Ela apresenta três jovens. Todos concluíram a faculdade e pertencem à classe média. São jovens negros e s, mas também poderiam ser pessoas que de alguma forma trazem em si uma diferença. Qualquer semelhança não é uma mera coincidência.

P –

Um fazendeiro muito rico foi buscar seu filho que havia completado o curso universitário no exterior.

Durante o trajeto até a fazenda o filho pediu ao pai:

- Ai "papa", levante o vidro! Está me despenteando!

O pai, invocado, levanta o vidro do carro.

Ele novamente pede ao pai:

- Ai "papa", apague esse charuto! Está me sufocando!

O pai, mais invocado ainda, apaga o charuto.

- Ai "papa", pare o carro! Quero fazer xixi!

O pai, rangendo os dentes de raiva, para o carro e diz ao filho:

- Desce e vai mijar! Se você se abaixar, te mato!!!

(Disponível em <http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/165461/>, dia 25 de Julho de 2012, 14h29)

Ouvi isso muitas vezes. É duro quando você ouve o jeito como as pessoas falam daquilo que você não consegue ainda assumir. Comigo aconteceu assim. Sempre que eu estava vendo jogo na TV com meu pai ele comentava: aí bichinha... sei lá o quê, blá, blá, blá... Eu pensava: não sabe de nada ainda, né? Eu pensava: Meu pai... não sabe o que tá falando. Num dia em que assistíamos um jogo na televisão, ele me disse que a filha do amigo dele estava ficando com uma menina e que o amigo estava tendo chilique, que havia até quebrado o celular dela. Nesse dia eu fiquei mais animado e pensei que quando eu contasse para ele que eu gosto de meninos, ele entenderia... Fiquei cheio de segurança para contar, achei que ele compreenderia que essa força é maior, que não é uma escolha... mas foi um desastre. Nunca vou me esquecer da cena. Depois que contei, eu estava chorando e mesmo assim ele me chamou na cozinha, pegou uma bolacha, e falou: você deixou meu coração assim, ó, e deu um murro na bolacha. Depois desse dia em casa o clima é horrível.

D –

De todo lado há diferença de tratamento e na família não é diferente. Meu pai nunca se sentiu com muita autoridade, acho que porque sempre teve uma vida paralela, sempre faltou em casa, sempre foi muito ausente. Um dia fui na casa dele, já com meu atual companheiro e percebi que ele sabia, que até gosta do Marcos. Tanto meu irmão, como minha irmã dão muito trabalho para meus pais, então eu acabo sendo o menor problema... Mas eu sou um problema?

P – O pai entra no quarto do filho e vê um bilhete em cima da cama. Ele vai até lá, já temendo o pior, e começa ler o seguinte: "Caro Papai, É com grande pesar que lhe informo que eu estou fugindo com meu novo namorado, Juan. Estou apaixonado por ele. Ele é muito gato, com todos aqueles "piercings", tatuagens e aquela super moto que eu adoro.
Mas não é só por isso. Descobri que não gosto de mulheres e como sei que o senhor não vai consentir, vamos fugir e seremos muito felizes num "trailer". Ele quer adotar filhos comigo, e foi tudo que eu sempre quis para mim. Aprendi com ele que maconha é ótima, é uma coisa natural que não faz mal pra ninguém. E ele garante que no nosso pequeno lar não vai faltar marijuana.
Juan acha que eu, nossos filhos adotivos e os seus colegas "gays" vamos viver em perfeita harmonia.
Não se preocupe papai, porque eu já sei me cuidar. Apesar dos meus 15 anos, já tive várias experiências com outros caras e eu tenho certeza que Juan é o homem da minha vida.
Um dia eu volto, para que o senhor e a mamãe conheçam os nossos filhos.
Um grande abraço e até algum dia.
Com amor, Seu filho"
O pai, quase desmaiando, continua lendo.
"PS: Pai, não se assuste. É tudo mentira e estou na casa da Mariana, nossa vizinha. Só queria mostrar pro senhor que existem coisas muito piores que as notas vermelhas do meu boletim, que está na primeira gaveta.
Abraços, Seu filhão. Burro, mas macho."
(Disponível em <http://ainanas.com/loIIII/carta-ao-pai/>, dia 25 de julho de 2012, 17h40)

A -

Minha irmã é a mais difícil. Vive me xingando, ao mesmo tempo ela me vê como um grande exemplo para a filha, de quem sou padrinho. Quando ela quer me ofender ela me ofende pela sexualidade. Chama-me de bicha, xinga meu namorado... As famílias têm medo de ser discriminadas por terem um entre elas. A polêmica sobre a cartilha contra a homofobia do Governo Federal foi em cima da questão da homossexualidade e dos aspectos preventivos da droga dentro da escola. São dois temas que dá pra ver o quanto a nossa sociedade é moralista. Mesmo sabendo que dentro de casa não tem informação, fico esperando que algo aconteça. Só depois que é agredido ou agride um , ou experimenta uma droga que a família acorda. Pai e mãe têm que ser alguém que retém melhor os seus preconceitos, justamente para não transmitir isso para as crianças. Muita gente pensa que só de falar de homossexualidade faz como que o filho se torne , ou falar de droga dentro da escola está incentivando o filho a usar. É o contrário. Algumas coisas você pode, outras não pode experimentar. Eu acho que é legal experimentar ficar com um homem, pra ver se realmente gosta, no caso de um menino, uma menina experimentar ficar com uma menina e saber se é isso. Qual é o medo disso? Parece que você se torna sujo. A mídia debocha tratando da união entre homossexuais como se fosse casamento na igreja, com vestido de noiva e tudo...

P -

Um senhor estava no ponto de ônibus, fumando o seu cigarrinho, quando chega uma bicha e fala:

-Apaga esse cigarro, meu bem! Você vai acabar morrendo por causa dele. . .

O senhor então, olha a bicha de cima a baixo e diz:

-É melhor fumar que dar o . . .

A bicha, ofendida, pergunta:

-Por que o senhor diz isso?

Eis que o senhor responde:

-É melhor fumar que dar a bunda, porque fumando eu mancho só o pulmão e dando o rabo eu mancho o nome de toda a família!

(Disponível em <http://pcpinheiro.dihitt.com.br/noticia/piadas-de-bicha-2>, dia 25 de Julho de 2012, 18h)

B -

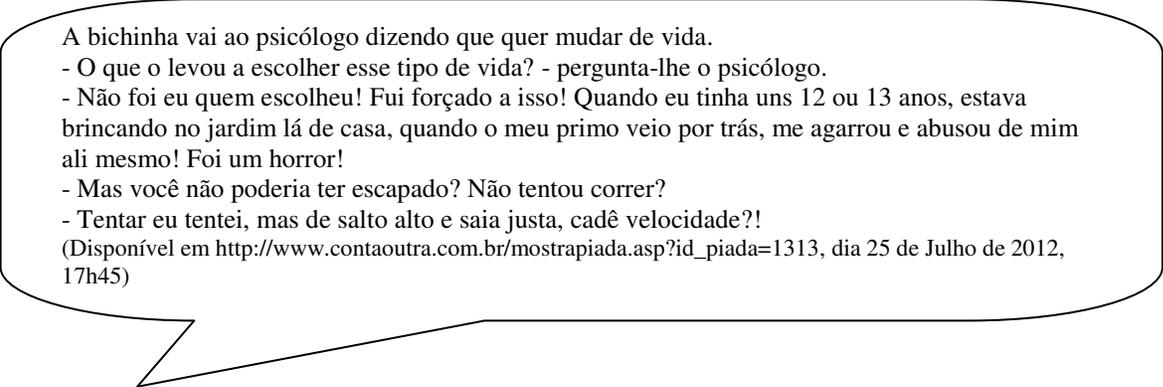
Um aluninho falou assim: é que a Dilma aprovou o casamento *gay*. Aí eu falei: por quê, o que é que você tem contra, quais são seus argumentos? Vai falando, dê um bom motivo... Ele ficou quieto olhando pra mim e disse: ah, é que não é legal. Mas quais são os argumentos? Por quê? Qual o

motivo? Ele não conseguiu responder e ficou claro que ele estava repetindo o que ouviu em casa. Ele ouviu o pai falando que não era certo e tava repetindo.

D-

Com 17 anos eu fiz minha única tentativa de namorar uma menina. Eu queria saber se eu era homo ou hétero. Ficamos naquela coisa de tato, de sentir, de beijar, por isso eu falo que eu sou virgem, porque eu nunca transei com uma mulher. Logo em seguida, tive meu primeiro namorado. Foi ele que tomou a iniciativa de chegar em mim.

P-



A bichinha vai ao psicólogo dizendo que quer mudar de vida.
- O que o levou a escolher esse tipo de vida? - pergunta-lhe o psicólogo.
- Não foi eu quem escolheu! Fui forçado a isso! Quando eu tinha uns 12 ou 13 anos, estava brincando no jardim lá de casa, quando o meu primo veio por trás, me agarrou e abusou de mim ali mesmo! Foi um horror!
- Mas você não poderia ter escapado? Não tentou correr?
- Tentar eu tentei, mas de salto alto e saia justa, cadê velocidade?!
(Disponível em http://www.contaoutra.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=1313, dia 25 de Julho de 2012, 17h45)

B –

Minha mãe também não aceita. Em casa só meu irmão de 17 anos é que me trata igual, sem problema. Eu entendo que pra eles é difícil, mas para mim também é, poxa!

Um dia minha mãe disse: Filho, o Pedro é meio padre? Minha família é católica e a melhor coisa que eu poderia ter feito foi devolver a pergunta pra ela: você me acha padre também? Percebi que o olho dela se encheu de lágrimas e ela disse: isso me preocupou muito, hoje não me preocupa mais, porque eu entendi que você se tornou um grande homem assim, eu sei que mesmo você sendo muito novo eu entendo que você é muito responsável, que você sabe enfrentar, hoje você tem o convívio com todas as pessoas, nunca se envolveu com nada de ruim, então não me preocupa mais. Aí eu falei: então, não se preocupe em saber se a pessoa é ou não, porque a senhora já tem a resposta, assim como a senhora sabe de mim. Então esse foi o meu jeito de contar, de revelar para minha mãe que eu era , sem crise e formalidade. Para ela ser padre não é uma coisa ruim... Ficou tudo bem resolvido.

A –

O pior é o clima que fica quando aparece uma notícia de TV ou falando qualquer coisa, vira aquele silêncio constrangedor, ninguém fala nada e todo mundo olhando pra TV, até que a notícia sai e entra outra pra poder conversar. Fiquei arrasado. Como faz pouco tempo, ainda é um tabu em casa. Já perguntei para alguns colegas sobre esse clima da sala das casas, e com eles também acontece a mesma coisa.

D –

E tem o lance dos personagens de TV. Eu peguei a época que era aquela novelinha Carrossel e tinha o Cirilo. Tenho amigos que o apelido é Cirilo até hoje. Tudo que acontece: Ah... é o Cirilo. Eu odiava, não assistia Carrossel por causa do Cirilo. O que eu sei é que era o único menino negro que tinha na sala de aula. Ele era bonzinho, mas só ele era negro.

Eu fico muito bravo quando aparecem algumas coisas na televisão. Você pega o Rafinha Bastos, que é um cara que todo mundo assiste, hoje ele está na mídia, a minha preocupação não é tanto comigo, se eu encontrar esse cara na rua eu dou uns tapas nele, mas e a criancinha que está assistindo? Porque ela tá assistindo, e se o cara tá falando, é isso mesmo.

Queira ou não, vai fazer algum efeito, ela vai aprender aquilo lá e vai tomar aquilo como correto, a televisão está me passando isso. E a gente não consegue cortar isso. Quando alguém brincar com ela, ela vai dar risada. Aquele da mulher feijoadada, no Silvio Santos, é para acabar.

P -

O rapaz resolve reunir toda a família para revelar uma informação de extrema importância. No dia combinado, chegam tios, tias, primos, avós que se espremem na sala, aguardando ansiosamente a notícia.

Na hora H, ele aparece e diz:

- É o seguinte, gente! Vou ser curto e grosso: é que o meu médico falou que eu vou morrer daqui a seis meses!

Foi uma choradeira terrível, todos queriam abraçá-lo, beijá-lo e dizer o quanto o amavam, até que alguns minutos depois, outra revelação:

- Gente, calma! Era brincadeira! Eu só queria dizer que eu sou *gay*!

(Disponível em <http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?Noticia-Triste>, dia 25 de Julho de 2012, 17h24)

A –

Meu pai é negro e minha mãe é branca. Um lado da família é negro e outro lado é inteiro branco. Eu sempre fiquei em cima do muro, você vai de um lado é uma coisa, vai de outro... E a cultura também é diferente, a família da minha mãe é mais tranquila, todo mundo mais de boa, a do meu pai um agito. Acabei absorvendo muito.

Não só para você, mas você vai ter filho e ele vai sofrer com aquilo, por uma coisa que você plantou lá atrás. Não tem jeito. Vê ali, já grava ali, pra poder contar no serviço depois. É rir de alguém.

P -

Um macaco ao atravessar um rio cheio de piranhas ficou sem o rabo!!! No outro lado estava ele a se lamuriar, chorar,... Nisto chega o leão, e pergunta por que toda aquela choradeira. O macaco mostra a desgraça que lhe aconteceu. O Leão mostra que também esta sem rabo pela mesma razão.

O macaco não se conforma com a desgraça do leão e retruca:

-Você sem rabo tudo bem, mas eu sem rabo viro um negrão!!!!

(Disponível em <http://westwood.fortunecity.com/farhi/478/pracista.htm>, dia 25 de julho de 2012, 17h29)

N – (Como se fosse um carro de rua anunciando a chegada do show na cidade)

Atenção, atenção, hoje a noite você não pode perder o melhor show dos últimos tempos. Estará na cidade o Proibidão. Você vai ouvir e rir muito com as melhores piadas que foram selecionadas especialmente para o show. Só não vale reclamar de racismo pois na entrada do show você deverá assinar um termo de concordância com o que vai ouvir, se não assinar nem entra no recinto. Atenção, atenção, hoje à noite você não pode perder o melhor show.....Disponível em <http://piadas.terra.com.br/0,1909,p1101,00.html>, dia 25 de Julho de 2012, 17h 42

D –

Na infância convivemos com outras crianças que ofendem, que fazem chacota no sentido pejorativo, ofendendo a outra, chamando de zinho. A infância determina muitas coisas da pessoa adulta. Você acaba aprendendo a ser pelo jeito que te tratam. Essa é a história dos abusadores, muito dessas coisas determina a formação do indivíduo. Eu acho que é pior na infância. Porque a criança que xinga aprendeu com os pais. A criança que é preconceituosa, que faz uma brincadeira maldosa, é porque ouviu dos pais uma piada assim. A criança não sabe o que é o que não é. Ela repete isso, reproduz isso para outro porque ouviu o pai, a mãe falando daquela forma. Eu me lembro com dor de coisas da infância, de coisas relacionadas à infância. Acho que na verdade hoje eu sou muito menos emotivo pra algumas coisas assim. Incomodam injustiças, algumas coisas, mas respondo de outra forma. Mas quando criança, você não sabe responder, não sabe lidar, você...

P -

O diretor de um colégio interno chama em sua sala um garoto, recém-admitido, e o informa:

- Meu filho, tenho boas e más notícias para lhe dar.

- O senhor pode começar pela má notícia? - Pede o menino.

- O seu teste psicológico acusou uma forte tendência homossexual em sua personalidade.

- E a boa notícia?

- Bom. . . É que você é uma gracinha!

(Disponível em <http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-bichas>, dia 25 de Julho de 2012, 14h42)

D –

Na adolescência, quando as coisas começam a ficar mais claras, principalmente na identidade sexual e a gente começa a ter consciência de que as pessoas estão falando da gente, que é você a piada...*essa piada então é pra mim?* Você começa a entender que algo está sendo feito pra te provocar, pra te cutucar... A gente se retira, mas não enfrenta. A gente não sabe lidar com isso. De fato a gente tem pouco conhecimento. Eu pelo menos, me via desse modo. Eu não sei o que está acontecendo comigo... Eu não sei por que eu olho para um menino e não olho para uma menina. Eu não sei porque que me atrai de uma forma que não atrai de outra. Então, por esse desconhecimento, a gente acaba se alienando, sofre, se afasta.

P –

Rogério virou bicha quando era adolescente mas, quando fez 24 anos, cansou dessa vida. Resolveu voltar a ser macho. Para isso fez uma terapia intensiva, vendo revistas de mulheres peladas, frequentando agências de modelos, boate de strip-tease, etc. Meses depois de voltar a ser homem, ele começou a sentir uma forte dor no saco. Foi até o médico e este falou que era problema de próstata. Tinha que fazer o exame pra checar. Então Rogério ficou na posição de exame e o médico colocou o dedo em ação.

- Ai! - Sussurrou Rogério.
E o médico colocou mais fundo.
- Ahhhhh! - Gritou Rogério.
- Está doendo? - Perguntou o médico.
- Ahhhhh! Meu coração!
- O que foi? Você é cardíaco?
- Não. . . É que bateu uma saudaaade da adolescência!
(Disponível em <http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-bichas/>, dia 25 de Julho de 2012, 14h35)

B –

Eu vivia um clima de incerteza e me perguntava será que descobriram alguma coisa? Será que essas piadas são alguma indireta? Isso era coisa da minha cabeça, nem era pra mim... era medo mesmo. O riso tem esse poder de deixar a pessoa constrangida, acuada, com medo de ser exposta.

Ficava magoado com isso, ficava na minha, triste, tinha receio das brincadeiras. Eu tinha 15-16 anos e não tinha mais dúvida de que preferia os meninos às meninas. Essa certeza me dava medo de fazerem chacota comigo. Isso ficou explícito quando contei para minha amiga ainda no ensino médio. Ela levou um susto e disse: Você é ?nem parece...Para as pessoas o tem que ter trejeito, se vestir de mulher... há uma confusão.

Acho que por isso que sempre fui tímido, só me soltei depois que resolvi assumir. Fiquei mais comunicativo, eu dou minha opinião, eu falo. Agora, eu tento também, por exemplo, se tem uma opinião contrária à minha, não ridicularizar ela, antes eu nem conversava.

Uma vez, andando no corredor da escola eu escutei um grupinho cochichando e depois rindo, eu perdi até o passo. Pensei: é pra mim... hoje acho que nem era, era minha cabeça mesmo que sempre tinha medo de que esse segredo fosse revelado. Quando eu era adolescente eu era enrustido na minha homossexualidade e me chateava muito o medo das pessoas descobrirem a minha verdade.

B –

Na adolescência era mais difícil chegar numa pessoa, conversar, começar um papo, sempre fiquei quieto, na minha, na adolescência inteira. Pra paquerar era a coisa mais difícil do mundo. Hoje em dia é muito fácil. Mas antigamente, era complicado.

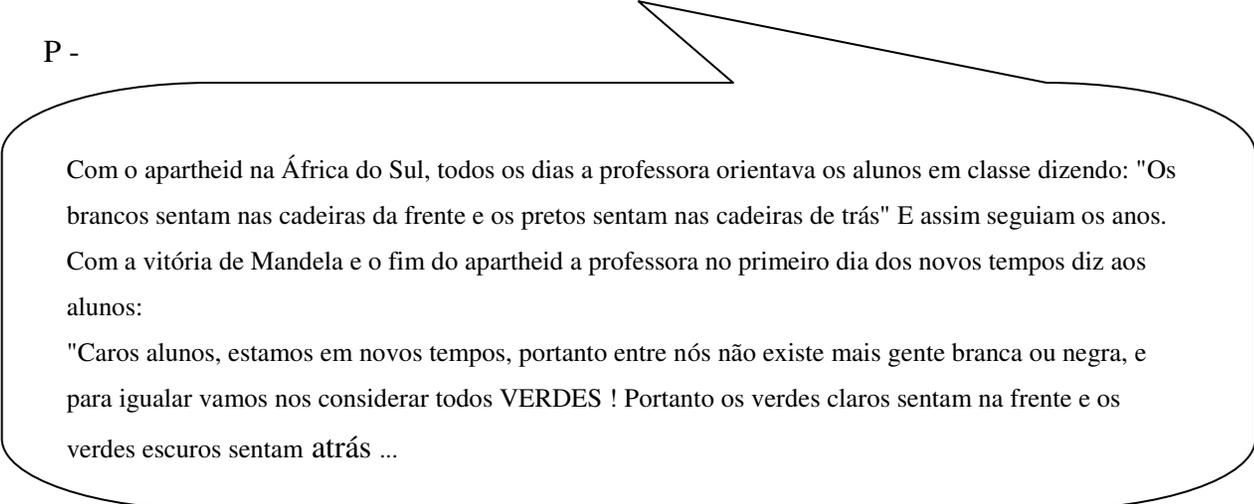
Não me lembro de achar que era coisa errada, desde a sexta, quinta série, eu já sabia. Só que eu sempre fui na minha. Meu pensamento é que eu gostava de homem e de mulher. Hoje a galera chama de adolescente quem é bi. Eu não sei ainda. Eu tenho as minhas opiniões. Mas acho também que pode ser isso. São raros os casos de um adulto que seja assim bissexual. A maioria é enrustido. Faz uma família, mas é.

A –

Quando se é criança a gente não sabe se defender ainda, no ambiente familiar acaba sendo mais leve, então fica mais protegido, por mais que tenha uma pequena consciência das coisas, a gente é mais indefeso. Quando é criança é mais complicado. Depois que cresce, é difícil absorver, a gente sabe lidar, sabe não devolver, sabe como se portar deixando bem claro para outra pessoa que não foi legal, que ela pisou na bola.

Tem muita gente que faz e não faz ofensivamente, só que é uma coisa que já vem de berço, vem de casa. A pessoa conta a piada e, às vezes, pra ela não é para ofender, para ela é só uma piada mesmo. Nem ela sabe o significado do que está falando. Só quem é que... Putz... Às vezes quando você é criança, você não saca o negócio, depois quando você cresce você fala: ah não, esse cara não pode falar isso de mim, esse cara tá louco. Muita gente que faz, não faz para ofender, mas infelizmente, faz por naturalidade, que é uma coisa que já vem lá de trás.

P -



Com o apartheid na África do Sul, todos os dias a professora orientava os alunos em classe dizendo: "Os brancos sentam nas cadeiras da frente e os pretos sentam nas cadeiras de trás" E assim seguiam os anos. Com a vitória de Mandela e o fim do apartheid a professora no primeiro dia dos novos tempos diz aos alunos:
"Caros alunos, estamos em novos tempos, portanto entre nós não existe mais gente branca ou negra, e para igualar vamos nos considerar todos VERDES ! Portanto os verdes claros sentam na frente e os verdes escuros sentam atrás ...

D –

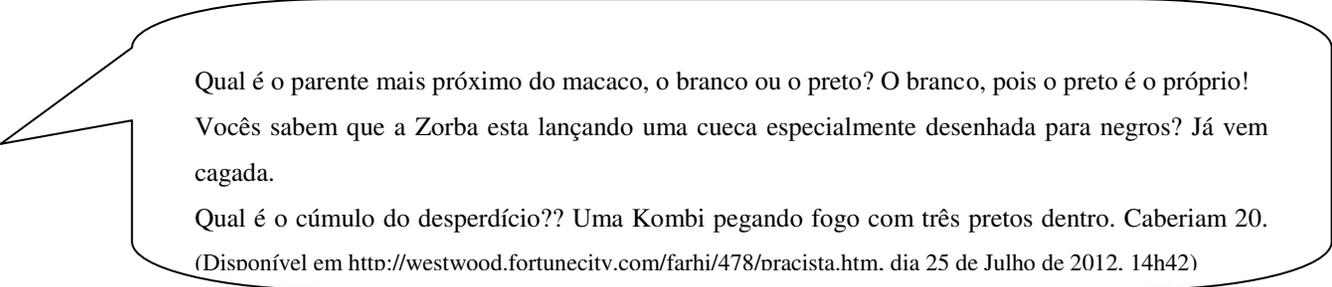
Fui chamada de Bombril porque tenho o cabelo negro, meu pai é negro. Tem muita piada de negro, acho que mais até. Fui uma criança que não tolerava, se eu não gostava ou não concordava com o que estava acontecendo, eu descia o braço. Lembro-me de que no pré III teve uma atividade e eu me ofereci para deitar sobre o papel e meus amiguinhos contornarem o meu corpo no papel. Durante a atividade um menino bem lourinho e de olho claro me chamou de macaca. Eu nem pensei, levantei e enfiei o lápis nele. Num outro dia uma menina me chamou de “macaca quatro olhos”, e eu bati nela também. Sempre fui briguenta, e aí as pessoas começaram a não brincar comigo por causa da minha forma agressiva, e não porque tinham consciência de que aquilo que faziam era errado. Minha mãe sempre era chamada na diretoria.

Na sétima série, uma menina da sala me ofendeu e eu cheguei em casa chorando, desesperada. Eu estava cansada dela tirar sarro de mim. Meu pai foi na casa da menina tirar satisfação, nossa, virou uma briga, aí o pai dela ofendeu meu pai, xingou ele de macaco, o pai da menina teve a mesma atitude da menina, então quer dizer, se ela fez o que fez, aprendeu com quem? A partir desse fato achei melhor deixar quieto.

Minha mãe me orientava a não deixar ninguém me ofender. Ela dizia: se alguém te chamar de macaquinha, negrinha, você pode bater. E eu batia mesmo. Eu usei colete pra coluna por um tempo, aí era mais um motivo.

Eu saía descendo o braço por tudo, eu batia se me chamasse de negra, batia porque me chamavam de quatro olho, por tudo, mas enfim, era uma semana de risadinha, aí pronto acabava, na outra semana já não tinha mais.

P -



Qual é o parente mais próximo do macaco, o branco ou o preto? O branco, pois o preto é o próprio!
Vocês sabem que a Zorba esta lançando uma cueca especialmente desenhada para negros? Já vem cagada.
Qual é o cúmulo do desperdício?? Uma Kombi pegando fogo com três pretos dentro. Caberiam 20.
(Disponível em <http://westwood.fortunecity.com/farhi/478/bracista.htm>. dia 25 de Julho de 2012. 14h42)

D –

Quando eu era menor eu percebia deboche contra negro e saía no braço. Agora entra por um lado e sai pelo outro, acabei me distanciando.

Sempre fui a única negra da classe, até na faculdade. Só na oitava série que tinha a Noeli, que depois também saiu. Então sempre fui aquela que fica no cantinho, a mais excluída, e sempre tem algum comentário mesmo sendo boa aluna.

Quando eu era criança tive uma amiga branca. Estudamos desde o prezinho até a 8ª. série. Eu tinha uma bebezona branca e ela uma negra. . Nem eu nem ela queríamos trocar. Não sei se pela amizade, eu via ela na boneca e ela me via na boneca, não sei, mas a gente sempre foi muito apegada. Até hoje ela adora negro. Uma outra amiga, quando era pequena não se via como negra e ela é bem negra. Uma vez ela estava se maquiando e passou alguma coisa branca na cara pra ficar branca. Essa teve que fazer um tratamento psicológico porque não se via como negra, se via como branca, e até hoje ela não tem envolvimento com o negro, não frequenta um samba, um pagode, não se envolve com gente negra. Eu vejo ela mais com gente branca.

P -

Um garoto negro pinta o rosto e vai mostrar ao pai:

__ Olha pai, agora eu sou um menino branco!

__ Deixa de ser ridículo __ diz o pai, e lhe dá um puxão de orelha. Ele sai gritando e vai mostrar para a mãe:

__ Mãe, olhe! Agora eu sou branco!

__ Você não tem senso de ridículo não, menino __ diz a mãe__ e lhe dá um bom tapa.

Ele sai aos pulos, e vai falar com o tio:

__ Tio, tio...agora eu estou branco, olhe...

__ Larga de ser besta, moleque __ esbraveja o tio, e lhe dá um pontapé.

O garoto sai de lá reclamando....

__ Não faz nem dez minutos que eu virei branco e já estou com uma bruta raiva destes pretos.....

(Disponível em <http://westwood.fortunecity.com/farhi/478/pracista.htm>, dia 25 de julho de 2012, 14h40)

B –

Comigo também teve esse lance. Até os meus 12 anos eu não tinha amigas negras, só brancas. Eu gostava de sertanejo, ia para o rodeio. Não é porque eu não gostava de negro, eu não me via negra.

A nossa pele negra não deixa a gente fingir que não é negro, não tem escapatória. Deve ser difícil ser homossexual, ter que guardar tudo, não poder se soltar nem para a família. A gente não tem o que esconder, não tem o que fingir...

Penso muito na educação do meu filho. Um dilema muito grande é escolher a escola, pois o melhor ensino está na escola particular. Se você tem condição, você vai colocar o seu filho na escola particular, seu filho é negro, quantos negros ele vai encontrar lá? Tudo isso que a gente passou a gente tá jogando no nosso filho lá para ele passar também. Então não, vou deixar ele aqui na escola pública que tem um monte de gente, filho de conhecido nosso que vai tá ali, mas o ensino a gente sabe que não é bom. E aí o que a gente faz? Eu falo que eu vou ensinar meu filho a brigar sempre que ele ouvir certas palavras. O diretor pode me chamar porque meu filho bateu no fulano. Mas se ele bateu é porque ele ouviu macaco ou ele ouviu preto safado..., a gente tem que ensinar eles a se protegerem, não adianta. Mas é muito complicado, a gente vai pegar e jogar no meio dos leões.

P -

Um menino judeu e preto chegou pra mãe e perguntou:

- Mãe !! Eu sou mais preto ou mais judeu???

Ao que a mãe não entende a pergunta...

- Porque meu filho??

- Fala mãe!! Mais preto ou mais judeu??

- Sei lá, meu filho, mas... POR QUÊ???

- E que um amiguinho meu do colégio esta vendendo a Bicicleta, e eu não sei se eu pechincho ou se eu roubo!!!

(Disponível em <http://westwood.fortunecity.com/farhi/478/pracista.htm>, dia 25 de julho de 2012, 14h39)

B -

Eu acho que tem pessoas que valorizam a comunidade branca, mais elitizada e melhor. Então se ele conseguiu ter um status que dê para ele entrar nessa comunidade, aí ele esquece que ele é negro. Tem negro preconceituoso também, todo negro que sobe um pouquinho na vida esquece que é negro. Acho que têm outros que não, por medo de perder um cargo, medo de não conseguir tal emprego, de ficar militando, batendo de frente, ficar aparecendo... Eu acho que tem um pessoal que por temer perder

uma condição individual de vida, ele acaba deixando de lado. Realmente não é fácil. Mas é certo?

P -

Um negão ganhou na sena e chegou logo para o cara que era mais rico da cidade e disse:
Agora eu sou igual a você, porque tenho muito dinheiro.
o cara respondeu: Igual nada, porque eu tenho uma mansão...
Ai o negão comprou um terreno ao lado do cara rico e construiu uma mansão do dobro do tamanho do vizinho e falou:
Agora eu sou igual a você, pois também tenho uma mansão enorme...
O cara respondeu: Igual nada, porque eu tenho 3 carros na garagem...
Ai o negão comprou 6 carros, chegou para o vizinho e disse:
Agora eu sou igual a você, pois também tenho um monte de carros ...
O cara respondeu: Igual nada, agora você e melhor...
O negão encheu-se de orgulho e falou: porque tenho mais carros?
Não, é porque você tem um vizinho branco, e eu tenho um vizinho negro.
(Disponível em <http://westwood.fortunecity.com/farhi/478/pracista.htm>, dia 25 de julho de 2012, 14h55)

B -

Outro dia eu ouvi uma pessoa falando que a empregada não pode morar na casa dela, porque não tem nada a ver a empregada morar perto do patrão, tem que morar em bairros totalmente distintos, porque não dá certo morar no mesmo bairro, porque o bairro que ela morava antes era cheio de condomínios e não sei o quê, porque a empregada morava lá não sei onde, lá na periferia, e assim que tem que ser pra manter o respeito. Eu acho isso um absurdo, outra realidade. Eu não gasto meu tempo conversando, tentando explicar, tentando argumentar, não vai mudar. Saímos numa revista mostrando negros com algumas vantagens de faculdade, beleza etc, mas a nossa comunidade não vê, pra ela não ajuda em nada isso. É para certa parcela da população mais elitizada, falei que sou enfermeira num bom hospital daqui, negra e bonita e que o Davi é geólogo, trabalha na Universidade. Eu acho que é importante mostrar para esse pessoal que a gente pode ser diferente.

P -

Se um preto e um português jogam bola num lixão, quem ganhará o jogo?
O preto pois está jogando em casa!!!!
(Disponível em <http://reocities.com/capecanaveral/hall/8412/racista.htm>, dia 25 de Julho de 2012, 17h30)

D –

Quando aparece na TV, e aparece a toda hora, algum , fica um silêncio que dá medo... os programas de TV exageram, colocam o sempre como muito afeminado e isso assusta as pessoas. Todo mundo fica achando que ser é querer ser mulher e isso não tem nada a ver.

Tem uma diferença entre os programas de humor feitos por s e por héteros. O humor feito por um hétero parece que é contra o que é uma caricatura que confunde. Tem humorista que faz um humor que é legal, que leva na verdade, que mostra que tem inteligência, que é capaz de desenvolver seus projetos, é capaz de se transformar em pessoa tão respeitada quanto um hétero, mas tem outros que deboçam, escracham.

Tem um exagero de trejeitos. Isso acaba dificultando o relacionamento doem casa. Todo pai e mãe, quando pensa que o filho pode ser ou percebe que o filho é homossexual, tem o medo de o filho querer se vestir como mulher, é o medo de ele querer se travestir e que não necessariamente está relacionado à identidade homossexual porque essas são escolhas e a pessoa é heterossexual e se traveste, eu já vi algumas histórias. Então, acho que na verdade o medo é esse, de ficar uma coisa assim... que o filho vai rebolar, que ele vai ser motivo de chacota. Acho que é isso que incomoda o pai e a mãe, pelo menos do que eu entendo dos meus, acho que foi este o medo deles.

A –

? De negro não é diferente... Vi na televisão, num domingo de tarde, num concurso de *stand up*, com um dos concorrentes negro. Ele fazia piada sobre negro, usando a pessoa dele com uma naturalidade que eu achei absurda. Um negro contando piada de negro. Teve umas coisas que eu até achei legal, fez algum sentido, mas na maioria das coisas ele se colocava abaixo de nada. Ele e mais todo mundo. Eu me senti ofendida e inferiorizada. Se um negro fala isso dele mesmo, então o que pensa quem está assistindo? Se o cara fala isso dele mesmo, qualquer um pode falar o que quiser. Acho incrível uma pessoa que se coloca nessa situação de querer ganhar, se promover em cima de uma coisa que é prejudicial pra ela mesma. É apelo de uma forma desnecessária.

P -

O negão estava andando com seu BMW novinho pelas ruas da cidade quando, de repente, um pneu furou. O negão parou o carro para trocar o pneu. Quando estava tirando o pneu furado, passou outro negão pela rua que, ao ver o carro, parou do lado do mesmo e deu uma bela porrada no vidro, reduzindo-o a cacos. O dono do carro ficou furioso:

- Que é isso? Olha o que você fez, seu filho da puta! Vou te dar uma porrada também!!!

O outro negão respondeu:

- Calma! Pode roubar o seu pneu sossegado. Eu só vou levar o toca-fitas...

(Disponível em <http://pretroveio.blogspot.com.br/2011/06/piadas-de-pretos.html>, dia 25 de Julho de 2012, 17h32)

B -

O pessoal não consegue ver a base, não enxerga a base da população. Uma coisa que eu vejo discutindo lá é que esse governo que a gente passou e está continuando agora, não foi bom para nossa classe, porque nosso poder aquisitivo não mudou em nada, foi bom só para quem não... só pra aquela pretada que mora nos barracos. E tá errado fazer isso? Pra você que já tem um bom poder aquisitivo, não foi bom porque não aumentou seu poder aquisitivo que já é bom. Não é que melhorou pra quem tinha pouco, deu pra quem não tinha. É, meu, tem gente que não consegue enxergar que tem grande parte da população que vive outra realidade.

Tem muita curiosidade entre a galera. Todo mundo fica muito curioso. Meu melhor amigo de classe é o mais preconceituoso. Mas para fazer trabalhos a gente se dá bem. Eu sempre lutei pelos direitos, sempre fui amigo, por isso acho que não fui muito discriminado. Consegui conquistar meu espaço.

P -

Um amigo encontra o outro e diz:

-Aí, você conhece o Mário?

O outro pergunta:

-Que Mário?

E o outro diz, quase não se aguentando de rir:

-Aquele que te comeu atrás do armário!

O outro, irritado, responde:

-Droga! Aquele linguarudo já contou para todo mundo!

(Disponível em <http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-bichas/>, dia 25 de Julho de 2012, 14h58)

D -

Eu me preocupo com a questão da saúde da nossa comunidade. O Plano Nacional da Saúde da População Negra não é implantado. Tem que envolver médicos negros e brancos porque uma coisa é

“o negrão vai defender realmente”, mas qual o argumento, se é um médico branco? Quando você tem um negro que não quer ficar perto de um negro, matou, cai tudo por terra. Os negros que têm a condição melhor saem fora da militância, “já consegui o meu e...” e cai fora. Fica ali no trampo, às vezes por medo até de perder o cargo...

Tem uma parcela que esquece a militância. Eu já escrevi artigos para o jornal falando sobre racismo e eu coloco lá que eu sou geólogo. Eu defendo muito, por exemplo, as religiões de matriz africana, e eu sempre falo que eu sou católico. Mas eu vou defender sim porque isso é do meu povo. Porque eu acho importante, não adianta eu ser do candomblé e eu defender o candomblé, isso é óbvio. Mas eu sou católico, mas vou defender o candomblé sim. Isso tem um peso diferente.

Defendo essa pequena consciência, uma das ações afirmativas, que mais aconteceu desde a década de 90, o que mais se fala é sobre a beleza. A beleza negra. Que é uma coisa que se você pegar todo mundo quando era criança se acha o mais feio da turma; eu sou o negrinho, o meu cabelo é o pixaim, cabelo ruim. E aí você vai entender isso só lá na frente. Opa, que negócio é esse? Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Até hoje tem coisas que eu não tolero e olho feio para quem falou.

P -

O médico foi fazer um parto de uma mulher negra:

Tirou o primeiro: Que negrinho lindo!...Espera aí! Tem mais um!

Tirou o segundo e disse: Espera aí, tem mais um!

Tirou o terceiro e disse: E tem mais um, fecha que é arrastão!

(Disponível em <http://www.formspring.me/PeuLuz/q/61938441>, dia 25 de Julho de 2012, 17h36. Nessa página, a seguinte observação: não ria, ISSO é racismo!)

A -

Tem aquelas situações que a pessoa conta, fala, e aí todo mundo ri e acha graça e aí a hora que percebe que tem uma negra ali, engole o riso, fica todo mundo sem graça. Ou então faz a piada e depois diz “porque eu também sou negrona, porque minha avó, minha mãe, não sei quem também é.” Aí quer consertar de alguma forma. “Ah, porque eu também sou negrona, porque eu curto um tipo de música, ou porque me visto de tal jeito”. Primeiro faz a brincadeira, aí vê que não ficou legal, não colou, tenta consertar, mas aí já foi, já ofendeu quem estava ali. O riso é pra divertir a todos e não só uma parte. Rir do gordinho, da negrinha, da pessoa que usa óculos, daquele que é manquinho.

P -

A mamãe negra estava dando uma volta com seu baby; de repente, ela para o carrinho e vê que a criança estava suando um bocado, e resolve abaná-lo. Nisso, vai passando um bêbado, vê aquilo e exclama:

- Olha dona, se a senhora não botar álcool, num vai pegar fogo não!

(Disponível em <http://pretroveio.blogspot.com.br/2011/06/piadas-de-pretos.html>, dia 25 de Julho de 2012, 17h39)

D -

A coisa ficou mais pesada quando meu melhor amigo de classe sofreu um acidente e morreu. Isso foi muito triste e senti muito. O pior foram os comentários, os burburinhos que insinuavam que eu estava triste porque éramos namorados. E não era isso. Era amigo mesmo. Era uma pessoa com quem eu convivia. Chorei muito, me isolei. Fiquei sem saber como mostrar que cada coisa tem seu lugar, que poderíamos conviver e que o fato de ser *gay* não significava que eu ia ficar dando em cima de todo mundo. Fui afovalhado na faculdade, o restante do curso foi muito pesado, excludente mesmo. Depois de formados, outros alunos se assumiram *s*. Nenhum deles saiu em minha defesa na época, pelo contrário, jogavam fogo. Queriam desviar a atenção deles. Eu fui o alvo, eles não. Antes disso tudo eu era o líder da sala, eu era representante de sala, representante de formatura, depois me isolaram. Acabei firmando amizade com duas meninas que são minhas amigas até hoje. Isso tudo foi muito diferente de quando convivi na ONG, dos meus 18 anos em diante. Eu estava mais envolvido com um pessoal, ali a coisa era muito mais leve. São os meus grandes amigos até hoje, é um pessoal com que, mesmo depois que eu entrei para a faculdade, continuei a conviver.

Sempre tive muitos amigos. Alguns me diziam que não me enxergam como *gay*. Quando contavam alguma piada, não era de mim que estavam falando. Mas não é isso, estão na verdade me julgando também. Estão colocando no mesmo padrão. Tá igualando, então eu acho que o riso em si identifica quando não é bem colocado, é mal caracterizado sim, e a gente acaba tomando muito disso, principalmente na questão da homossexualidade como algo que afeta mesmo, que quer te excluir. Porque assim, você percebe um risinho, você fala assim, tá rindo do quê que eu não sei o que é. Não é essa dúvida? Não tenho mais convivido com esses grupos. Vai cansando.

B –

Às vezes você ouve um assobio bem na hora que você está passando. Você já acha que é pra você, e nunca foi, pelo menos comigo nunca percebi nada muito espalhafatoso. Eu era mais contido, mesmo. Mas passa isso na cabeça.

Vejo que a juventude tem outros grupos, tem o emo, aquele meio de campo... o caminho do meio. Porque tem de tudo ali, você tem *gay*, tem hétero, tem as pessoas... O que vale é paz, as pessoas querem se encontrar, ser feliz, acho que essa cultura é uma coisa que vem desconstruindo a rigidez que está em ser homem ou mulher, que põe o *gay* como algo exclusivo, de fora.

A –

Precisa ter liberdade com os amigos para questionar eles. Se surge uma piadinha ou comentários de outras pessoas, aí você pode falar: pera aí você tá falando de mim? O riso não tá direcionado. Às vezes não é nem direcionado, mas você se encaixa nele.

Entre os *s* a gente também brinca, também faz piada e coloca apelidos. Fala assim: aquela maricona. Aquela não sei que... Chamamos de maricona os *gays* já mais velhos, com 40, 50 anos. Uma bicha velha, a maricona, ou a bichinha poc-poc, aquela saltitante, aquela toda serelepe, não sei se são esses os termos ainda, eu estou ficando velho. Tô virando maricona...

Além desse lance com a minha amiga também fui questionado pelo MSN por um amigo que disse que sabia que eu estava ficando com um menino. Eu falei: Se vocês sabem, por que perguntam, então? Disseram que eram meus amigos e que eu não precisava esconder. Todo mundo fica forçando o *gay* a assumir publicamente, mas isso não tem nada a ver. Ninguém chega e se apresenta: Muito prazer, sou heterossexual. Por que o *gay* precisa dizer? Nos primeiros dias foi tudo bem, depois começaram a zoar, acabei me afastando deles. É chato ser motivo de gozação. Agora tenho um grupo de amigos que tem de tudo, mais tranquilo, todo mundo respeita a decisão do outro.

D –

Quando você tem um grupo de amigos, que convive com você desde criança a pessoa que está ali não te enxerga como negro, você é mais um do grupo. Então o cara faz a piada com você ali, aí olha e fala: você não liga, né? Como não ligo? Você tá louco? A pessoa te enxerga pela amizade que criou, mas ela não te enxerga como negro.

No nosso grupo de amigos não rola piada, uma coisa é intimidade pra encher... Assim, encheção de saco. É totalmente diferente, num grupo, realmente de amigos, quando um enche o saco do outro: Ô

seu neguinho, vá seu macaco... Isso é uma coisa. Só que nem, a gente pode tá brincando ali, mas chegou uma pessoa estranha muda tudo. Chegou uma pessoa ali que não é daquele círculo, pode até ser conhecido, acabou. Ninguém abre a boca. Não sai. É o tipo da coisa que a gente sabe o efeito que tem se sair dali. Então, sem chance.

O negro, ele sabe perceber quando é ofensivo e quando não. O cara que convive realmente com a comunidade negra, ele convive, tá falando, chamar de meu preto, e aí, negão, a gente consegue perceber quando é uma coisa natural, quando é ofensivo, a gente sabe, a gente consegue perceber, é fácil. Eu sempre percebi este tipo de coisa, mas eu pensei: se eu ficar me prendendo a esse tipo de coisa eu vou acabar surtando ou entrar em depressão. Comecei a filtrar, sabe?

A –

Quando eu fui pra faculdade, eu fui para Limeira, longe daqui. Minha melhor amiga era a Lívia, uma menina alternativa, toda tatuada, extrovertida, tinha 27 anos, eu tinha 17. Eu fui conversar com ela e ela logo se abriu: eu beijo também meninas, às vezes. Um dia a gente brincou de dizer a verdade... todo mundo foi mentindo até que o primeiro assumiu... foi engraçado porque aí todo mundo também assumiu que já tinha beijado alguém do mesmo sexo. Foi legal, mas precisou um assumir primeiro... todo mundo escondia. A partir daí começou a aparecer os namorados dos meus amigos e até fiquei com um menino numa festa de calouro, de trote...

Sempre fui esforçado, não tinha uma inteligência anormal, para mim nunca foi fácil conquistar as coisas, eu tive que batalhar e para aprender também era isso, não tinha essa facilidade. Tem pessoas que parece que aprendem por osmose, eu não, se eu não ficar lá em cima, estudando, para mim é difícil. O tempo de faculdade foi bem complicado. Minha madrinha me apelidou de Sansão porque eu estava careca e disse que eu ficaria bonito de cabelo, mas a turma da moradia me chamava de Dalila. Pra mim isso é *bullying*. Eles na verdade queriam me ofender, não era para integrar as diversidades. Eu nunca fui afeminado, nunca fui saltitante, poc-poc, nem tipo bicha velha, maricon, mas eu acho que eles sacaram que eu era *gay*, embora eu nunca tenha assumido nada.

O ambiente tem sempre muita conversa, muito burburinho, e eu ficava sabendo porque alguns amigos contavam. Tem sempre uma certa pressão pra você assumir que é *gay*. Eu acho isso horrível, mesmo porque ninguém chega se apresentando e dizendo o nome e que é hétero. Nenhum professor chega à frente da sala de aula e fala: bom, meu nome é fulano, eu sou heterossexual, eu tenho tantos anos, ninguém se identifica dessa forma, então porque o *gay* tem de se identificar?

B –

Foi legal eu conhecer o Frederik, ele é norueguês e eu conheci ele pela *Internet*. Fui pra lá e fiquei na casa dele. Os pais dele sabem e aceitam. É bem diferente. A gente andava de mãos dadas na rua, dava até uns beijinhos discretos. Ele teve problemas de aceitação com alguns amigos, mas é bem menos que aqui. A cidade dele é aquela dos barbudos que a gente vê na *Internet*, mas não tem violência contra os s lá. Aqui, é pesado, tem muita violência.

Ele chega amanhã e eu tive que mentir em casa, eu disse que ia fazer um curso. Acho que eles até sabem que não é isso, mas é melhor assim. Ele vai morar em João Pessoa e eu vou pra lá também. Eu disse que vou tentar um mestrado lá.

N –

Hoje, o espetáculo *A Arte do Insulto*, será apresentado no teatro do Centro Cultural. No repertório piadas novas para você rir muito. *A Arte do Insulto* já bateu os recordes de público na carreira de Rafinha Bastos. Você não pode perder.

B –

A piada é a forma mais mascarada que tem. Eu prefiro lidar com aquilo que eu conheço do que com aquilo que eu não sei de onde tá vindo. Uma piada você mascara muito. Num riso você esconde muita coisa. Então, eu prefiro que seja uma coisa descarada. Eu prefiro que seja uma coisa aberta, porque aí você tem arma, tem formas pra se defender, tem como colocar sua posição. Mas quando não te dão o direito de você se defender, colocar aquilo, eu acho que é injusto.

A –

Mas a questão da piada, quando criança eu também não gostava de ouvir. Eu ficava meio sentido. Mas hoje em dia eu já aprendi, mas quando criança é chato mesmo, você fica em alerta parece, fica meio... não fica à vontade.

Você não sabe lidar ainda com nada. Então a infância é... você está sozinho. Você não conta pra ninguém, você fica sozinho. Na infância, o que traz é muita insegurança. Eu sempre fui muito inseguro na adolescência, até antes de assumir. Nunca fui uma pessoa segura.

D –

É muito ruim ser motivo de riso. Não é sempre que acontece, mas quando começam a pegar no pé ou falam alguma besteira, eu falo: é isso mesmo que acontece, é isso daí mesmo. Como hoje: fizeram uma pergunta meio descarada pra mim, aí eu respondi na lata o que ele queria, aí ele ficou sem jeito. Ele não respondeu mais nada. Porque eu acho que é importante falar isso, para parar de uma vez, porque ele quer que você fique constrangido, que você fique quieto...

Eu não me lembro de ter sido motivo de riso, deboche não, mas desqualificar, olhar com medo, eu que uso trança, sou alto, você entra nos lugares, a turma já dá aquela encolhida. Mas eu acho que também nunca fui motivo de riso por postura, minha família nunca foi rica, mas também, andar alinhadinho, aquela coisa: criança negra, sempre está com joelhão cinza, nariz escorrendo, então essas coisas meu pai nunca deixou acontecer, porque já sabe se acontecer, é batata. Assim, a gente sempre teve que ter um cuidado a mais com algumas coisas, porque se a gente andava com um furinho na calça, ah bom, olha lá, tinha que ser ele, enquanto os outros podiam andar de qualquer jeito que é moda. Pra gente sempre um olhar diferente, ter que ter medo, isso aí é batata!

P -

Por que o Ray Charles está sempre sorrindo?

Por que não contaram a ele que é preto!

(Disponível em <http://pretroveio.blogspot.com.br/2011/06/piadas-de-pretos.html>, dia 25 de Julho de 2012, 1742)

B –

Hoje em dia não é mais assim, se alguém brincar ou perguntar eu assumo, não me importo de falar, não ligo mais para as piadinhas, dou até risada. Só me incomoda quando só conta piada de *gay*, quando mistura outros temas não vejo problema. Ficar só martelando nos *gays*, aí é ruim, quer fazer a cabeça...

A –

No trabalho, de vez em quando cai naquilo que eu falei de você estar num grupo de amigos e a turma não te enxergar como negro. Eu falo não só como negro, mas da classe mais pobre. Tem um pessoal que tem uma condição bem melhor, eu trabalho com gente que tem pós-doutorado, é outro estilo de vida mesmo, não tem nada a ver comigo. Por exemplo, às vezes tem gente que solta algumas coisas

que não se ligou que você está ali. Porque se eu estou ali é porque eu sou do mesmo nível dela. Se eu estou ali, eu não sou negro, eu sou o Davi, geólogo, que trabalha ali. Direto, eu saio pra tomar água. Pego a garrafinha... Tem só um amigo que já sabe... Para aquelas pessoas é totalmente natural. Mesmo se eu saio bufando, nada representa.

P -

Sabe o que significa um preto saindo do trabalho com um cacho de bananas e um cipó em baixo do braço?

- Ele foi buscar a cesta básica e o vale transporte

.(Disponível em <http://westwood.fortunecity.com/farhi/478/pracista.htm>, dia 25 de julho de 2012, 16h)

B -

No trabalho, graças a Deus eu tenho ensino superior, já fiz alguns trabalhos, principalmente com a Petrobras, refinaria, é mais trabalho de fiscalização, então você chega lá para fiscalizar, rapaz novo de trança, roupa larga, a turma desacredita, né?

A -

Também quero falar sobre meus alunos. Eu tava dando aula para quinta série quando vi um aluninho, sentado ao lado de outro menino penteando o cabelo e olhando naqueles espelhos de abrir, de menina. Aí ele tinha um *gloss*, pegou um *gloss*, passou o *gloss* na boca, guardou... Eu fiquei admirado, porque com essa idade, ele não sentava com as meninas, só com os meninos e ninguém tirava sarro dele, ele não era chato. Ele era mais afeminado, mas ele colocava a posição dele, não hesitava. Eu não vi nenhuma chacota sobre ele... Aí eu já tenho outro aluno, esse já é implicante, eu não sei se com 11 anos mesmo sabe, mas com 11 anos você sabe que é *gay* e que também é motivo de chacota, aí então falam: ah seu *gay*, sua bicha. Aí ele olha faz uma carinha de bravo de chateado, mas não retruca também.

Na escola eu não assumi, porque a escola é católica, bem fechada. Só para os professores, mas para a diretora não sei se alguém contou, mas eu pretendo não contar para ela. Para os alunos, essa questão, eu acho que eles estão se abrindo muito mais, tá muito mais fácil...

Entre os meninos tem muito isso de um chamar o outro de bicha. Eu não deixo caminhar... De minha parte, não falo nada na escola porque tem pai no meio e isso me preocupa.

D –

Já tive problema no trabalho, quando era enfermeira no Hospital da Unimed. No nosso horário éramos três enfermeiras negras e uma paciente não gostou, perguntou se todas eram “morenas”. Acabou tendo que ir atender a mulher uma de nós que era mais clarinha. Eu percebo que a turma mais rica é mais preconceituosa.

P -

Dois filhotes de leão estavam brincando na savana africana junto da mamãe leoa.

Eis que passa saltitando um filhote de gazela. Os pequenos leões olham para a mãe como que pedindo aprovação. A mãe acena positivamente com a cabeça e os dois saem em disparada atrás da gazela até que a alcançam e estraçalham-na para fazer um lanche rápido.

Voltam e a mãe orgulhosa da valentia e rapidez dos filhotes os cumprimenta.

Três horas depois passa correndo um filhote de zebra, os leões aprendizes olham para a mãe com ar curioso e esperam o sinal.

A mãe faz sinal de aprovação e a cena se repete, em minutos a zebra é alcançada e devorada como café da tarde.

Duas horas depois passa um negrinho africano correndo e os leõezinhos alvoroçados e ainda famintos olham para a mãe esperando a aprovação, já contada como quase certa. Para surpresa dos leõezinhos porém a mãe sacode a cabeça negativamente e diz:

- Caca não filhinhos, caca não !!!!

(Disponível em <http://westwood.fortunecity.com/farhi/478/pracista.htm>, dia 25 de julho de 2012, 17h16)

Capítulo 2 – ser negro e ser gay: caminhos na formação dos estereótipos na cultura brasileira

...

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

...

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação²⁴.

Chegaram, e agora?

A história do Brasil está escrita a partir das relações que foram estabelecidas entre os “selvagens nativos” e os “estrangeiros evoluídos” que aqui aportaram, como comandados ou como comandantes. Os habitantes dessa terra em nada puderam opinar, foram massacrados e obrigados a fugir cada vez mais para o interior do país. Sabe-se que ao longo desses 513 anos da primeira invasão, a população indígena, inicialmente por volta de 5 milhões de indivíduos, conta atualmente, segundo dados do IBGE pelo Censo 2010, com 817 mil²⁵.

Nossos colonizadores, na totalidade homens, vieram com o firme propósito de apossar-se das novas terras. Não é forçoso pensar que tantos homens escolhidos para esse fim e representando a igreja dominante imporiam seus costumes, valores, dogmas nessas terras a serem colonizadas. Como superiores poderiam exigir obediência, como homens, os preceitos normativos e, corretos, para o exercício da sexualidade: o padrão da excelência e prevalência concentrada nos modos de viver e pensar a vida de homens brancos, adultos, europeus, heterossexuais e com *status* titulados pelo rei. Assim, agiram de acordo com essas normas tanto com os indígenas e como com os negros, e depois com as mulheres, as crianças e os homossexuais que aqui chegavam: definiram regras de uso e abuso, modos de vida e formas de exploração do trabalho, do exercício da vida em sociedade, da sexualidade e do uso dos bens culturais construídos coletivamente, inclusive a religiosidade.

Fomos colonizados por um dos países mais católicos do mundo: Portugal. Ao chegar ao Brasil, os índios não foram reconhecidos pelos portugueses em sua religiosidade. Eram politeístas.

²⁴Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm, dia 30 de maio de 2013, 14h56.

²⁵Verifica-se um crescimento entre 1991 e 2010 da população indígena no Brasil que passa de uma presença em 34,5% dos municípios para 80,5% das cidades, representando 0,4% dos brasileiros. Disponível em <http://www.ecoagencia.com.br/?open=noticias&id=VZISXRIVONIYHZFRX1GeWJFbKVVB1TP>, dia 07/04/2013, às 18h26.

Havia muitos deuses, muitas formas de agradecer, de pedir, de manifestar sua adoração à natureza e à vida. Alguns freis e padres, especialmente aqueles ligados às missões, foram mais condescendentes, toleraram a mistura de crenças, mas de um modo geral era o catolicismo que se almejava e, aos poucos se implantava. Aos portugueses era uma ordem do rei a ser cumprida. Era necessário que fossem catequizados para que tivessem um deus que a tudo respondesse. Na primeira produção escrita sobre as terras invadidas, toda intenção portuguesa já está posta. “Ouçam” esta escrita²⁶: “...Ora veja Vossa Alteza se quem em tal inocência vive se converterá ou não, ensinando-lhes o que pertence à sua salvação”. Essa marca da crença portuguesa na salvação pelo cristianismo permeia toda a carta de Pero Vaz de Caminha e descreve a presença, na tripulação, de padres que celebram missas todos os dias, instalam cruzeiros em vários locais e estão sempre presente nos momentos e rituais de aproximação: “...E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço”. Assim os nativos entendiam o ritual português e apresentavam o seu: pediam uma troca, partilhavam também seus rituais. Uma comunicação que não acontecia para os dois lados, pois um permanecia atento e o outro se indignava, insistindo em sua superioridade: “... Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou em alva; e assim se subiu junto com altar, em uma cadeira. Ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos, cujo dia hoje é, tratando, ao fim da pregação, deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, o que nos aumentou a devoção”. E ainda: “...Acabado isto, fomos assim perante eles beijar a Cruz, despedimo-nos e viemos comer.” Simples para os portugueses que viam nos selvagens apenas selvagens a serem domesticados, animais a amestrar.

Para os invasores os nativos despertavam uma descoberta de algo que não tinham certeza de como chamar. Caminha escreve: “... Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença”.

Também se define como tarefa dos degredados, para se redimirem de seus pecados, a incumbência de converter os nativos. Alguns trechos da carta falam por si:

[...] E, segundo que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer,

²⁶A íntegra da carta de Pero Vaz de Caminha está disponível em <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>. Todos os trechos extraídos foram retirados desse endereço em 01.06.2013, às 19h35.

como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados, que aqui entre eles ficam, os quais, ambos, hoje também comungaram.”

[...] E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.”

Aos degredados, dá-se os nativos, com o intuito de pagarem seus pecados diante de cada conversão conseguida.

Assim, aqueles nativos, com suas “vergonhas expostas”, livres de religião e prontos para servir ao Rei e ao Senhor, estavam ali para deixarem de ser selvagens, para tornarem-se cristãos sendo batizados e aprendendo o jeito certo e civilizado de viver, conforme planos dos portugueses.

A meu ver, começamos mal. Começamos desqualificando uma cultura e impondo modos de vida considerados bons, certos, melhores. A depender de como julgamos aquilo que desconhecemos, que nos estranha, criamos explicações convenientes para qualificar/desqualificar. Esse processo nos leva a definir um padrão de relações, estabelecer formas de viver definidas e apropriadas culturalmente.

Ao escrever sua carta ao Rei, Caminha produz um discurso sobre os nativos, sobre modos de vida diferentes, sobre outra realidade. Ali, institui que os nativos precisam mudar, precisam adequar-se ao modo português de viver, devem vestir-se, gostar de sua comida, trocar a inocência com que se relacionam pela malícia do pecado, tornarem-se cristãos e salvarem-se. Salvar-se de quê? Para quê? Era preciso criar uma nova *performance* para suas vidas, representar conforme padrões estabelecidos como corretos para a vida em sociedade no além-mar. Como é possível fazer diferente numa sociedade onde todos são iguais? O diferente, desde esse começo, precisava ser apagado, catequizado, afinal as terras conquistadas eram exuberantes, fartas e prósperas...

Foram muitos os designados para a viagem que deveriam escrever sobre as terras recém-descobertas. Em cada viagem mais escritores e pintores registravam o que aqui era encontrado, utilizando-se, sem economia, de adjetivos que qualificavam e mostravam a exuberância da natureza, a receptividade, a grande capacidade de prosperar na vida que as novas terras poderiam propiciar. Todo

esse começo acabou produzindo valores nacionais que se consolidaram no povo brasileiro que se construía. Assim, ao longo de nossa história foram sendo criados mitos fundadores²⁷ que passaram a “explicar” o Brasil, como aponta Chauí (2004, p.8), ao discutir sobre as construções discursivas que produziram esse atual jeito de pensar o Brasil:

Há, assim, a crença generalizada de que o Brasil: 1) é “um dom de Deus e da Natureza”; 2) tem um povo pacífico, ordeiro, generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor; 3) é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada “democracia racial”), desconhecendo discriminação de raça e de credo, e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça; 4) é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo por isso discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência; 5) é um “país dos contrastes” regionais, destinado por isso à pluralidade econômica e cultural. Essa crença se completa com a suposição de que o que ainda falta ao país é a modernização – isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte -, com a qual sentar-se-á à mesa dos donos do mundo.

Essa idealização construída a partir de parâmetros convenientes propicia

[...]que alguém pode afirmar que os índios são ignorantes, os negros são indolentes, os nordestinos são atrasados, os portugueses são burros, as mulheres são naturalmente inferiores, mas, simultaneamente, declarar que se orgulha de ser brasileiro porque somos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças.” (CHAUÍ, op.cit, p.8).

A preocupação sobre a maneira como construímos o nosso jeito brasileiro de ser é também preocupação de outros estudiosos, como Pinsky (1993, p.105), ao apresentar seu estudo sobre o brasileiro:

[...]o que estou querendo demonstrar é que certa conversa social, aparentemente inócua e descompromissada, não é “simples bobagem”, como querem alguns. Ela é profundamente antidemocrática, autoritária e preconceituosa. Tem de ser levada em consideração e combatida com veemência. Não só por ser falsa, sem base histórica ou biológica alguma; também por tentar alijar da prática da cidadania todos os que se enquadrarem em certas características que, do alto de sua pseudo-sabedoria, o preconceituoso vomita.

Quando observamos o quanto rimos dos outros nas “pegadinhas”(os programas de televisão apresentam altos índices de audiência nesses quadros), nas piadas, nos apelidos (presentes desde a infância), verificamos que nos apropriamos de um modelo ideal e o que nos faz rir é o que foge ao

²⁷ Entendendo-se por mito fundador “Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo” (Chauí, 2004, p.9).

previsível, ao esperado, ao padrão. De forma irônica ou presunçosa, somos muitos, ora valorizando essa mistura e ora desqualificando, ora um pedaço que se junta a um outro, diferente, ora outro que se afasta e grita, a depender de como queremos provar uma superioridade sobre esse ou aquele grupo.

A mentira encoberta no riso, assim como afirma Henri Bergson (1987, p.100) na máxima “o riso tem por função intimidar humilhando” e “o riso não pode absolutamente ser justo”, denuncia a falsa bondade daqueles que se defendem argumentando que “só estavam brincando”. Dessa forma,

A sociedade discrimina não com a repressão física, mas com a repressão psíquica que não é menos violenta, muito embora procure ser mais suave e refinada. Não conseguiria isso se a natureza não houvesse deixado para esse efeito nos melhores dentre os homens, um pequeno saldo de maldade, ou pelo menos de malícia (FONSECA, 1994, p.32-33).

O Brasil é negro

A chegada forçada dos negros, capturados em suas terras, resolveu o problema de rebeldia dos indígenas que não aceitavam ser escravizados e dos colonizadores que não sabiam trabalhar a terra. O negro chega ao Brasil como coisa. É mercadoria comprada, negociada. Não escolhe vir para cá fazer a vida, arrumar emprego e mudar-se. Esse começo já aponta para questões complicadas nas relações estabelecidas. É escravo, e ponto.

A maneira como a população de negros chegou ao Brasil prova que esse comércio foi próspero e movimentou uma economia de grande porte. “No continente americano, o Brasil foi o país que importou mais escravos africanos. Entre os séculos XVI e meados do XIX, vieram cerca de 4 milhões de homens, mulheres e crianças, o equivalente a mais de um terço de todo comércio negreiro”(IBGE, 2010)²⁸.

Com o grande número de escravos aqui aportados, a cultura brasileira não poderia deixar de ter expressiva contribuição deles. Graças à presença dos escravos negros temos o samba, a capoeira, a feijoada, a dança gingada, o candomblé, apenas para citar algumas manifestações incorporadas ao jeito brasileiro de ser. Antes condenadas e fortemente reprimidas por serem consideradas crimes, somente a partir do final dos anos 1920 o samba e a capoeira passaram a ser aceitos na classe média, predominantemente branca, e pelos estudantes. O candomblé, por sua vez, até agora ainda tem forte repressão, especialmente na legislação sobre os diversos rituais afro. Conforme relatos colhidos em

²⁸ Disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/en/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros>, dia 06/04/2013, às 21h13.

História Oral no Arquivo de Rio Claro, no tocante à religiosidade, a umbanda é a tradução que aproxima o candomblé aos ritos católicos, sendo melhor aceita pelos brancos e contribuindo para a prática religiosa permitida pelos senhores donos dos escravos. Utilizando-se de santos católicos, os negros traduziram seus cantos e rezas para o português e enganaram os seus senhores sabiamente, demonstrando a esperteza que os preparou para tantos atos de resistência. Ao mesmo tempo, adequando os rituais ao catolicismo, a umbanda estigmatizou o candomblé como transgressor²⁹.

Após o 13 de maio, ato mais que discutível e já amplamente estudado, os negros ficaram à mercê da mendicância, vivendo em condições sub-humanas e sem trabalho. Que liberdade foi essa?

Em um amplo estudo sobre a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro, Campos (2010) afirma:

Como no final do século XX, na fase de transição entre o governo imperial e a República, a violência por parte do Estado era comum contra os grupos desvalidos da sociedade, o negro era tradicionalmente acusado antes mesmo de ter a sua culpa apurada, independentemente de sua condição social: liberto ou escravo. Na fase republicana, todos deveriam ser tratados igualmente perante a lei, mas, diante da polícia, os negros, por serem negros, tinham menos direitos, inclusive a inviolabilidade do lar (CAMPOS, 2010, p. 43).

O Brasil-República favoreceu as profissões dos brancos, preconizou uma sociedade civilizada com base na cultura europeia, exclusivamente branca. O sentimento reinante foi contrário aos negros, pardos ou mestiços, sendo reprimidas suas atividades culturais, restringido o acesso a algumas profissões, a alguns lugares públicos, à moradia em áreas de brancos, à participação política além de muitas outras rejeições em diferentes situações sociais. Toda essa situação contribuiu para o aparecimento de resistências que se manifestaram nas artes, no movimento político como a Frente Negra Brasileira, na criação de clubes sociais negros, grupos musicais, escolas de samba e jornais. Profissionais jornalistas, escritores, poetas e compositores utilizaram-se de pseudônimos para poder publicar suas escritas, mas assim o fizeram, criando formas de resistência para poder expressar-se.

Ainda hoje a situação do negro no Brasil no tocante à forma como é visto e reconhecido merece destaque, como descreve Milton Santos:

Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em

²⁹ No Brasil-colônia, a religião negra era entendida como sendo arte do diabo e no Brasil-Império como desordem política e atentado aos bons costumes.

baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta. Logo, tanto é incômodo haver permanecido na base da pirâmide social quanto haver “subido na vida”. Pode-se dizer, como fazem os que se deliciam com jogos de palavras, que aqui não há racismo (à moda sul-africana ou americana) ou preconceito ou discriminação, mas não se pode esconder que há diferenças sociais e econômicas estruturais e seculares, para as quais não se buscam remédios. A naturalidade com que os responsáveis encaram tais situações é indecente, mas raramente é adjetivada dessa maneira. Trata-se, na realidade, de uma forma do apartheid à brasileira, contra a qual é urgente reagir se realmente desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil (SANTOS, 2000, p.18).

Não foi tarefa simples aos colonizadores criar a imagem que desejavam para marcar o lugar do negro em terras brasileiras. Toda uma propaganda de rechaçamento foi elaborada para justificar o tráfico, a dominação política e consequente colocação do negro como mercadoria sem história e sem cultura. Foram séculos de exploração e desmandos, de captura forçada e desmantelamento de culturas, famílias e nações africanas.

Os povos se tornaram sem cultura, sem história, sem identidade e mergulhados na bestialidade. Reinos e impérios foram substituídos por imagens de hordas e “tribos” primitivas em estado de guerra permanente, umas contra as outras para justificar e legitimar a missão pacificadora da colonização dessas sociedades, ora em diante qualificadas como ignorantes e anárquicas (MUNANGA; GOMES, 2006, p.34)

Podemos destacar os estudos de Munanga e Gomes (2006) que apontam para a análise da imagem construída do povo africano, negando suas tradições, religiosidade, sabedoria no trato com diferentes materiais e na lavoura em função da produção de sua subsistência na África. Prevaleceu a ideia de um branco que precisava “cuidar” dos saberes, da religião e dar, aos negros, cultura. Ainda hoje “Mostram uma África dividida, reduzida, enfocando sempre aspectos negativos, como atraso, guerras tribais, selva, fome, calamidades, doenças endêmicas, Aids etc” (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 32),mas: “Entre as civilizações mais antigas da história da humanidade, algumas desenvolveram-se no continente africano, como a egípcia, a cuxita, a axumita e a etíope” (IBDEM, p. 34), mas essa parte da história foi omitida.

Não é a toa que ser negro/negra e *gay* na sociedade brasileira virou piada. Claro também que ser mulher, idoso, morador de rua, louco, adolescente, trazem uma imagem desqualificada, mas para esse trabalho foram escolhidas essas duas singularidades (a pele e a sexualidade) pela proximidade e pelos afetos que me provocam. Como foi construído esse pensar e como se produziu modos de vida tão marcados, tão estigmatizados no Brasil? Parece não combinar com o “jeito brasileiro de ser”,

sempre tão alegre, disponível, receptivo. Difícil essa tarefa de desconstruir essa imagem tatuada em nossas vidas de forma tão profunda mesmo quando se percebe que ela não condiz com a vida.

Aprendemos nas marcas de nosso corpo que a melhor receita para dominar é desqualificar, provar a todos que “o escolhido” não vale nada, que é medíocre, sujo, nojento, que sua inteligência é limitada, que é um perverso, mau-caráter, corrompido pelos maus costumes... Assim os negros foram definidos. Longe de serem pessoas, eram mercadorias, tinham preço, dono, eram propriedade de alguém que detinha todo o poder sobre eles, inclusive sobre sua vida e sua morte. *Gays* negros foram definidos como perversos, como delinquentes, pedófilos, sempre se desconfiando de como exerceriam seu direito à sexualidade, sempre necessitando serem vigiados em suas atitudes que poderiam levá-lo a “bulinar” com um inocente, escandalizar os mais comportados, abalar a moral e os bons costumes, dar prazer aos barões na calada das noites quentes brasileiras, como apontam os estudos de MOTT (1988).

Pesquisadores negros têm sido responsáveis por reescrever a história do Brasil, incluindo a história afro-brasileira³⁰. Esses pesquisadores estão tendo acesso às universidades brasileiras graças a medidas de reparação definidas por leis recentes; eles têm invadido e transgredido as produções acadêmicas que dominaram os bancos escolares até meados do século passado.

Diante da trajetória histórica de como foi construído o Brasil, de como foi tratado o povo africano, o processo de escravidão e, depois, a ideia de embranquecimento, todos os estigmas que ficaram da história de sofrimento e servidão para o povo negro levaram-nos a pensar que ainda há muito por fazer para chegarmos a uma igualdade de oportunidades para todos. Em estudos realizados anteriormente, detectamos que a população negra ainda se encontra em grande desvantagem em relação à população branca, em todas as áreas: educação, saúde, habitação e trabalho (CONSTANTINO; MELLO, 2012, p.48).

Martin Luther King pronunciou um discurso em Washington, D.C., a capital dos Estados Unidos da América, em 28 de Agosto de 1963, após a Marcha para Washington onde afirma: “Tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pela qualidade do seu caráter”³¹. Esta afirmação de Luther King indica que a

³⁰No *site* Rede Ação Afirmativa podem ser encontrados muitos trabalhos de pesquisa acadêmica, artigos de jornal vídeos, fotografias, legislação, editais de concursos etc, sobre o tema das afro-brasilidades. Disponível em http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/index.php/bibliografia/teses_dissertacoes_monografias/2009, dia 10 de julho de 2013, às 16h15.

³¹ O discurso de Martin Luther King, pronunciado na escadaria do Monumento a Lincoln, em Washington, foi ouvido por mais de 250.000 pessoas de todas as etnias, reunidas na capital dos Estados Unidos da América, após a «Marcha para Washington por Emprego e Liberdade». A manifestação foi pensada como uma maneira de divulgar de uma forma dramática as condições de vida desesperadas

educação tem papel fundamental na luta contra o racismo, entendendo por educação todo o processo de estar em sociedade frequentando múltiplos espaços e reunindo intensas experiências. Assim,

As piadas reforçam a visão estereotipada e distorcem a realidade dos negros, dos brancos etc. Elas, geralmente, discriminam, marginalizam, estigmatizam e por vezes, criminalizam os negros, representando-os como vadios, malandros, ladrões, aproveitadores, inferiores etc. em comparação aos brancos. Assim, elas fomentam e justificam a continuidade do processo discriminatório e da exclusão dos negros no Brasil, principalmente, após a abolição da escravatura. (FONSECA, 1994, p.46)

Se falamos em piadas preconceituosas que negam o discurso da democracia étnico-racial e social no Brasil, também podemos afirmar que elas fingem uma inocência, uma alegria que mascara e denuncia essa democracia, conforme aponta Fonseca (1994, p. 47): “A piada, paradoxalmente, protesta de forma subliminar contra o discurso da democracia étnico-racial e social, quando enfatiza a existência do preconceito e da discriminação negra no seu conteúdo, expressando o cotidiano da sociedade e das relações sociais entre brancos e negros no Brasil.” Ter ancestrais na África faz com que uma pessoa seja encarada e tratada de forma diferente do que aquele que tem ancestrais na Ásia ou Europa. A pele negra, o formato e a cor dos olhos, o tipo de cabelo, a preferência sexual, o sexo, marcam diferenças que são associadas com

Qualidades que identificam e classificam.

Sodomas, veados, bichas e *gays*: a sexualidade exposta

Pero Vaz de Caminha³² assim inicia sua carta ao Rei de Portugal: “Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500...”. Trata-se de uma extensa carta, onde exalta a beleza da terra invadida, descreve em minúcias os costumes e a cultura do povo indígena habitante. Nota-se a estranheza causada pelos corpos nus, belos e que atraem os olhares dos recém-chegados. Em muitos trechos, chama de “vergonha” o sexo exposto:

[...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.”

dos negros no Sul dos Estados Unidos, e exigir ao poder federal um maior comprometimento na segurança física dos negros e dos defensores dos direitos civis, sobretudo no Sul. A íntegra do discurso está disponível em <http://www.arqnet.pt/portal/discursos/agosto05.html>.

³² Íntegra da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal D. Manuel. Disponível em http://www.historiadobrasil.net/documentos/carta_caminha.htm, dia 23 de abril de 2013, 9h18.

[...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.”

[...] E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela.”

[...] Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse. Puseram-lho a redor de si. Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha.”

Ao longo da carta de Caminha, fica clara a dificuldade em lidar com uma sexualidade transbordante, livre. Imaginemos o calor brasileiro encapsulado nas roupas europeias, depois de meses em alto-mar (com poucos ou quase nenhum banho). A tradição portuguesa calcada na heterossexualidade fica explicitada nas linhas impressas a bico de pena. A religiosidade presente ali, comprova toda a visão dominante daquele grupo que no Brasil ancorava. E a homossexualidade que lugar ocupava? Que rupturas trazia que não podiam aparecer?

Contra os homossexuais duas coisas pesavam: a igreja que já instituía o que deveria e o que não deveria acontecer em quatro paredes, com a benção de seu Deus e o castigo do Diabo, e a associação de que os homossexuais são invertidos, pessoas com um corpo que funciona de modo invertido, em especial no que se refere a homossexualidade masculina, pois são aqueles que têm corpo de homem e alma de mulher, e sobre os quais pesava, e ainda pesa, todo o machismo hoje caracterizado e preconizado em Lei, que é a homofobia. A homossexualidade feminina pode ser mais escondida, mais dissimulada pela possibilidade de aproximação corporal culturalmente aceita entre as mulheres, é menos perseguida. Ainda hoje não se estranha duas jovens de mãos dadas, mas reage-se a dois jovens nessa mesma condição. A maiorias das religiões e o machismo estão unidos contra a homossexualidade, contra aqueles que não conseguem comportar-se da forma como se espera, seguindo os preceitos, homem/mulher, ainda hoje dominantes.

Desde que o cristianismo instituiu o pecado e o tornou verdade incontestável, viver a sexualidade passou a ser algo controlado, praticada somente entre homens e mulheres, e somente em nome da procriação. Depois foi inventada a herança, e o exercício da sexualidade complicou-se mais ainda. Há que acumular bens para deixar aos próximos mais próximos: filhos, pais, irmãos.

Luiz Mott³³ montou a cronologia da história da homossexualidade no Brasil³⁴ para apresentação no X Encontro Brasileiro de gays, Lésbicas e Transgêneros, realizado em Maceió, em 2001. O antropólogo realizou vasta pesquisa entre os documentos produzidos sobre o Brasil, nos primeiros séculos desde a chegada dos portugueses, e identificou a presença de relação homoafetiva em terras brasileiras desde sempre. O crime da sodomia, a vinda de degradados portugueses homossexuais masculinos e lésbicas travestidas, a identificação de relações homoeróticas entre índias, são alguns dos relatos que faz a partir de pesquisa em documentos pertencentes ao acervo da Torre do Tombo, em Portugal. É grande o número de inquiridos pela Inquisição, por conta da expressão da sexualidade, apontando padres, professores, escravos, entre outros, o que atesta para a forte organização da Igreja no controle da sexualidade aos recém-chegados e aos nativos. Há documentação farta mostrando que somente em 1821 a Inquisição foi extinta pondo fim à pena de morte contra os sodomitas e somente em 1830 o Código Penal do Império Brasileiro exclui o crime de sodomia em nossa legislação.

Embora possa parecer piada, relata MOTT que em 1932 foram aprisionados 195 homossexuais, identificados pela Polícia Civil do Rio de Janeiro, capital do país, para serem objetos de estudo do Dr. Leonídio Ribeiro³⁵, do Instituto de Identificação.

Passaram-se mais de cinquenta anos, somente em 1985, para que o Conselho Federal de Medicina retirasse o termo “homossexualismo” da classificação de doenças: uma das principais vitórias do Movimento Homossexual Brasileiro. A partir dessa data, passou a ser designado como homossexualidade, perdendo o sufixo “-ismo” que se refere à doença.

São muitos os eventos e personagens que compuseram a história da homossexualidade no Brasil, eventos de suicídio, matança e desqualificação que contou com a resistência de militantes, escritores, historiadores e artistas que ainda hoje não conseguem diminuir e alterar a forma caricaturada com que a homossexualidade é tratada. A deformação construída na cultura brasileira, a

³³ Luiz Roberto de Barros Mott, mais conhecido como Luiz Mott, nasceu em São Paulo, em 1946, de tradicional família interiorana. Estudou em Seminário Dominicano de Juiz de Fora. Formou-se em Ciências Sociais pela USP. Possui mestrado em Etnologia em Sorbonne e doutorado em Antropologia, pela Unicamp, onde atualmente é professor titular. aposentado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, UFBA e é professor e orientador do programa de pós graduação em História da Universidade Federal da Bahia, UFBA.

³⁴ Disponível em http://www.athosgls.com.br/comportamento_visualiza.php?contcod=15188, dia 01 de Junho de 2013, às 17h17.

³⁵ Para saber mais sobre o assunto: GUTMAN, Guilherme. Criminologia, Antropologia e Medicina Legal. Um personagem central: Leonídio Ribeiro. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Vol.13 no.3 São Paulo Sept. 2010. *Print version* ISSN 1415-4714. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300008, dia 01 de junho de 2013, às 20h51

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000300008, dia 01 de junho de 2013, às 20h48

partir do modelo judaico-cristão tão fortemente defendido nos atos da Inquisição, continua presente nas outras formas de morte: morte do direito de exercer sua sexualidade sem medo, sem culpa, sem precisar esconder-se ou até suicidar-se. Ainda hoje há parlamentares agindo na contramão da história querendo, por meio de leis, voltar à medicalização da homossexualidade.

Em matéria no Jornal Cidade de Rio Claro, encontramos:

Relatório divulgado nessa quinta-feira (27) sobre a Violência Homofóbica no Brasil em 2012 mostrou que os casos de violações (que incluem violência física, psicológica e discriminação) contra homossexuais no Brasil cresceram 46,6%.

No ano passado, houve 9.982 casos de violações contra lésbicas, s, bissexuais, travestis e transexuais. Em 2011, esse número foi de 6.089 casos, mostrando o preocupante número de 27,3 agressões por dia no país. Entre as vítimas, a grande maioria ainda é do sexo masculino (71%), gay (60,44%) e com idade entre 15 e 29 anos (61,33%)³⁶.

Em matéria da Folha de São Paulo de 01/11/2010, “Discriminação leva jovens homossexuais ao suicídio”³⁷, sobre pesquisa da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), realizada em maio de 2009, são revelados os seguintes dados:

ÓDIO NA ESCOLA: Alunos concordam com as seguintes afirmações:

26,6% - "Eu não aceito a homossexualidade"

25,2% - "Pessoas homossexuais não são confiáveis"

23,2% - "A homossexualidade é uma doença"

21,1% - "Os alunos homossexuais não são alunos normais"

17,6% - "Os alunos homossexuais deveriam estudar em salas separadas"

Esses jovens não nasceram com tais opiniões sobre outros jovens de sua idade e convivência. Célebre frase atribuída a Nelson Mandela afirma: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.” Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a respeitar.

É chegado o momento de estarmos atentos não mais apenas ao preconceito explícito, gritante, televisivo, mas ao nosso preconceito de cada dia que se manifesta nos números do IBGE, nas piadinhas aparentemente inofensivas, em atos de segregação com os quais somos coniventes. Expressões como “baianada”, “serviço de negro”, “judiar”, “coisa de português”, “só podia ser mulher”, e tantas outras, são formas de manifestação de preconceito, mesmo quando apresentadas de forma neutra (PINSKY & ELUF, 1993).

³⁶Disponível em <http://jornalcidade.uol.com.br/rioclaro/intervalo/intervalo/106495--Violencia-contra-homossexuais-cresce-46->, dia 06 de julho de 2013, às 12h24.

³⁷ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folhateen/822698-discriminacao-leva-jovens-homossexuais-ao-suicidio.shtml>, dia 01 de junho de 2013, às 21h11.

Afirma-se em várias instâncias do movimento social, a partir de estatísticas³⁸ apontadas no Mapa da Violência (Waiselfisz,2012),que estamos praticando um genocídio da juventude negra, sendo que já vivemos o genocídio indígena. Não apenas os negros e os indígenas são os escolhidos. Essa matança do outro, ainda presente, nos faz capazes de produzir toda forma de violência sobre “*homens menos homens*”, os homossexuais, pois também não é menor o genocídio contra os homossexuais pelas práticas homofóbicas presentes na sociedade. A violência contra quem foge da prevalência que define o perfil do brasileiro perfeito – homem, branco, adulto, heterossexual, no mínimo classe média – é prática que se utiliza por meios declarados (espancamentos, mortes etc) e outros mais sutis (apelidos, piadas, ridicularizações, patologizações, exclusões etc). Essa constância apoiada numa relação desigual não significa exatamente uma quantidade, como expressa Albuquerque (2007):

É preciso esclarecer essa noção de minoria. Ela não nos remete a uma quantidade, mas a algo que não passa por uma constante. Se Deleuze e Guatarri falam do homem-branco-adulto-europeu-civilizado-heterossexual como uma maioria, isso obviamente não se refere a uma quantidade, mas a uma constante que se exigiria para uma população e que a julgaria, determinando aquilo que faz parte dela e o que não faz (Albuquerque, 2007, p.217).

Diante de elementos apresentados, me pergunto: o que estamos fazendo de nós? Até quando vamos deixar que não olhemos para nossas diferenças sem o ranço autoritário com que fomos formados? Enformados? Deformados?

Que fazer?

O que faz com que uns se sintam superiores a outros numa sociedade como a nossa? Uma superioridade que está presente na forma como nossa estrutura social está organizada também pode ser manifestada em uma frase simples e direta, porém carregada de poder: “Sabe com quem está falando?” Essa frase amplamente utilizada, motivou uma pesquisa extensa seguida de publicação, como demonstra Damata (1997, p. 195):

³⁸Com a chamada “Por que o senhor atirou em mim?”, está nas ruas uma campanha pela desmilitarização das polícias. Só na cidade de São Paulo, 624 jovens foram vítimas de homicídio em 2011, 57% dos jovens assassinados eram negros e 98% das vítimas eram homens. Os números de homicídios no Brasil são equivalentes a números de guerra. E se verificados a partir da variável racial, é possível afirmar que presenciamos um genocídio negro no Brasil.

O “sabe com quem está falando?” – e podemos dizer isso sem receio de cometer um curto-circuito sociológico – é um instrumento de uma sociedade em que as relações pessoais formam o núcleo daquilo que chamamos de “moralidade” (ou “esfera moral”), e tem um enorme peso no jogo do sistema, sempre ocupando os espaços que as leis do Estado e da economia não penetram. A fórmula “sabe com quem está falando?” é, assim uma função da dimensão hierarquizadora e da patronagem que permeia nossas relações diferenciais e permite, em consequência, o estabelecimento de elos personalizados em atividades basicamente impessoais.

Colocar-se nesse lugar de quem julga o outro como inferior, como motivo de chacota e riso, acaba por colocar um distanciamento que em nada favorece a possibilidade de construir-se uma civilidade mínima. Viver em sociedade é construir uma relação no coletivo, na ética do cuidado de si, no jogo coletivo de interações e as ações se complementam, umas se implicam a outras. “Um jogo em que uns se fazem livres aprendendo da liberdade dos outros; em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros” (Gallo, 2006, p.188). Para pensarmos o espaço das piadas tão amplamente divulgadas e presentes nas rodinhas de amigos, precisamos olhar para o que essa prática pode significar para quem conta, quem ouve, quem é o motivo da piada.

Capítulo 3 - Contextualizando o riso: as expressões de humor no grafismo e nos palcos

E, se aprendermos a alegrar-nos melhor, será este o melhor modo de desaprendermos a fazer sofrer os outros e a inventar novos sofrimentos.
(Nietzsche, 1983 , p.102)

Repetir o aforismo acima como se mantra fosse, talvez nos ajudasse a um autoconvencimento de que a alegria pode sim ser um caminho, desde que não pautado no sofrimento de alguém.

A opção pelo caminho da criação e da expressão estética por ela proporcionada pode ser uma possibilidade de acerto humano entre humanos.

Se admitimos que o mundo no qual vivemos, e não um outro, passa a ser tão-somente valor e sentido graças à nossa própria participação, isso significa que a criação é a resposta, e a formação de, precisamente, esses estados de coisas. A criação, no sentido nietzschiano, não é uma atividade entre outras. Não é uma vocação. A criação não significa nada mais que uma forma precisa e determinada de existir que é sintomática de uma certa forma de vida: a da afirmação e da abundância (SPINDLER, 2007, p.117).

Os humores também passam por um processo de criação e podem ser utilizados para desqualificar, produzindo efeitos nocivos e tirando a potência que o riso poderia causar. Podemos elencar alguns: as expressões gráficas amplamente utilizadas pelos grupos jovens neonazistas, o palco, seja no teatro ou na TV, apresentando-se com amplo projeto de *marketing* para os humoristas (atores que se consagram e recebem altos salários) para fazer rir do outro, as músicas que ensinam a consumir drogas e praticar violências várias (escracham com as mulheres, valorizando a violência, por exemplo), os *sites* que apresentam piadas igualando negros a macacos, *gays* a tarados. Tal demonstração do alcance dessa “arte” pode ser revertida? Parece-me que a arte pode contribuir mais do que qualquer outra forma de expressão para potencializar a vida e suas relações; sem querer ser romântica ou colocar a arte no lugar de salva-vidas da humanidade, vejo-a enquanto “lugar” significativo, talvez o sonhado espaço da (re)significação dos modos de viver em sociedade. Caberia pensarmos na arte como estética da existência traçando outras possibilidades do viver na sociedade contemporânea?

Segundo Jorge Coli (1995, p. 47-48),

Dessa forma, na nossa relação com a arte nada é espontâneo. Quando julgamos um objeto artístico dizendo “gosto” ou “não gosto”, mesmo que acreditemos manifestar uma opinião “livre”, estamos na realidade sendo determinados por todos os instrumentos que possuímos para manter relações com a cultura que nos rodeia. “Gostar” ou “não gostar” não significa possuir uma “sensibilidade inata” ou ser capaz de uma “fruição espontânea” - significa uma reação do complexo de elementos culturais que estão dentro de nós diante do complexo cultural que está fora de nós, isto é, a obra de arte.

A arte marca um tempo, seus costumes, suas dúvidas, medos e modos de se apresentar em sociedade. Os traços que encontramos ao estudar civilizações antigas nos apresentam um conjunto de fazeres e de saberes com os quais podemos dialogar, contribuindo para a vida de hoje. Desse mesmo modo, a arte também é uma das formas de trazer o que o ser humano tem de específico, que é transformar, materializar um som numa música, as palavras num poema, a argila ou a madeira numa escultura, uma piada num desagravo, numa gozação que denuncia aquilo que se pensa, que se sente, produzindo situações novas para olhares que se surpreendem.

A ciência necessita da ordem, da clarificação, da transparência. Mas, como diz Goya, o sono da razão produz monstros, e a vida interior do homem é um universo onde se acumulam o estranho, o inesperado, o insuspeitado, o confuso, o inextricável: universo imenso da vida inconsciente. Às vezes, num primeiro momento, a arte pode nos parecer obediente e mensageira, mas logo percebemos que ela é, sobretudo, portadora de sinais, de marcas deixadas pelo não-racional coletivo, social, histórico. Por isso, não apenas ela faz explodir toda intenção redutora, normalizadora ou explicativa, como também se dá como específica forma de conhecimento, forma e conhecimentos bem diversos dos processos racionais (COLI, 1995 p. 44).

Millor Fernandes³⁹ parafrazeou Aristóteles em sua Poética, onde é abordado, segundo o viés da época, o humor da comédia que expunha ao ridículo os “homens inferiores”, formulando a célebre frase: “O homem é o único animal que ri. E é rindo que ele mostra o animal que é”.

Interessante notar que, entre os índios e os primeiros colonizadores, portugueses ou franceses, o riso se fazia presente, seja pelas formas de vestir-se, (os indígenas usavam as roupas dos franceses, zombando deles), seja pelos costumes à mesa (Fleck, 2007). “Estes relatos, embora estabeleçam uma clara distinção entre o “rir com” e o “rir de” – isto é, entre o riso compartilhado e a zombaria –,

³⁹ Frase de Millor Fernandes (1923-2012), jornalista e desenhista, fundamentada na máxima aristotélica: “O riso é próprio do homem”. O site www.millor.com.br disponibiliza alguns textos teatrais e produções de humor de sua autoria. Disponível em www.folha1.uol.com.br/ilustrada.

permitem que reconsideremos imagens consagradas pela historiografia do século XIX: ao contrário do que ela diz, os índios eram, sim, capazes de rir e fazer rir.”⁴⁰

A pesquisa entre os indígenas mostra certo tipo de humor ligado às diferenças culturais do modo de viver, observado nos estrangeiros. Essa estranheza nos costumes é percebida e manifestada de forma que esses mesmos estrangeiros assim escreviam (Fleck, 2007):

Nos primeiros contatos, europeus e indígenas fitaram-se curiosos. Por vezes, riram uns dos outros e por vezes riram juntos. Para Frank Lestringant, “o Brasil nasceu produzindo gags [ou seja, piadas encenadas] dignas do melhor cinema de humor”. Alegres e amantes do prazer, os indígenas começaram a caçoar os europeus tão logo estes puseram os pés em terras brasileiras. Por meio do riso e de uma “ironia crítica”, os indígenas os teriam colocado numa espécie de “jogo do bobo”. Reagindo às zombarias, os europeus riram, por sua vez, não sem certo desprezo, da simplicidade, da nudez e dos gestos dos índios. Caminha relata na sua carta ao rei D. Manuel I, em 1500, que em alguns momentos teriam se sentido tão à vontade que chegaram a “dançar e folgar”, como o almoxarife Diogo Dias, que “meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem ao som da gaita”. As risadas surgiam também do estranhamento, como na reação ao costume dos indígenas de trazerem “o beijo tão furado que lhe cabia pelo buraco um grosso dedo polegar”, o que provocou “chalaças” [escárnio] sobre isso.

A estranheza que faz rir tem uma potência, nessa situação. Pode significar certa resistência ao desconhecido, certa rejeição por aquele que chega e invade sem pedir licença, impõe seus costumes e desqualifica a cultura ali presente. Não se ria, ali, das pessoas, mas da forma como viviam, dos costumes, dos enfeites no corpo, das roupas e da nudez. O que provocava riso era a forma de viver (costumes) e não as pessoas, prática amplamente divulgada como promotora do riso. Ri-se com o outro e não do outro.

Para prosseguir nessa escrita, relato uma cena, num domingo de 2011, durante um almoço em família ,dia da Virada Cultural, em São Paulo, quando se discutia aonde ir, a que show assistir naquele final de tarde que chegaria.

Na mesa estavam: dois adolescentes de 15 e 16 anos, meninos, uma senhora de 75 anos, um jovem de 25 anos, três adultos. A conversa versava sobre as opções de cada um para aquela noite, madrugada e dia seguinte. A programação extensa contemplava todos os gostos e estilos.

⁴⁰ Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1162>, dia 11/05/2011, às 10h22. Revista de História da Biblioteca Nacional, Edição 68, Maio de 2011,

Quando os adolescentes foram indagados se queriam ir ao centro da cidade de São Paulo, naquele sábado, final de tarde e noite, disseram que iriam pensar. Perguntei o que gostariam de assistir e imediatamente um deles respondeu que queria assistir à apresentação do Rafinha Bastos. Perguntei por que queria ver o Rafinha e um deles respondeu: “*é que ele é engraçado, faz rir*”. “*Rir dos outros*”, eu disse. A resposta que tive foi rápida: “*Claro, se a gente não rir dos outros vai rir de quê?*”

O silêncio se fez. É isso, pensei. Rir dos outros é o que estamos ensinando. São muitas as opções no rádio, na TV, na *Internet*, que apresentam cenas que provocam que se ria de alguém, seja com cenas de uma certa estupidez ao falar, seja porque a pessoa cai e se machuca, seja porque há um mal-entendido entre pessoas, quase sempre alguma maldade acontece e faz com que todos riem.

Outras e interessantes expressões de humor circulam em nossas vidas, o tempo todo se fazendo presentes, ora de maneira perceptível, ora de forma camuflada. Vamos abordar algumas:

I - Charges, Caricaturas e Cartuns⁴¹: provocações do humor gráfico e político

Bergson (1987) aponta que “o cômico do desenho é quase sempre uma comicidade de empréstimo, cujos ônus principais cabem à literatura”.

[...] O efeito cômico é tanto mais flagrante, e tanto mais refinada a arte do desenhista quanto essas duas imagens – a de uma pessoa e a de um mecanismo – estiverem o mais rigorosamente inseridas uma na outra. E a originalidade de um desenhista cômico poderia definir-se pelo gênero particular de vida que comunique a um simples boneco (p.24).

Nas expressões gráficas de humor⁴² podemos observar três categorias de produção artística: caricaturas, charges e cartuns.

⁴¹As expressões gráficas foram escolhidas de forma aleatória nos sites indicados.

⁴² Humor grafado, impresso ou em forma de animações. Uma rápida pesquisa na internet aponta cento e dois cartunistas na história do Brasil. Os pioneiros são: Angelo Agostini (1843-1910) com *As aventuras de Nhô Quim* (1869), *As aventuras do Zé Caipora* (1876), *Revista Tico-Tico* (1905); Belmonte (1896-1947), com *Juca Pato* (1925); J. Carlos (1884-1950), na *Revista Tico-Tico* (1905); Manuel de Araújo (Porto-Alegre); Max Yantok, *Revista Tico-Tico* (1905); Péricles, *O Amigo da Onça* (1942); Reinaldo de Oliveira (s/d). Relação disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_cartunistas#Cartunistas_brasileiros, dia 23 de janeiro de 2014, 13h31.

As expressões gráficas são amplamente utilizadas de forma hostil no espaço das disputas partidárias para aprofundar as diferenças entre as ideologias, reforçando a desqualificação do adversário. O humor grafado na imprensa tem a possibilidade de provocar naqueles que o veem uma percepção que revela, a partir dos traços, o sentido que o autor deu revelando posturas, valores e modos de pensar que aquele representante partidário defendeu no exercício de seu mandato

A mídia impressa, representante dos grandes poderes financeiros controladores da opinião pública, traduz, pelo humor gráfico, o espaço social segundo suas posições ideológicas, políticas e econômicas, defendendo um tipo de governo que deve ser condizente com seus princípios. Faz-se alianças provocando riso.

Lustosa (1993) apresenta a história de um humor brasileiro que nasceu nas rodas de boêmia, que reuniam pessoas na Confeitaria Colombo, na capital do Brasil, Rio de Janeiro, ainda no século XIX, lideradas por intelectuais, poetas, jornalistas, escritores, que faziam, de suas letras e traços, desafios a seus adversários e registros dos acontecimentos. Conforme a autora, as primeiras caricaturas datam de 1837, mas foi somente depois de cinco décadas, que alcançaram, como forma de expressão, um lugar de destaque no cenário nacional.

Lustosa (1993, p. 40), ao traçar um panorama da imprensa no começo dos anos 1900, aponta: “Convém acrescentar que na esteira deste espírito risonho da época surgem as tantas revistas de humor que terão papel de destaque nas primeiras décadas do século: O Malho, Fon-Fon, Careta, O Filhote, D. Quixote. Revistas que garantirão, daí para frente, na imprensa, o lugar do humor e da caricatura.”

Esse grupo de formadores de opinião utilizava-se largamente do humor para dar o tom às críticas políticas, ao americanismo que se impunha e ao favoritismo às influências francesas que marcavam as rodas boêmias e os costumes da burguesia, que negava a origem indígena e negra da cultura brasileira. Com um conteúdo altamente racista, os versos e desenhos apresentados já marcavam a necessidade de o Brasil negar os negros e indígenas, e já anunciavam a teoria da democracia racial, alegando que a miscigenação seria um processo natural de embranquecimento da população brasileira. A solução para “apagar” que a negritude fora explorada, seria convencer que a miscigenação tiraria as marcas deixadas pela escravidão.

Questionava-se o nascimento do samba em lugar da fixação de ritmos e danças francesas como o *foxtrot*. Esses humoristas, embora se colocassem como nacionalistas, defensores de uma

cultura brasileira, apoiavam-na às raízes francesas e inglesas e mantinham verdadeira aversão a que fôssemos associados às raízes negras e indígenas,

Mendes Fradique compartilha ainda com Bilac a aversão ao carnaval que o poeta parnasiano considerava “uma vergonhosa exibição” de comportamentos eróticos. Na rejeição ao carnaval somavam-se a moral cristã ao preconceito racial, química que, segundo Sevcenko, é típica da virada do século: O carnaval que se deseja é o da versão européia, com arlequins, pierrôs e colombinas, de emoções comedidas, daí o vitupério contra os cordões, os batuques, as pastorinhas e as fantasias populares preferidas: de índio e de cobra viva. (SEVCENKO, 1989, p.33 apud LUSTOSA, 1993, p.220)

Desejava-se, à época, um Brasil brasileiro que fosse um Brasil ideal, francês, civilizado, culto e branco. Foi graças ao grupo de artistas e intelectuais contrários a essa postura, embora usufruindo dela, que algumas situações não pioraram. Com a publicação de *Macunaíma*⁴³, aquele grupo de intelectuais começou a ter problemas, pois o que nascia com essa obra, ao invés de negar as origens, reforçava a autenticidade que ela trazia. Oswald de Andrade⁴⁴, também posiciona-se, afirmando: “Não posso esquecer-me do que foi a minha chegada a Paris no ano de 22, já depois de ter tomado parte aqui na Semana de Arte Moderna”. Com uma crítica contundente ao capitalismo, à religião (messianismo) e à forma como se dão as relações entre o matriarcado e o patriarcado, Oswald de Andrade (1978) percorre em seus argumentos a favor do Pau-Brasil, a história da humanidade, inclusive a história da filosofia, para discutir uma estética da vida, da política e da sociedade. Fortemente envolvido com a intelectualidade de seu tempo, escreve, desenha, coleciona obras. Assim escreve sobre o século XIX: “Dividiu-se então o mundo em duas categorias de seres: a superior, que tinha como seu padrão “o adulto, branco e civilizado”, e a outra, que juntava no mesmo comboio humano “o primitivo, o louco e a criança” (p. 191).

Com todo o fervor que sempre esteve presente na imprensa brasileira, o humor caracteriza-se como uma das formas de expressão que aparece primeiro como desenho figurativo. Para fazer rir, aparecem a charge, a caricatura e os cartuns por meio de mãos habilidosas com traços precisos e desafiadores.

⁴³Título do romance de 1928, escrito por Mário de Andrade, considerado um dos grandes romances modernistas do Brasil que representa o multi-culturalismo brasileiro. Em 1969 foi adaptado para o cinema por Joaquim Pedro de Andrade. Na década de 1970 foi encenada em forma de peça teatral dirigida por Antunes Filho e em 2008, a cantora Iara Rennó gravou o CD *Macunaíma*. *perai.matupi* ou *Macunaíma Ópera Tupi*, com 13 canções inspiradas pelo livro.

⁴⁴No tocante ao Humor, Oswald também escreveu na Revista “O Pirralho”, sob o pseudônimo de Annibale Scipione, no período entre 1912 — 1917.

A charge tem sido uma das expressões gráficas mais utilizadas no campo da política, em especial no campo da política partidária, como uma forma de comunicação que ironiza e critica o adversário. Situa-se no campo das batalhas no argumento adversário, muito mais no sentido de ridicularizar do que de valorizar positivamente.

Uma charge apresenta acontecimentos diários, questiona ideias e atitudes, geralmente tendo por foco figuras públicas tratadas com ironia. A proposta é desqualificar indicando pontos frágeis, denunciando posições ideológicas e políticas, apresentando pontos a serem estigmatizados, tematizados.

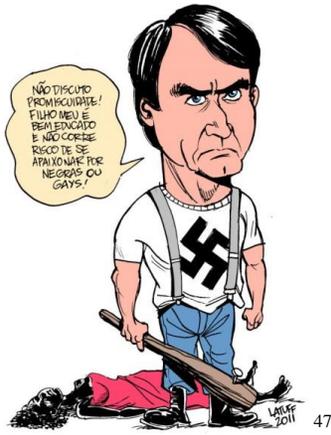
A charge serve, nesse sentido, como instrumento de difamação ao mesmo tempo em que pretende formar opinião hegemônica sobre o fato ou a pessoa-alvo. A charge passa a ser um modo de dizer que se define como leve, como “alegre”, se é que se pode chamar assim algo que não aparece no somatório, mas na divergência.

A charge apresenta sempre uma temática, uma ideia a ser transmitida, e os personagens que compõem a cena a ser descrita. Nada disso teria algum significado não fosse o contato com o leitor, que, no espaço público, lê a provocação do autor e entra no debate do transmitido.



⁴⁵Disponível em <http://photos1.blogger.com/x/blogger/1069/1786/1600/595955/preto%20frustrado.jpg>, dia 25 de julho de 2012, 10h31

⁴⁶Disponível em <http://photos1.blogger.com/x/blogger/1069/1786/1600/595955/preto%20frustrado.jpg>, dia 25 de julho de 2012, 10h31

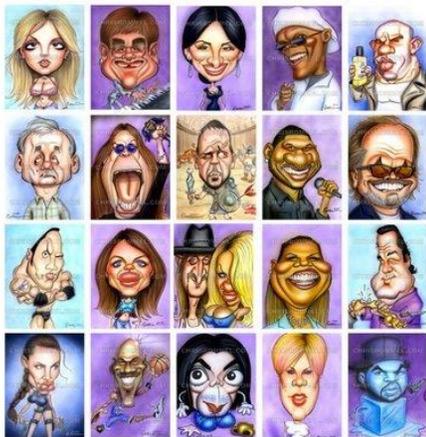


47



48

Outra manifestação expressa graficamente é a caricatura, materializada pelo exagero que leva ao risível, presente em outros tempos e lugares. Entende-se por caricatura o ato ou efeito de carregar - etimologicamente do verbo italiano *caricare*- que significa retrato ou escrito que, com intenção cômica ou satírica, acentua traços até a deformação do modelo. É descrito pelo dicionário Houaiss da língua portuguesa como o “desenho de pessoa ou de fato que, pelas deformações obtidas por um traço cheio de exageros, se apresenta como forma de expressão grotesca ou jocosa”.



49



50

⁴⁷ Disponível em <http://www.fazpensar.com/wp-content/uploads/2011/10/Charge-Bolsonaro-e-racismo> Dia 25 de julho de 2012, 10h54

⁴⁸ Disponível em <http://www.fazpensar.com/wp-content/uploads/2011/10/charge-racismo.jpg>, dia 25 de Julho de 2012, 10h44

⁴⁹ Disponível em http://2.bp.blogspot.com/_E4IRmmrd7LI/Sf_ZUJbEDhI/AAAAAAAAIUU/nwEgUDuu38/s400/caricaturas.jpg, dia 25 de Julho de 2012, 11h30.

⁵⁰ Disponível em <http://1.bp.blogspot.com/-y-pX40Fpe5Y/TWbgKIVTa3I/AAAAAAAAARM/aS0vf9FTka4/s1600/Caricaturas-de-Jogadores-Ronaldinho-Gaicho.jpg>, dia 25 de Julho de 2012, 11h01

Caricaturar, então, pode ser entendido como uma intenção do artista em exagerar, em acentuar traços produzindo desenhos grotescos que provocam o riso ou outros humores. A caricatura denuncia os defeitos e os aumenta para chocar, exagerar. Representa plasticamente uma pessoa, um detalhe, distorcendo e ridicularizando. Pode revelar o caráter, o detalhe que, de outro modo, passaria despercebido. Revela, também, o óbvio que ninguém ousou dizer ou até perceber, tornando-o ridículo no exagero do traço, do contorno acentuado do rosto ou do detalhe desvelado (LAGO, 1999, p.7).

Bergson (1987), ao abordar a comicidade das formas (sempre em relação ao corpo humano), coloca a caricatura como a possibilidade de dar comicidade a uma fisionomia. A arte do caricaturista, afirma, está em conseguir captar os movimentos imperceptíveis tornando-os visíveis mediante sua ampliação.

Ele (o caricaturista) faz com seus modelos careteiem como se fossem ao extremo de sua careta. Ele adivinha, sob as harmonias superficiais da forma, as revoltas profundas da matéria. Efetua desproporções e deformações que poderiam existir na natureza se ela pudesse ter vontade, mas que não puderam concretizar-se, reprimidas que foram por uma força melhor. A caricatura, que tem algo diabólico, ressalta o demônio que venceu o anjo (BERGSON, 1987, p. 22).

Nessa direção, Bergson (1987) defende que, para uma caricatura parecer cômica, “é preciso que o exagero não pareça ser o objetivo, mas simples meio de que se vale o desenhista para tornar manifesta aos nossos olhos as contorções que ele percebe se insinuarem na natureza (p.22).” Essa habilidade do artista é traço que também se conquista em muitos estilos singulares a ponto de, pelo desenho apresentado, mesmo sem conter assinatura, ser possível reconhecer quem o traçou.

A última categoria a ser discutida na perspectiva da expressão gráfica é o cartum. Trata-se de uma “cena de horizonte amplo” (LAGO, 1999, p, 11) que reúne pessoas, situações e narrativas sem perder a graça e o tom a ser contemplado. Pode conter legenda com comentários satíricos. Quando é longo, apresenta mais quadros, pode ser considerado como história em quadrinhos.

[...] um cartum(de modo geral), uma tira cômica ou uma história em quadrinhos (de modo específico) não dependem da atualidade nem da alusão a sujeitos conhecidos em uma situação para existir, é assumir que eles possuem uma forma própria, livre para tocar personagens diversos, seres conhecidos, homens ordinários ou mesmo fantásticos através de discursos também satíricos que transitam entre acontecimentos diários, recentes ou de passados distantes, que articulam as múltiplas memórias e lembranças na continuidade de cenas representadas em quadros e tiras. Portanto, o cartum sugere sempre uma saturação temporal e o movimento entre sujeitos, situações e histórias, simples ou complexas. É somente quando nos referimos a ele que o passado e o

instante-já aparecem interligados constituindo uma dimensão temporal que funde horizontes e aproxima a memória da narrativa histórica, possibilitando a construção de uma hermenêutica do cotidiano (PETRY, 2008, p.31-32).

Merece destaque a personagem Mafalda, apresentada pelas mãos de Quino (1993), seu criador, em “tirinhas” amplamente difundidas nos principais jornais nos anos 1970. Uma criança com fala questionadora de costumes e de valores morais se põe a falar de política, meio ambiente, relações geracionais, mudanças de comportamento, com humor e ironia. Mafalda era a personagem predileta dos movimentos sociais e de militantes de esquerda dos anos 1970-80, e ainda hoje faz sucesso.



51

As expressões gráficas de humor têm sido um alvo certo nas representações sobre os modos de vida e a política. Como assinala Saliba (2002, p. 7), “o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados”.

BAKHTIN (1987, p.57) afirma que “o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo”. É preciso reforçar, a nosso ver, que essa concepção de mundo não é isenta de ideologias, de valores, interesses e modos de viver, pensar e agir.

Muitos são os estudos empreendidos para demarcar o humor revelado nas expressões gráficas, seja para reforçar posturas mais críticas, seja para corroborar posturas mais reacionárias como nos

⁵¹ Disponível em http://clubedamafalda.blogspot.com.br/2012/07/tirinha-424.html#at_pco=cfid-1.0, dia 25 de Julho de 2012, 11h30

apontam Fonseca (1999), Flores (2001), Lago (1999), Motta (2004), Petry (2008), Queluz (2008), Santaella&Nöth (1999), entre outros.

Job (2006, p.2576-2577), quando analisa o humor étnico “como um instrumento ou veículo produtor de igualdades e diferenças, que cria e reforça identidades”, acrescenta que é também através das caricaturas e charges que “se criam estereótipos, os quais podem ser explorados positiva e negativamente pelos sujeitos que os produzem”, marcando “uma superioridade ou inferioridade que pode gerar intolerâncias, etnocentrismos e conflitos reais”. Para ele, “há um limiar muito tênue entre o jocoso e o hilário pertinentes ao discurso satírico, o preconceito e o etnocentrismo. Há um fio de navalha, entre a graça e a ofensa”. Assim, parece-nos claro que esse tipo de humor gráfico está apoiado em princípios morais e éticos presentes nas mais variadas formas de viver em sociedade, na cultura construída naquele dado momento histórico.

Para Gilles Lipovetsky (2005), em sua obra “A era do vazio, o humor na sociedade pós-moderna”, o humor exerce uma função relaxante. A pergunta que fazemos é: relaxante para quem? Seria o humor algo impregnado de uma condição de neutralidade discursiva? Que postura verifica-se diante da quantidade de mensagens que o humor coloca em cada cena que apresenta? A mensagem humorística provoca sentidos e está longe de ser apenas a transmissão neutra de uma alegria contagiante. O risível produzido nas charges, por exemplo, leva seu observador a uma tomada de posição, a uma associação entre o que está traçado e a intenção dos traços, o que descaracteriza a charge como uma produção que alivia e relaxa, como podem pensar os adeptos a esse tipo de humor, pois provoca sentidos variados.

O sense of humour com sua dualidade de sátira e de sensibilidade fina, de extravagância idiossincrásica e de seriedade, correspondia à primeira revolução individualista, ou seja, ao desenvolvimento dos valores de liberdade, de igualdade e de tolerância enquadrados pelas normas disciplinares do controle de si; com a segunda revolução individualista conduzida pelo hedonismo de massa, o humor muda de tonalidade, indexando-se com prioridade sobre os valores de cordialidade e de comunicação. Assim, na imprensa e principalmente no humor de todos os dias, não se trata, no fundo, de ridicularizar a lógica, de denunciar ou menosprezar, mesmo que com benevolência, certos acontecimentos, mas, sim de estabelecer um simples clima “relex”, descontraído: de algum modo o humor exerce uma função fática (LIPOVESKY, 2005, p. 133).

Embora o autor assim entenda, retirando do humor, de forma geral, seu valor propositivo e intencional crítico, temos elementos para discordar da ludicidade ingênua, apontando para o lugar de

trabalho político implicado na produção da charge, da caricatura e do cartum, especialmente quando grafados nas páginas dos diversos órgãos na imprensa brasileira.

Resumindo os três gêneros textuais do humor expressos de forma gráfica, temos que a caricatura apresenta um desenho grotesco, satírico ou que exalta um sujeito conhecido, memórias e o tempo presente. A charge apresenta, de forma satírica, um sujeito e uma situação atuais. Por fim, o cartum se refere a um sujeito e a uma situação, e tem uma narrativa histórica e satírica, atual ou não.

II – Alguns palcos e seus atores

O palco tem sido um espaço relevante para a expressão corporal e textual trazida pelas montagens fílmicas, teatrais e televisivas.

Com Molière⁵², riu-se no século XVII. Esse dramaturgo “bem-nascido”, pai da comédia francesa, produziu uma obra de tom satírico que retratou o cotidiano, mostrando o pedantismo dos falsos sábios, a pretensão dos burgueses enriquecidos, a corrupção em diversos setores da sociedade da época, as mentiras dos médicos. Costumes, defeitos e virtudes, comportamentos e sentimentos como inveja, cobiça, orgulho, avareza e arrogância compuseram suas obras, que provocaram perseguições e ameaças de setores vindos da alta sociedade, da igreja e da política, que o adoeceram profundamente. A célebre frase desse autor e ator “Quem ri o que quer é rido o que não quer”⁵³ apresenta seu modo de pensar a comédia na sua relação com os padrões instalados numa sociedade tão hierarquizada como a do século XVII.

Por outro lado, na leitura de Bergson (1987), pensador do início do século XX, sobre a comédia de costumes, observamos um riso que, ao fazer rir, “castiga os costumes. Obriga-nos a cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente (p.18)”. Assim, “o riso deve ser algo desse gênero: uma espécie de gesto social (p.19)”.

Bergson (1987, p.11) inicia o primeiro capítulo de seu memorável “O Riso: ensaio sobre a significação do Riso”, publicado pela primeira vez em 1900⁵⁴, com as perguntas: “Que significa o riso? Que haverá no fundo do risível? Que haverá de comum entre uma careta de bufão, um

⁵² Principais obras de Molière: As preciosas ridículas (1659), A Escola de Mulheres (1662), Tartufo (1664), O Misanthropo (1665), Médico a força (1666), O Avarento (1668), Anfitrião (1668), O burguês fidalgo (1670), As sabichonas (1672).

⁵³ Ato I, Cena I, da obra Escola de Mulheres.

⁵⁴ Essa tradução de 1987, a segunda no Brasil, foi traduzida da 375ª Edição francesa, datada de 1978. Por esses números pode-se aferir a importância dessa produção para tema tão polêmico.

trocadilho, um quadro de teatro burlesco e uma cena de fina comédia? Que destilação nos dará a essência, sempre a mesma, da qual tantos produtos variados retiram ou o odor indiscreto ou o delicado perfume?”.

Para essa nova edição, que reúne três artigos publicados separadamente, Bergson (1987, p. 9-10) realiza um levantamento que abrange 31 obras publicadas nos 30 anos anteriores (1870-1900), cuja temática foi o cômico. Ao explicar, no prefácio, sua intenção com a publicação, afirma: “[...] nosso método, que consiste em determinar os processos de produção do cômico, contrasta vivamente com o método em geral seguido, e que visa a encerrar os efeitos do cômico numa fórmula muito ampla e muito simples” (p. 7-8). Afirma ainda que não se trata de métodos excludentes (aqueles listados e o que propõe nessa publicação), mas que somente o seu método possui rigor científico e comporta especificidade (p. 8).

Na trilha apontada por Bergson (1987), pergunto: quantas são as possibilidades do riso, do humor, do cômico e suas presenças na farra do palhaço, na leveza do *clown*, na farsa de um evento, no sarcasmo e na ironia de uma “brincadeira”, nos trocadilhos do trava-línguas, nas piadas, nos jogos entre palavras que saem sem censura pelos diferentes meios de comunicação e chegam às pessoas em diferentes ambientes, idades e contextos?

Que se pode fazer com tanta graça? Que sentidos provocam na vida de pessoas que vivem/experimentam dizer, ouvir, sentir essa graça? Que fazer com tanta graça que fala de mim, quando expõe o que sou, minha pele, meu desejo?

Rir é muito bom. Esse trabalho não pretende ser um tratado sobre o riso, pois a intenção que carrego é desnaturalizar o riso como sendo, sempre, algo bom e positivo. Ao mesmo tempo, podemos olhar para os risos construídos e as diferentes formas que se instauraram ao longo dos tempos, podemos olhar para esse riso do outro e de sua diferença que causa estranheza. Há uma distância entre aquele de quem se ri e a alegria daquele riso prometido por quem quer fazer rir. Assim, temos o riso vivo, provocador de alegria ou de tristeza, liberador de ressentimentos ou de lágrimas... Afinal, de que riso estamos falando? Do riso parente da arte posta no circo, no teatro, na televisão, do riso das brincadeiras entre crianças e jovens que se apelidam a partir de características singulares, daquele riso que ironiza, nascido do desprezo quando se perde uma disputa? Há riso ingênuo? Quais os sentidos contidos no riso? O que alguns risos querem esconder?

Para Bergson (1987), “não há comicidade fora do que é propriamente humano”, ao mesmo tempo em que é necessária a “insensibilidade que naturalmente acompanha o riso (p.12)”. O riso

também não se dá sozinho, precisa de eco, “não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados (p.13)”. Esse caráter humano do riso, que só os humanos vivenciam, que necessita do coletivo construído ao seu redor para fazer sentido, e que não está solto das emoções, mas preso a elas, é que provoca algo que mexe com seu autor e ecoa no outro, denunciando as emoções que menos gosta de sentir. E, por que precisamos “cutucar” as emoções que o outro não quer sentir “cutucadas”? O que nos faz querer “cutucar”, escancarando o que quer se manter oculto? Nesse sentido, o autor é claro ao afirmar que “o riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social” (p.14).

Ao discutir a relação entre o riso e a estética, Bergson (1987) não aprova essa relação de causa e efeito, mas aponta relações ao afirmar: “Resta, no entanto, alguma coisa de estético, pois o cômico surge no momento preciso no qual a sociedade e a pessoa, isentas da preocupação com a sua conservação, começam a tratar-se como obra de arte” (p.19). Para ele, o cômico transita entre a arte e a vida.

A relação entre o cômico e o riso é estabelecida em uma relação entre “certa rigidez do corpo, do espírito e do caráter, que a sociedade quereria ainda eliminar para obter dos seus membros a maior elasticidade e a mais alta sociabilidade possíveis. Essa rigidez é o cômico, e a correção dela é o riso” (p.19).

Bergson ainda aborda a situação em que o gesto rivaliza com a fala, “ciumento da fala, o gesto corre atrás do pensamento e quer também servir de intérprete” (p. 24) e ainda existe a situação em que o gesto se repete, distanciando-se da ideia “O gesto, pois, que se anime com a ideia! Aceite a lei fundamental da vida que é jamais se repetir!” (p.24). Para ele, quando há repetição, há comicidade, pois o gesto torna-se mecânico. Assim, gestos dos quais nunca pensamos rir tornam-se cômicos. Quem nunca riu ao assistir alunos imitando professores? Esse riso que tenta ridicularizar o professor, autoridade na situação, não seria também uma forma de desqualificação? Seria uma forma de disputar um certo poder ali presente na relação? Abordando, ainda, a comicidade dos movimentos, Bergson, para além da imitação que já é risível por si mesma, expõe que mais ainda se rirá quando essa imitação se aplicar a desviar, sem deformar, como podemos verificar nos filmes mudos, onde o ator imita uma situação, ou ainda no *clown*, que ao andar atrás de uma pessoa imitando tudo o que ela faz provoca o ridículo da cena e faz rir.

Situações cerimoniosas tendem a despertar certa comicidade pelo exagero dos rituais que excedem ao bom-senso. As cerimônias são, na sociedade, o que a roupa é para o corpo, afirma

Bergson, entendendo que ambas disfarçam algo, perdendo sua alteridade quando nossa imaginação as isola. Também Bergson aponta o carnaval, já naquela época, como um dado disfarce da sociedade diante de algumas situações. Por que rimos de uma cabeleira vermelha ou de um nariz aumentado? “E por que se ri de um tipo racial diferente do nosso?”, pergunta o autor. Argumenta que o disfarce é algo programado, e a “coloração da pele”, não. “Vemos então que o disfarce transferiu um pouco da sua virtude cômica a casos em que não se trata de disfarce, mas onde poderia haver disfarce” mas, nesse caso, “por mais que a coloração negra ou vermelha seja inerente à pele, tornamo-la por calcada artificialmente, porque ela nos surpreende” (p.28).

Uma das conclusões a que Bergson chega sobre a comicidade presente na vida é assim definida:

A comicidade é aquele aspecto da pessoa pelo qual ela parece uma coisa, esse aspecto dos acontecimentos humanos que imita, por sua rigidez de um tipo particularíssimo, o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim, o movimento sem vida. Exprime, pois, uma imperfeição individual ou coletiva que exige imediata correção. O riso é essa própria correção. O riso é certo gesto social, que ressalta e reprime certo desvio social dos homens e dos acontecimentos (p.50).

Há um consenso de que rir é bom. Como se diz popularmente, o riso lava a alma, traz sossego e produz saúde física e mental. Muitos são os tratados da medicina e da psicologia que adotam o riso para tratamento de pacientes com câncer, com depressão etc., como nos apontam Garcia e outros⁵⁵, Masetti (1998) e Motta (2004) quando trabalham com a questão do riso no tratamento de crianças hospitalizadas.

Vivemos num país que se nomeia como alegre e descontraído, naturalmente livre de preconceitos e violências. Quando acompanhamos alguns acontecimentos produzidos de maneira violenta em outros países, na sequência ouvimos: “no Brasil estamos livre disso, aqui tudo é alegria, tudo é comemoração”. Viver ouvindo essas discursividades na família, na escola, nas igrejas, nas rodas e brincadeiras, nos molda a acreditar que podemos e estamos livres de algumas maldades, podemos e queremos rir, rir muito... Há pureza nesse nosso riso? Parece que temos medo de não

⁵⁵ Disponível em http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0918_0498_01.pdf, dia 26/11/2011, às 19h52.

poder rir, medo de descobrir que não há muito do que se poderia rir. O viver “Poliana”⁵⁶, achando positividade em tudo, cria em nós um faz-de-conta que é possível, nesse país, um viver leve, livre, onde rir é a vocação “natural” dos brasileiros e brasileiras. Bergson(1987) aponta para a ironia como uma possibilidade de opor o real ao ideal, “do que é com o que deveria ser” (p.68) em distinção ao humor:

“Ora, pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticulosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do humor. O humor, assim definido, é o inverso da ironia. Ambos são formas de sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo mais científico... O humorista é no caso um moralista disfarçado em cientista, algo como um anatomista que só faça dissecação para nos desagradar; e o humor, no sentido restrito que damos à palavra, é de fato uma transposição do moral em científico (p.68).

No percurso de ler alguns clássicos do humor, encontrei-me com Pirandello (1996)⁵⁷, observando que havia por parte do professor da Universidade de Magistério de Roma uma preocupação em classificar os risos viajando pela história e a maneira como suas diferentes explicações se deram. Discute sobre o que se estabeleceu, até ali, por humor clássico e humor moderno, além de lançar uma discussão sobre o humor inglês, denominado pelos próprios ingleses de *Humour*, ou seja, “é a facécia⁵⁸ de quem, brincando, conserva um ar grave” (p.10).

A trajetória de uma vida, produzindo narrativas para marcar um lugar, fez dele um ícone que distingue o humorismo da retórica (o maior inimigo do humorismo), colocando que o humorismo deve ir além do cômico. Ainda, em seu pensamento, Pirandello (1996, p.11) discute a questão da arte, como afirma Aurora Fornoni Bernardini, na introdução da obra citada:

Para Pirandello (como para Bakhtin) há uma distância muito grande entre intuição e expressão, sendo que só a expressão pode ter pretensões a ser arte. Por ser humorismo uma qualidade da expressão, qualquer gênero literário, seja ele conto, poesia, romance, comédia ou drama, pode ser humorístico ou não.

Ao trabalhar o que seria o humorismo, Pirandello (1996) afirma:

⁵⁶Conforme o romance de Eleanor H. Porter, publicado em 1913 e considerado um clássico da literatura infanto-juvenil. Além do livro, em 1920 foi produzido um filme (mudo)e outro foi lançado em 1960.

⁵⁷ Pirandello (1867-1936) escreve “O Humorismo” em 1908. Em sua produção escrita constam peças, contos, ensaios, poemas, romances. Pelo conjunto de suas obras recebeu o prêmio Nobel de Literatura, em 1934.

⁵⁸ Meio termo entre a graça e a zombaria.

[...] queremos apenas notar, desde o início, que há uma babilônica confusão na interpretação da palavra *humorismo*. Para muita gente, escritor humorístico é o escritor que faz rir; batiza-se como humorismo o cômico, o burlesco, o satírico, o grotesco, o trivial; a caricatura, a farsa, o epigrama, o *calembour*⁵⁹, o trivial, como por hábito se costuma chamar romântico tudo o que há de mais Arcádio e sentimental, de mais falso e barroco (p.22).

Pirandello (1996) tem a preocupação de trabalhar o conceito de humorismo utilizado até aquele momento muito mais no jogo entre nações, ligado a certo tipo de patriotismo que desdenha de outras nações, ampliando para um novo uso que começara a aparecer:

Do humorismo entendido no sentido mais amplo, como caráter deste ou daquele povo, passemos juntos a considerar as especialíssimas e singulares expressões de um humorismo que não é mais possível entender naquele sentido amplo, senão sob a condição de renunciar absolutamente à crítica, digo, à crítica que indaga e descobre todas as diferenças singulares e características pelas quais a expressão e, portanto, a arte, o modo de ser, o estilo de um escritor distingue-se do outro[...] (p.43).

A partir dessa constatação, Pirandello passa a localizar o humorismo como uma questão cultural, apontando para as diferentes maneiras como cada povo o trata, o manifesta. Pirandello também afirma que não há um modo único e correto de se produzir humorismo, questionando enfaticamente aqueles que se colocam no lugar dos que produzem “o” humorismo.

São inegáveis as qualidades diferentes das várias raças, é inegável que a *plaisanterie* francesa não é inglesa, como não é a italiana, a espanhola, a alemã, a russa, e assim por diante; inegável que cada povo tem seu próprio humor; o erro começa quando esse humor, naturalmente mutável em suas manifestações conforme o momento e os ambientes, é considerado, como costumeiramente o vulgo costuma fazer, como *humorismo*; ou quando, por interpretações exteriores e sumárias, afirma-se substancialmente diferente nos antigos e nos modernos; e quando, enfim, apenas pelo fato de que os ingleses denominaram *humour* seu humor nacional, enquanto os outros povos denominaram-no diferentemente, vem-se a dizer que somente os Ingleses têm o verdadeiro e próprio *humorismo* (p.44).

Trazer a realidade em cena, misturando dor e riso, foi magistralmente arquitetado por Chaplin em sua produção fílmica. Seus filmes trazem as contradições do “progresso”, da industrialização, permeados por um humor que provoca, que mexe com os sentimentos, que causa estranhamento no

⁵⁹ NT – Em francês, no original: Trocadilho

que está posto e faz pensar nas diferentes formas de organização da sociedade. Inglesa em sua origem, a filmografia de Chaplin tornou-se universal. Diferentes culturas identificam-se com as cenas, com os dramas humanos do viver em sociedade, com a injustiça, com os pequenos gestos de burlar as normas impostas. Chaplin consegue fazer rir e chorar em cenas próximas, envolvendo, no drama, personagem e espectador. Provoca sentimentos de indignação e coesão de forma singular, misturando a cruel realidade da vida com a doçura presente nos mais simples gestos.

Cinema, teatro, televisão. O humorismo dos tempos atuais, presente na televisão, chama de arte e de artistas esses atores que fazem rir, não mais dos costumes ou das cenas vividas em sociedade, mas das diferenças que os outros causam, coisificando-as, tentam transformar vidas em folclore, caricaturam sentimentos, peles, histórias.

Estar num palco torna uma pessoa um ator, um fazedor de arte. Não há neutralidade na arte, ela transmite valores e posturas diante da vida, da diferença, do estranhamento. O palco tem sido um lugar de relação, de representação de delação, mas, também de apresentação para um pensar e um sentir a partir do que ali é feito e toca no outro.

Em 1993, Pinsk e Eluf, ao tratar sobre a desqualificação do professor e da educação no Brasil, afirmam:

[...]Não é, afinal, no Brasil que muitas pessoas se deliciam com o humor (?) chulo do Sr. Chico Anísio, conduzindo um programa em que o professor é idiotizado, os alunos são boçais estereotipados, o processo de ensino se resume a uma soma de informações de almanaque, descosturadas (como se ensinar se resumisse a isso...) e todos os tipos de preconceitos (raciais, nacionais, sexuais, etc) correm soltos? Não é no Brasil em que se confessar professor provoca condescendente piedade? Não é aqui que muitos professores nem sequer têm talão de cheques, pois seus ganhos não os qualificam para isso junto ao banco? (PINSK; ELUF, 1993)

Os programas humorísticos, ao desqualificar, instituem um modo de pensar sobre o tema de que tratam, colocando o motivo do riso em um lugar menor. Rir do outro, domina-o pois o coloca em posição de dominado. Interessante o apoio financeiro que recebem, os altos cachês pagos a seus contratados e o valor cobrado, e pago, pelas empresas patrocinadoras para terem seus nomes associados aos programas veiculados durante o intervalo por meio dos comerciais produzidos em grandes agências de publicidade.

Palcos atuais: os programas e espetáculos de humor (*stand ups*)

Na segunda semana de maio de 2011, enquanto eu descobria Pirandello, lendo seu famoso escrito “Humorismo”, publicado inicialmente em 1908, recebi de um amigo um e-mail com os comentários de Luiz Carlos Azenha em seu blog⁶⁰ sobre um texto produzido e postado em outro blog⁶¹ por Eduardo Guimarães, intitulado “A República dos Canalhas”, onde o autor discute o conteúdo que tem sido trabalhado nos programas CQC, da Rede Bandeirantes, em que o protagonista Rafael Bastos, o Rafinha, usa e abusa de um tipo contemporâneo de humor presente em várias emissoras.

O “humorista” do programa da TV Bandeirantes faz piadas com estupro, aborto, doenças e deficiência física. Acaba de dizer que toda mulher que reclama de estupro é “feia” e deveria “agradecer” a violência. Segundo os adeptos desse tipo de “humor”, este não pode ser feito sem mau gosto, sem desumanidade e insensibilidade. A “graça” estaria em pisotear os que já foram pisoteados pela vida.⁶²

Comecei a procurar o texto original, comentado no e-mail. Encontrei com facilidade e, nele, para meu espanto, havia cerca de 240 comentários, os mais diversos. Entre eles, alguns me chamaram a atenção e transcrevo aqui:

Henri · 9 horas atrás

O Brasil nunca teve humoristas. Eu, sinceramente, nunca consegui rir com Os Trapalhões, o Chico Anísio, dentre outros. Humor, para mim, segue a linha dos britânicos, como o Mr. Bean e Monty Pyton, aquela coisa inteligente, criativa, bem pensada, que te faz rir sem precisar humilhar ninguém.

Pardalzinho · 1 dia atrás

Humorismo, infelizmente, é como tudo na vida... tem bom, tem ruim mas, principalmente, depende muito do "discurso presumido" da platéia. Se a platéia aplaude o preconceito é porque o problema está nela e não na fonte enunciativa.

GilTeixeira 62p · 1 dia atrás

No encontro dos blogueiros no Rio teve uma aula de humorismo dada por BenvindoSequeira:

(transcrevo do blog Somos Andando: <http://somosandando.wordpress.com/>)

Foi dessa forma que Bemvindo Siqueira falou sério em meio a uma atuação teatral divertidíssima na mesa sobre Arte e Humor na Blogosfera. Ele, aliás, deu uma verdadeira aula sobre a história do humor, voltando aos tempos das comédias de costumes, para explicar que o humor é feito para desmontar costumes, não pessoas. É com a vaidade, a soberba, o preconceito que se brinca, não com o negro, o homossexual, o deficiente. E aí ele diferencia os humoristas de verdade dos que acham

⁶⁰ www.viomundo.com.br/preconceito.html, 11/05/2011, 9h 16min.

⁶¹ www.blogcidadania.com.br

⁶² *Ibidem*, disponível em 11/05/2011, às 9h56

que fazem humor agredindo os outros. O que é, enfatizou, muito diferente de defender o “muito chato” politicamente correto.

edv. *1 dia atrás*

Este tipo de "humor faxista", eminentemente praticado em programas como pânico, cqc, e similares, onde as pessoas são constrangidas para que outros riam (um dos princípios do "bullying"), é curiosamente aplaudida (é só ver a audiência) pelas próprias "vítimas", como nos tempos do pânico ao rádio, onde as pessoas (geralmente adolescentes) telefonavam para ser sacaneadas ao vivo, dar uma risadinha sem graça e dizer que adoravam os integrantes, que eram pagos para se divertir no estúdio. Tempos modernos...

José Norberto · *1 dia atrás*

A tendência é piorar mesmo. Os programas humorísticos veiculados na grande mídia estão nivelando para baixo cada vez mais. O público cada vez mais alienado aceita com mais facilidade esses novos conceitos de humor. Particularmente não vejo nada de humor no zorra total, apenas vê adultérios e basicamente isso. O CQC e o Pânico são dois programas que desrespeitam as pessoas, mas como estamos numa sociedade de valor invertido, o que é certo se tornou errado e o que é errado se tornou certo, então eles têm audiência e o público e parece que até a justiça dá aval para eles continuar desrespeitando as pessoas.

Azenha comenta que

Toda sociedade que experimenta uma rápida transformação é um maná para os preconceituosos. Todos nos sentimos menos seguros em relação ao mundo e “ativamos” o preconceito como forma de defesa contra o medo do desconhecido. A culpa, como se sabe, é sempre “dos outros”. Com o You Tube e o Twitter, o choque tem um valor comercial cada vez maior. Tudo o que o choque precisa fazer é despertar os fantasmas que nos assombram. É um contato epidérmico, sem reflexão, que cabe perfeitamente em 140 caracteres, desde que haja gente disposta a recebê-lo do lado de lá.

Em junho de 2011, no Destak Jornal, saiu a seguinte notícia sobre Rafinha Bastos⁶³, na época membro do programa CQC,

O humorista Rafinha Bastos, do CQC, foi intimado a depor no 14º. Distrito Policial de São Paulo, em Pinheiros, no dia 5 de agosto. A informação é da coluna “Zapping”, do jornal Agora. “Rafinha é alvo de inquérito que investiga crimes de incitação e apologia ao estupro, com pena que vai de seis meses a um ano de prisão. Em entrevista à revista Rolling Stone de maio, o humorista disse que toda mulher vítima de estupro é feia e que quem comete o ato merece um abraço.”⁶⁴

⁶³ O humorista está sendo processado por Wanessa Camargo e o marido. Na edição do CQC de 26 de setembro, o apresentador Marcelo Tas comentou que achava Wanessa "uma gracinha" grávida. Rafinha disse que "comeria ela e o bebê". Foi suspenso pela Band, mas ainda não se sabe se o afastamento será mantido. Disponível em <http://www.destakjornal.com.br/readContent.aspx?id=17,111861>, dia 14/05/2012, 17h56.

⁶⁴ Jornal Destak, dia 21/07/2011, pág15. Disponível em <http://www.destakjornal.com.br/search.aspx>, dia 14/05/2012, 17h40

O estilo do humorista custou-lhe a saída do elenco do programa, juntamente com Danilo Gentili, juntos desde 2008. Em entrevista ele afirma que "sabia que isso aconteceria".

“Quando você é um comediante, você brinca com a realidade, você sacaneia e às vezes a comédia é pesada. Eu admito que a minha é pesada. Não sou uma vítima do sistema, às vezes eu realmente brinco com coisas que confundem as pessoas.” Para o comediante, as pessoas ainda não se acostumaram com o improviso. "Eu faço comédia de cara limpa, sou o Rafinha Bastos, não um personagem, e isso as vezes é confuso para as pessoas.”⁶⁵

Mesmo com toda a polêmica, a Bandeirantes fez uma suspensão temporária, pois a audiência do programa caiu de 5.5 pontos para 4.8 no Ibope⁶⁶.

Nada disso abalou a vida artística dos humoristas que continuaram fazendo shows, espetáculos teatrais e participando da terceira edição do Risadaria⁶⁷, no Pavilhão da Bienal, em São Paulo, que nesse ano homenageou Renato Aragão, em seus 77 anos de idade.

Outro espetáculo entrou em cartaz, no início de 2012, o “Proibidão do *Stand-up*”. O mestre de cerimônia foi Alexandre Frota. O evento assim se apresenta:

O projeto pretende ser polêmico e reúne os comediantes Danilo Gentili, Fábio Rabin, Luiz França, Gus Fernandes, Felipe Hamachi e Marcelo Marrom para contar piadas pesadas, que podem ter conteúdo preconceituoso e de baixo calão. Para assistir ao show, o público precisa deixar as máquinas fotográficas e celulares na chapelaria, além de assinar um termo de ciência. Antes e depois dos comediantes, uma banda de jazz anima o ambiente. Os ingressos custam R\$ 60. Quem enviar o nome para a lista kitsch@gmail.com paga R\$ 50.⁶⁸

No dia do lançamento do espetáculo houve confusão. O “Proibidão do *stand-up*”, no qual comediantes fazem piadas preconceituosas contra negros, s, deficientes e mulheres, acabou com a presença da Polícia Militar.

⁶⁵ Disponível em <http://www.destakjornal.com.br/readContent.aspx?id=17,134824>, dia 14/05/2012, 17h52

⁶⁶ Cada ponto equivale a 58 mil domicílios com a TV ligada. Para a emissora, não há como perder uma atração líder de faturamento, haja vista que um comercial de 30 segundos durante o CQC sai por R\$ 130 mil. Já um merchandising pode custar de R\$ 240 mil a R\$ 2,4 milhões, sem incluir cachês.

⁶⁷ Risadaria é tido como o maior evento de humor do país, que nesse ano homenageou Renato Aragão, 77 anos, líder da trupe "Os Trapalhões", no Pavilhão da Bienal, no Ibirapuera. A programação (ver o site www.risadaria.com.br) incluiu a final do Campeonato Brasileiro de *Stand-Up Comedy*. Entre os humoristas que fizeram shows estavam Danilo Gentili, Fabio Porchat, Rafinha Bastos e Marcelo Adnet.

⁶⁸ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1061675-show-com-piada-racista-termina-em-confusao-na-zona-sul-de-sp.shtml>, dia 25 de março de 2012, 19h43

Um músico da banda que fazia as vinhetas entre uma apresentação e outra se sentiu ofendido por uma piada racista contada pelo humorista Felipe Hamachi. Negro, o tecladista chamou a Polícia Militar. Após muita conversa, a confusão foi resolvida ali mesmo, sem a necessidade de registrar um boletim de ocorrência...

[...] Já na entrada, as pessoas tinham de assinar um termo de compromisso, confirmando que não ficariam ofendidas com nada que fosse dito.

A plateia era formada por pessoas de várias idades. Havia negros e mulheres. Entre os comediantes estavam Danilo Gentili, Fábio Rabin e Luiz França. Alexandre Frota era o apresentador.

A confusão ocorreu no momento em que o humorista Hamachi disse que não se pega Aids em relações sexuais com macacos e, em seguida, dirigiu olhares para o tecladista insinuando que mantinha uma relação com ele.

O músico, que não havia assinado o compromisso de "não ofensa" que é imposto ao público, abandonou o palco e chamou a polícia, que foi ao local. Amigos, companheiros da banda e funcionários tentaram acalmá-lo.⁶⁹

Com a manchete “Brincando de odiar”, o Estado de São Paulo⁷⁰ no caderno “aliás”, de 25 de março de 2012, afirma que ““ Iniciativas culturais” como o *Proibidão* realimentam o desrespeito ao diferente numa sociedade marcada pela discriminação racial”. De forma contundente os jornalistas que assinam a matéria abordam o tema de forma crítica, questionando o espetáculo como iniciativa cultural e afirmando o quanto esse tipo de atitude “realimentam o desrespeito ao diferente em uma sociedade como a nossa, historicamente marcada pela escravatura e pela discriminação racial e social”.

Também podemos citar o espetáculo “A Arte do Insulto”, de Rafinha Bastos. Interessante esse novo jeito de fazer teatro, onde insultar está presente até mesmo no nome do show. Disponível também em DVD, vendido nas principais livrarias e liberado para o *You Tube*, não há por parte do ator nenhuma preocupação com o conteúdo de sua fala na abordagem que faz do outro. Ele não economiza apelidos, chavões, senso comum que classificam aqueles outros em dizeres “engraçados” que fazem rir, em abundância, a plateia que o assiste.

Além desses espetáculos, podemos citar programas de TV. “A praça é nossa” tem vários quadros caricaturando os *gays*, em especial confundindo o *gay* com as travestis, desqualificando os super-heróis, anões, velhos.

No “Zorra Total”, um dos programas com maior audiência da televisão, *s*, travestis, velhos, mulheres, loiras e pobres são os alvos dos quadros que se apresentam aos sábados à noite. Ouvi, no I

⁶⁹ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1061675-show-com-piada-racista-termina-em-confusao-na-zona-sul-de-sp.shtml>, dia 25 de março de 2012, 19h43

⁷⁰ Jornal Estado de São Paulo do dia 25 de Março de 2012, J6, Caderno aliás. Matéria assinada por Noemi Moritz Kon (psicanalista) e Sérgio Kon (artista gráfico e plástico).

Encontro Literário LGBT⁷¹, realizado em Rio Claro, dia 18 de Maio de 2012, o termo Gay Zorra Total, em palestra proferida por Kizzy Usatis, escritor que avaliou em sua fala a postura das livrarias diante dos livros cuja temática é homossexual: os livros não são expostos, os vendedores desconhecem os livros, os adolescentes homossexuais são denunciados pelos vendedores que falam alto o nome do livro, constrangendo-os. Kizzy, ao usar o referido termo, critica a mídia e o programa que “caricatura o *gay*, mostra-o sempre igual, sempre do mesmo jeito”.

Como podemos verificar, o tema é recorrente. “Se não for para rir de alguém, vai rir do quê?” Como me disse um adolescente de 15 anos, parece ser o que está incorporado nos palcos e nas telas das televisões brasileiras, disseminando de forma “natural” esse tipo de racismo que desqualifica rindo, como se fosse algo leve e alegre. Não podemos pensar em rir com alguém? Identificarmo-nos com algum outro e juntos rirmos de nós?

Estamos acostumados a dissimular nossos conflitos rindo deles em lugar de enfrenta-los, assim nos ensinaram desde os bárbaros tempos da inquisição e do cativeiro onde eram produzidas justificativas que criminalizavam e desqualificavam quem diferente se apresentasse. Essa dissimilação à brasileira produz a exclusão, mantém privilégios, naturaliza as desigualdades justificando como incompetência de um e outro. Sabemos todos o que tem significado para negros e *gays* conviver com o *bulling* nas salas de aula, nos parques, jardins, shoppings, clubes, na rua ou no transporte público, no trabalho e na família. Em nada esse tipo de humor nos ajudará a pensar formas outras de civilidade. Estamos mais para o horror do que para algum novo humor que se pretendia.

a) Outros palcos, picadeiro do circo: palhaços e *clowns* na arte de fazer rir

Hoje tem marmelada? Tem sim senhor! E o palhaço o que é? É ladrão de mulher!

De onde teriam partido esses bordões que alegravam os picadeiros? Da arrogância do palhaço que chegava à cidade e divertia a todos? Da leveza daquele homem que encantava as mulheres de homens sisudos, pouco alegres?

Ao abordar o palhaço como potência, como alegria, Kasper (2004, p.45) afirma:

⁷¹O Encontro foi organizado com recursos do PROAC em projeto aprovado e apresentado pela secretaria LGBT, do Grupo Auê, uma ONG de Rio Claro, cujo coordenador é Anselmo Luís Ceregatto.

O palhaço possibilita que nos conectemos de novo com a nossa potência. Como vimos, uma das operações do poder é separar-nos daquilo que podemos, através das paixões tristes. Sentimos culpa, medo, vergonha perante as nossas forças vitais, como a sexualidade, a alegria de modo geral. O palhaço, por sua vez, opera com a alegria. A paixão alegre é um caminho em direção à atividade, que consiste em tornar posse de sua própria potência, em não deixar que nossa potência seja capturada por paixões tristes e pelos poderes estabelecidos.

Esse distanciamento entre as muitas maneiras de provocar o riso apresenta-se em tantas artes construídas em diferentes momentos de nossa história. Não é a manifestação artística que traz uma potência para a alegria ou para a tristeza, é o que ela pode provocar em nós, os diversos significados de seus gestos, das palavras, dos movimentos corporais. Assim, esse lugar ocupado no picadeiro produz uma inquietação, uma intranquilidade própria de uma cena onde a relação se faz presente, atuante. “O palhaço tem um modo de operar, de funcionar que necessariamente inclui o outro. Ele precisa do outro para atuar, precisa da cumplicidade do outro, do olhar do outro, atua em relação com o público. Existem inúmeras maneiras de se fazer isso” (Kasper, 2004, p.57).

Os palhaços como criadores de novas possibilidades de vida, modos de existências que questionam valores estabelecidos, acreditamos que se tornou evidente que o seu papel político não se restringe a um discurso político ou a uma temática política. Existem várias maneiras de se entender esse papel político. Podemos ver o palhaço como transgressor por fazer piadas com conotações sexuais, por brincar com partes genitais do corpo, realizar ações culturalmente consideradas obscenas, transgredindo assim padrões morais; podemos considerar o mais político dos palhaços aquele que, didaticamente, apresenta a defesa de uma bandeira política do momento no qual atua: contra ou a favor de algo (Kasper, 2004, p.5).

Conhecer a história de palhaços pelas palavras de Kasper (2004) me trouxe um grande alento para essa difícil tarefa de olhar para o riso. Rir sim, fazer rir sim. A questão que afasta a palhaçada desse humor que está presente nas grandes mídias atuais é a provocação que um e outro fazem. A que vêm, de quem falam, como falam? O que provocam? Afetos, potências, todos provocam. Esse corpo presente e vivo em cada ator que faz rir, seja no palco, no picadeiro e na televisão, é um corpo que interage, que pulsa. É um corpo que marca, que atinge outro corpo, que ouve, que vê, que sente o dito e o feito, que afeta e é afetado. Há potência em tudo isso, há força de vida que alegra e que entristece a depender do que traz e marca, como abaixo aponta a pesquisadora:

Alegria é o que sente o próprio artista ao atuar como clown, diz Renato Ferracini. Alegria de estar “conseguindo fazer aquilo, você está estabelecendo um jogo, uma alegria muito grande. A mesma alegria que você sente quando você põe uma música que você gosta muito, começa a dançar e todo mundo começa a dançar com você,

numa festa. Essa alegria que você começa a dançar e todo mundo dança junto...” A Alegria de contagiar. (KASPER, 2004, p.45)

Kasper, em artigo referente à sua tese de doutorado⁷², em que discute a questão do ativismo político que se utiliza do *clown* para as manifestações, afirma que “adquirir a posse de nossa potência é ser livre. A alegria nos religa à nossa potência de agir e sermos afetados”. E mais adiante

O papel político do palhaço não se restringe a um discurso político ou a uma temática política. Pensamos o palhaço como uma política específica de relação com a alteridade. O jogo do palhaço é jogado com o outro, com o público. Enquanto capacidade de abertura para o outro, de desenvolvimento dessa capacidade de afetar e ser afetado, de levar o jogo às últimas consequências, a técnica do palhaço pode ser bastante interessante também para os ativistas.⁷³

Angelo & Dias (2012, p.136-137), ao estudar a Escola Nacional de Circo a partir da história oral de membros fundadores e que atuam nas diferentes modalidades circenses, afirmam:

Aqui o gesto de espanto da plateia revela que há algo a mais no artista do que meramente técnica. Há um pouco de charme, algo leve no ar [...]. O palhaço, como vimos, nasce com o dom de ser engraçado. Este artista, atravessado por forças oriundas da natureza, é capaz de revigorar o humano do sofrimento com sopros de levezas através do riso. O riso é uma das formas de nos aliviarmos com os limites que nos vinculam à finitude.

Assim, podemos olhar o palhaço (riso potente, positivo, propositivo, desafiador) e alguns artistas do teatro de *stand up* (cujas piadas e comentários desqualificam negros e *gays*) com a mesma lente? A que referência de ser humano cada um está ligado? De que forma cada um enxerga a vida, suas diferenças, suas dores, suas mazelas?

⁷²Kasper, K. M. Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. Tese de doutorado. Campinas, Faculdade de Educação/UNICAMP, 2004.

⁷³Mimeo a partir de Kasper, K. M. Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. Tese de doutorado. Campinas, Faculdade de Educação/UNICAMP, 2004

Capítulo 4 - Diálogo com os autores - os fascismos que nos habitam

Moro em minha própria casa
Nada imitei de ninguém
E ainda ri de todo mestre
Que não riu de si também.⁷⁴

Início esse capítulo com a discussão sobre o papel do intelectual do tempo presente, o intelectual específico, nas palavras de Foucault, e a produção das ‘verdades’ de seu tempo, em lugar de um intelectual iluminado que em sua individualidade pensa ter as respostas para o coletivo.

O papel do intelectual não é mais o de se posicionar “um pouco à frente e um pouco ao lado” para dizer a verdade muda de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder ali onde ele é, ao mesmo tempo o objeto e o instrumento disso: na ordem do “saber”, da “verdade”, da “consciência”, do “discurso” (FOUCAULT, 2003, p. 39).

Assim, a maneira como as diferentes formas de comunicação vêm sendo abordadas, exteriorizadas, por meio de diferentes veículos (televisão, palcos, *Internet*, rádios por ex.), demonstra certa maneira de dizer e naturalizar como verdadeiras as “coisas ditas”, ou (mal)ditas, acerca dos negros, dos s, dos velhos, das mulheres, dos adolescentes. Travestidas de momento de diversão, essas violências destilam discórdia, provocam experiências que tatuam de forma profunda muitas vidas. Por exemplo, com relação à violência contra as mulheres temos:

A violência constitui também, dessa forma, um dispositivo, uma economia instituída e naturalizada, exposta em espetáculo, quando se trata, por exemplo, de relações de gênero; nelas as mulheres são representadas, tratadas, olhadas, utilizadas em esquemas de violência simbólica e material, praticada e mostrada, em imagens, discursos, filosofias, subordinações, enunciados diversos. O dispositivo da violência incita e produz dominação, discriminação, mortes múltiplas. Se o pressuposto da diferença “natural” de sexos institui o dispositivo da sexualidade, a violência é sua materialização (SWAIN, 2009, p. 391).

Esse dizer, que está posto como norma do riso pelos diferentes meios de comunicação, nos faz crer que o que ali foi “dito”, abordado, está correto, que é isso que nos diverte, nos distrai e nos faz bem. Ouvimos que a diversão afasta o estresse da vida atribulada e nos traz descanso. Apresentam-se soluções que tornam a vida melhor, associando o programa humorístico com a proposta de diminuir a

⁷⁴Epígrafe de A Gaia Ciência, em: Nietzsche. *Obra Incompleta*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974; p. 195.

ansiedade do dia-a-dia e provocar relaxamento para suportar todas as outras tensões. Ouvimos em todos os lugares as palavras de ordem que desde crianças nos ensinam a rir alienados e a olhar o outro como esquisito e a diferença que carrega como problema. Foucault (1971) afirmou que

no caso em que se pudesse descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade (p. 51).

Essa violência muitas vezes ainda é silenciosa e está presente nos microdizeres, nas pequenas atitudes, nos olhares, nos lugares ocupados, nas palavras ditas e não ditas em situações as mais comuns possíveis.

A violência que vivemos tornou-se uma banalidade nestes tempos em que relacionar-se passou a ser sinônimo de ataque e defesa, com indivíduos revezando-se nessas posturas que não implicam a mínima preocupação de cuidado consigo e com o outro. Recentemente um adolescente de 15 anos virou herói porque reagiu às gozações que sofria há anos. Noticiado amplamente nas redes sociais e canais de televisão e *Internet*, Casey Heynes conta ser vítima de *bullying* há três anos. O estudante australiano, de 15 anos, que virou sensação na *Internet* falou pela primeira vez sobre as imagens em que aparece revidando agressões de um colega de escola. Virou atração esse herói que apareceu por cerca de 1.223.054 vezes no *you tube*, em pouco tempo. Interessante notar, do lado direito da tela, ao lado da matéria na *Internet*⁷⁵, as muitas opções de leitura sobre o tema, como por exemplo: “*bullying*”, “Assembleia do Rio aprova programa anti-*bullying* nas escolas cariocas”, “Alerj aprova projeto de combate ao *bullying*”, “Dilma fala sobre o *Bullying*”, “O mais novo problema antigo: o *bullying*”, “Ser chamado de corinthiano é *bullying*”, “Saiba como reagir contra o *bullying*”, “*Bullying* no mundo animal”, “Cerca de 70% de crianças envolvidas com *bullying* sofrem castigos em casa”, “Curso *Bullying* e *Cyberbullying*: Conhecendo para combater”.

A espetacularização da cena e a supervalorização da revanche como formas de enfrentar o mal-estar criado ainda sem o devido reconhecimento são tratadas como produtos a serem revistos. Atitudes individuais, extremas, passam a ser o mote de solução para essa nova nomenclatura das violências institucionalizadas. Como tem ocorrido, o tema toma conta das mídias quando a violência

⁷⁵ Disponível em <http://www.dihitt.com.br/n/violencia/2011/03/21/--bullying--garoto-australiano-que-sofria-bullying-reagiu-e-virou-hit-na-internet>, dia 18 de Outubro de 2011, às 10h10.

passa a acontecer entre membros de uma mesma classe social, a classe média alta, presente nas escolas particulares. Não se chamava *bullying* a violência praticada contra as crianças e jovens das camadas populares: apelidos, atitudes de desprezo, impossibilidade de frequentar espaços dirigidos para outros grupos, piadas contadas nas salas de aula. Mas a visibilidade desses comportamentos na classe média assustou. Daí, tornar-se crime, virar doença institucionaliza a violência com um novo nome, e, detalhe, grafado em inglês. Em lugar de discutir com as crianças e adolescentes sobre o que estamos fazendo com nossas vidas, medicalizamos, tratamos, reprimimos.

Muitos autores abordaram a questão da banalização da violência e torna-se urgente pensar na possibilidade de identificar pequenas coisas que ao serem interiorizadas vão marcando, tangendo como “ferro no lombo do burro” as identidades, os percursos... O que as palavras podem marcar em cada um? Como aquilo que se chama de “brincadeira” pode machucar, pode fazer a carne doer?

Foucault (1999, p.73) ao trabalhar a questão das diferenças e de como elas são organizadas na sociedade aborda um específico tipo de racismo a que denomina racismo de Estado, “[...] um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social”. No curso “Os Anormais”, ao discutir a emergência do conceito de anormal (conceito que nomeia, classifica, organiza conforme interesses) e o quanto de racismo ele carrega, Foucault (2001, p. 403) afirma,

[...] O novo conceito de racismo, o neo-racismo, o que é próprio do século XX como meio de defesa interna de uma sociedade contra seus anormais, nasceu da psiquiatria, e o nazismo nada mais fez que conectar esse novo racismo ao racismo ético que era endêmico ao século XIX.

Assim, Foucault avança para além das conhecidas lutas travadas entre povos que disputam entre si as mais diversas situações, e deflagra outro tipo de luta dentro de um mesmo território, entre pessoas de um mesmo país, uma luta interna. “Racismo interno, racismo que possibilita filtrar todos os indivíduos no interior de uma sociedade dada” Foucault (2001, p. 403). Essa luta coloca em lugares diferentes e opostos as diferenças que provocam, e reforçam a maneira como se vive desqualificando o outro para marcar lugares supostamente superiores, qualificados. Ao qualificar em mais e menos, em melhor e pior, diferenças que recebem valores, lugares hierarquicamente classificados, Skliar (2004, p. 84) assim escreve: “Racismo é nomear o outro, designá-lo, inventá-lo

para em seguida apagá-lo (massacrá-lo) e fazê-lo reaparecer cada vez que nos seja útil, em cada lugar que (nos) seja necessário”. Esse modelo de vida, nesse tipo de sociedade que criamos precisa ter “um melhor”, “outro pior”, “um mais” e “outro menos”.

Cenas do dia-a-dia nos apontam abundantes situações que denunciam a maneira como estamos lidando com as nossas relações. Abaixo está relatada uma delas em que se pode observar a maneira como a naturalização das relações desiguais vai classificando entre melhor e pior, o que mais interessa do ponto de vista dos interesses de quem classifica. Quem fala não consegue se enxergar racista, quem ouve já se acostumou com as tantas histórias do dia-a-dia. Esse relato aponta para essa direção:

“Eu e alguns amigos estávamos tranquilos numa mesa de bar, tomando cerveja e contando piadas. Como tinha gente de vários estados do Brasil, contávamos piadas uns dos outros, gozando com a cara um do outro, sem nenhum problema. Era mineiro gozando de gaúcho, gaúcho de baiano, paulista de carioca, carioca de capixaba... uma farrá, todo mundo se divertindo e rindo muito. Cada um contava uma mais engraçada e mexendo com as características do outro. Eu contei aquela do gaúcho que se gaba de que no Rio Grande todo mundo é macho, só tem macho e o mineiro vira e fala... engraçado isso (com aquela voz fina, imitando o caipira mineiro) lá em Minas tem homem e mulher e a gente se dá muito bem.... Nessa hora rimos mais ainda e de repente, levanta uma mulher que estava em outra mesa, ela estava sozinha, e no bar só estava o nosso grupo e ela e começa a dar lição de moral na gente. Entre outras coisas disse que nossas piadas eram preconceituosas e que era horrível o que estávamos fazendo. Disse que percebeu que somos funcionários públicos e que isso só piorava porque estávamos num bar gastando dinheiro público e ainda falando aquelas coisas. Aquilo soou como mais uma piada e o grupo continuou a rir. Primeiro porque eram 11 horas da noite, segundo porque quem estava pagando nossa cerveja éramos nós mesmos... e o que ela tinha que ficar ouvindo nossa conversa? Falamos isso e rimos mais ainda... Aí a mulher virou uma fera e falou: Bom, de uma mesa como essa, sem nenhum loiro de olho claro, só se podia esperar essa conversa mesmo... ela falou isso olhando para o baiano... aí eu é que virei uma fera... e disse: vamos parar por aqui porque racismo não se pode admitir...”⁷⁶

De tanto falar, de tanto ouvir, naturalizou-se o racismo, como apontou Foucault. Há quem afirme que assumir-se racista é algo que não combina com o povo “pacífico e alegre” do Brasil. Na história narrada acima, o que poderíamos pensar acerca do racismo? Racista era a mulher? Os amigos

⁷⁶ Esse relato ouvi de um amigo, em dia de festa, em minha casa.

que contavam as piadas? Os que ouviam e se divertiam? Todos? Para o grupo de amigos, todos concordavam com as piadas uns dos outros, então não havia racismo. O racismo autorizado pelo outro parece não ser racismo...

Bakhtin (1993, p. 57) afirma que “o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo”. Afirma ainda que

O “riso carnavalesco” é antes de tudo um riso festivo. Esse riso é patrimônio do povo; todos riem, ele é igual em todos. Não se ri por obrigatoriedade. Não existe o riso amarelo, apenas e tão somente o riso sincero, livre e com uma profunda espiritualidade. Todavia, ele “é ambivalente, alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.”(Bakhtin, 1993, p. 10)

Trata-se de um riso livre de preconceitos, leve e positivo. Essa é uma possibilidade de pensar o riso, mas podemos refletir sobre o que as piadas provocam quando anunciam as diferenças e nos fazem rir delas. As piadas não estão isentas do que provocam, do que sobre elas se formula, se pensa, se espera do mundo. As piadas apresentam certa concepção de mundo, verdades postas e impostas, histórias contadas e omitidas, pontos de vista individuais, de grupos de interesse, de classes sociais. As piadas revelam um dado jeito de viver, de acreditar, de traçar julgamentos sobre o outro e sobre o mundo.

Diante de expressões como “um sorriso abre muitas portas”, “um sorriso pode disfarçar muitas dores”, “um sorriso pode magoar”, podemos considerar que um sorriso pode ter muitos sentidos, a depender do sujeito que sorri, do sujeito que provoca o sorriso, como e o que significa e a quem ele se dirige. Sorriso e riso são sinônimos. Podem ter muitos significados a depender do contexto em que ocorrem, das histórias que carregam, das culturas onde acontecem. Nietzsche (1983, p.58) foi feliz quando afirmou: “Não é com ira que se mata, mas com riso”. Um riso de deboche, sarcástico, expressa o desprezo de um modo radical que marca profundamente o outro. Deixar clara a raiva, dar um soco se preciso for para expressar o sentimento concretamente, não deixa dúvida alguma. Ao contrário o riso que violenta de forma travestida, divertida, é dirigido a quem?

Há uma mistura entre os risos, há outros nomes escondidos nos risos. Há um fio de navalha presente nos diferentes risos possíveis, que só podem ser sentidos e identificados pelo produtor e pelo receptor. Os demais ali presentes interpretam a cena, riem ou ficam indignados a partir do que lhes

tocou a cena vivida. O riso se traveste de sentidos e recebe nomes, implica significações a partir da intenção que carrega. No dicionário Aurélio, temos:

Riso: [do lat. risu] S.m. 1 Ato ou efeito de rir, risada. 2. Contente, alegre, satisfeito. 3 Coisa ridícula. [Cf. rizo, do v. rizar.]. Riso Amarelo. Riso forçado. Contrafeito; sorriso amarelo. Perdido de riso. Que não pode conter o riso. Para risível, temos: [do lat. risibile]. Adj. 2g. 1. Digno de riso ou escárnio; que provoca riso; burlesco, cômico, ridículo. S.m.2. Aquilo que é ridículo.

Ironia: [Do gr. eiróneia, ‘interrogação’, pelo lat. Ironia] S.f. 1. Modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, ou por pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem: Voltaire foi um mestre da ironia. 2. Contraste fortuito que parece um escárnio: ironia do destino. 3. Sarcasmo, zombaria.

Sarcasmo: [do Gr. Sarkasmós, pelo lat. Sarcasmu] S.m. V. zombaria: “O seu estilo tinha umas vezes o sarcasmo ferino da conversação ordinária” (Inglês de Souza).

Zombaria; [de zombar + - ia] S.f. Manifestação intencional, malévola, irônica ou maliciosa, por meio do riso, de palavras, atitudes ou gestos, com que se procura levar ao ridículo ou expor uma pessoa ao desdém ou menosprezo uma pessoa, instituição, coisa etc, e até sentimentos. [Sin. Caçoada, chacota, chateação, deboche, escarnecimento, escárnio, gaita, galhofa, ludíbrio, mangação, moca, mofa, momo, motejo, remoque, sarcasmo, troça e (Brás. CE) mangaço ou mangofa.

Escárnio: [Dev. De escarnir]. S.m. 1. Zombaria. 2. Menosprezo, desdém. [Sin. Escarnecimento].

Pensar o riso e o risível, então, também me remete a pensar em risos provocados por um prazer, ou carregados de disfarce diante de um desprazer. E ainda o riso diante de uma dor (também popularmente conhecido como riso nervoso). O riso, então, não pode ser confundido com alegria. Deleuze em seu Abecedário⁷⁷, na letra J (*Joie*), de *Alegria*, afirma que “a alegria é tudo o que consiste em preencher uma potência”. Na sequência ele evoca a cor, “eu conquisto, por menor que seja, um pedaço de cor”. Ao falar de alegria, imediatamente o filósofo se remete à tristeza evocando que “qualquer tristeza resulta de um poder sobre mim”. Um afastar-se daquilo que poderia preencher uma potência. Sugere que não confundamos poder e potência, afirmando que “o poder sempre separa as pessoas que lhe são submissas, separa-as do que elas podem fazer”. E ainda: “eu diria que todo poder é triste. Mesmo se aqueles que o detêm se alegram de tê-lo. É uma alegria triste”.

⁷⁷ Entrevista concedida a Claire Parnet, gravada em vídeo e transcrita. Circula pela *Internet* uma versão, tanto da entrevista gravada como da transcrição. PDF disponibilizado em <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. A entrevista disponibilizada em <http://www.youtube.com/watch?v=tObwOtG-7jE>

Essa relação que Deleuze estabelece da alegria/tristeza com o poder me faz pensar no lugar que o ressentimento ocupa nas relações humanas, em especial, na amargura sentida pela perda de um espaço que se supunha ter. O poder faz crer que se tem espaço (um lugar de poder), a pessoa acredita e se agarra a ele, passando a viver em função dessa falsa conquista que, claro, desmorona-se diante de fatos reais. Esse ressentimento produzido na perda machuca quem está ressentido, produz feridas; é um falso prazer, provoca o outro, diminuindo-o, supondo com isso estar em alguma vantagem. Ilusão vazia que pode causar mal-estar em todos. Falsa alegria.

Também podemos pensar no riso abraçado ao ressentimento e na impossibilidade de expressar o riso franco, manifestando-o com outros recursos, por exemplo, na piada e no apelido. As piadas são como fonte de naturalização das diferenças que, presentes na vida, aparecem em forma de jogo, de “brincadeira”, mas que simultaneamente fazem rir a alguns e provocam dor em outros; ao mesmo tempo em que explicitam a diferença salientando-a qualificam-na de fraqueza, diminuindo-a diante de uma norma imposta pelas tantas relações de poder que norteiam nossas relações humanas, sociais. O ressentido precisa do outro para se jogar, para se atirar. Fazendo isso, ele pensa esconder sua dor, mistura-se a ela acreditando que a sublima. Julga o outro para esconder-se de si? Olha e ri do outro para não rir de si?

A vida em sociedade se utiliza de artifícios que nos enganam numa tentativa escamoteada de ajudar a suportar e a “lidar” com os sentimentos e ressentimentos que o mal-estar desse viver produz. O chiste, como nos aponta Freud

(1996), poderia ser fonte de prazer por dispensar a relação de sentido entre as palavras e as coisas. O chiste é potente para quem o emite e só tem sentido se houver um alvo, uma direção. No artigo “A criatividade que liberta: riso, humor e morte”, Duarte (2006, p.53)⁷⁸ assim comenta sobre esse texto freudiano:

No humor, pelo contrário, o riso volta-se para o próprio eu, que brinca com seus costumes, crenças, pretensões ou manias. O humor provoca o riso, assim, em muitos chistes recolhidos por Freud, pois neles o fundador da psicanálise parece rir de si mesmo ao rir de seu povo, de sua relação com o dinheiro, de seus hábitos, da tradição de ajudar “familiarmente” os irmãos desvalidos. Brincando também com as regras das relações amorosas, *Os chistes* mostram

⁷⁸ Disponível em <http://www.ich.pucminas.br/posletras/pdf/A%20criatividade.pdf>, dia 29 de Setembro de 2012, às 12h08. Publicado inicialmente em *Románica*– revista do Depto.de Literaturas Románicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. n. 11, 9-26, 2003.

uma rebeldia “mansa”, uma consciência lúdica da repressão, com a qual o humor ajuda a lidar.

O chiste é uma expressão daquilo que está em seu produtor, assim vê Freud. Desse modo, as piadas e apelidos sobre negros e s que ouvimos em grande escala podem também ser entendidas como o retrato daquilo que pensam seus autores e os atores que as repetem. Diria ainda, que expressam uma modalidade atual de fascismo, que “qualifica desqualificando” quem nasceu negro, quem prefere relacionar-se com pessoas de seu sexo, entre outras possibilidades, são modos de vida aceitos e reconhecidos na sociedade contemporânea, que ao exprimir-se em diferentes palcos, reforçam marcas na tentativa de fazê-las menores, conferir-lhes um viés de menos importância. Segundo Saliba (2012)⁷⁹, “os historiadores foram percebendo que o divertimento e as piadas tinham uma certa opacidade, e era possível identificar, por trás da sintaxe silenciosa da piada ou da mera diversão, elementos catalisadores de todos os conflitos sociais de uma época”, reforçando o que essas formações discursivas que assumem a forma de piada dizem dos pensares de quem as elabora e de quem as conta. Na mesma entrevista ele responde sobre os limites do humor:

Eu acho que os limites são traçados pela própria sociedade. Em geral, a sociedade sabe quais são esses limites. Hoje, no entanto, nós não temos um sistema de valores, com um mínimo de consenso, que todo mundo reconhece. Nós vivemos em uma época de distopias ou de utopia negativa. Sabemos o que nós não queremos. Não à violência, não ao racismo, não à exploração das mulheres, não à vitimização dos s, enfim, mas o que virá depois disso, a gente não sabe. Então é uma época que perdeu um pouco o rumo dos seus próprios valores. E aí começa a ser uma coisa policialesca aqui e acolá, pontual e nervosa. Eu acho que o humor não deve ter muitos limites. É claro que eles existem. Não dá para você fazer piada negando o Holocausto, não é? Mas dá para fazer uma piada colocando ditadores sentados e depois puxando a cadeira deles. A forma superior de humor, a mais sublime, é aquela que ri de si próprio.

Cada sociedade vai se articular em cima de valores que ela mesma cria, fundada nas relações que se estabelecem nos modos de seu funcionamento. Essas relações nem sempre partem de um consenso; são estabelecidas numa lógica de poder de uns sobre os outros, de forma a priorizar alguns, naquele dado momento.

Num estudo sobre o riso e o risível, tese de doutorado transformada em livro, Alberti (2002, pág.15), ao estudar o riso na filosofia, apresenta:

⁷⁹ Entrevista disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/entrevista-marcello-scarrone>, dia 17 de setembro de 2012, às 14h06.

Em *Além do bem e do mal* (1886), [Nietzsche] propõe ordenar os filósofos de acordo com seus risos, até aqueles que seriam capazes da “gargalhada de ouro”, como a dos deuses. Quanto mais o espírito está seguro, diz Nietzsche em *Humano*, por demais humano, mais o homem desaprende a gargalhada – que é necessária para sair da verdade séria, da crença na razão e da positividade da existência.

As páginas do livro I de *A gaia ciência* (1882) são talvez as mais pungentes nesse sentido: Rir sobre si mesmo, como se deveria rir para sair de toda verdade, para isso os melhores não tiveram até agora suficiente sentido de verdade e os mais capazes, muito pouco gênio.

Larrosa (2006), ao apresentar o relato de uma conferência que proferiu em um Seminário na Universidade de Barcelona em 1994, apresenta para pedagogos a diferença entre o “riso e o sério”, associando esse último a uma moralidade. Ou seja, um sério que ocupa as salas de aula para ensinar verdades, para tratar de coisas sérias. Nessa discussão entre o sério e o riso, para não confundir com o riso que pretendia abordar e que segundo sua concepção, deveria nortear o trabalho dos pedagogos, o autor referencia três tipos de risos: em primeiro lugar fala do riso que margeia o sério, em espaços bem delimitados do ócio e do entretenimento: um riso que confirma a “seriedade normativa”. Na sequência, aborda o riso frívolo, cruel e masoquista “que se utiliza como barreira de proteção contra o sério, como mecanismo de defesa frente ao sério”. Afirma que esse riso é um convite para escapar da angústia, desaparecer na zombaria e anular alguma possibilidade de conteúdo, paralisando, retrocedendo. Em terceiro e último lugar, o autor fala do riso polêmico, ressentido, o riso que quer instaurar uma ordem diversa, tão moralizante quanto o sério, não reflexivo e que não pode rir-se de si mesmo.

O autor afirma: “O riso é, certamente, ambíguo e perigoso. Como os livros, como as viagens, como os jogos, como o vinho, como o amor. Como tudo que tem valor, o riso pode ser benéfico ou maléfico, divino ou satânico” (p. 181). É rir do que provoca certo estranhamento que incomoda? Ri-se do negro, do pobre, do *gay*, da mulher, da loira, do velho... Ri-se do que escapa ao modo estipulado de uma estética etária, de gênero dominante, de classe, de etnia. Ri-se quando, ao olhar o outro, não posso me ver nele, pois ele me convoca a me colocar numa situação de superioridade, num padrão hegemonicamente considerado como o melhor, o mais produtivo e classificado como dominante, “*plus*”. Assim, o homem, branco, economicamente bem sucedido, com idade entre 35 e 45 anos, heterossexual, é o símbolo que vai nortear quem ri, quem faz rir e de quem se ri.

Nietzsche (1983, p.45) ao abordar a questão das virtudes afirma: “Dez vezes deves rir, de dia, e estar alegre; do contrário, à noite, te incomodará o teu estômago, esse pai das aflições”. Parece que

rir ajuda a digestão... ajuda a aliviar as tensões e fazer do riso um escape das aflições. Com certeza, Nietzsche não está se referindo ao riso do outro, tão comum entre nós, mas da alegria, do poder rir de si, de suas embrulhadas, de malfazerdes despidos de maldade, de “micos” como se diz hoje, que podem colocar a própria pessoa numa situação embaraçosa, porém declarada e pouco negativa. Na sequência de seu raciocínio para abordar as virtudes, ele nos leva a refletir a partir da proposição: “E quais foram as dez reconciliações e as dez verdades e as dez risadas com que se regalou o meu coração?” A maneira como Nietzsche (1983, p.46) aborda o seu pensar a vida, usando o “e” como ligação e não a vírgula, nos remete também a pensar o lugar do riso, uma vez que esse vem no final da sequência e com a preposição “com” a juntar e não a separar ou a dar um fôlego ao leitor: reconcilia verdade e riso. Todos juntos e na mesma plataforma, sem hierarquia ou classificação.

Com sua marca incisiva, Nietzsche (1983, p. 57) nos convida a rir de nós mesmos ao afirmar: “Quem de vós pode, ao mesmo tempo, rir e sentir-se elevado?”, nos convidando a um olhar para si, esse *si* que muitas vezes não consegue se reconhecer, de tão misturado ao outro que está e que de tanto só olhar para fora se confunde, como se, na sua frente, o outro fosse *si*. Também no espaço entre olhar para si e reconhecer-se, Nietzsche (1983, p.97) empresta para Zaratustra, em sonho, a seguinte fala:

O que me assustou tanto, em meu sonho, que acordei? Não vinha ter comigo um menino trazendo um espelho?
‘Ó Zaratustra’, falou-me o menino, ‘olha-te no espelho!’
Quando, porém, me olhei no espelho, dei um grito e o meu coração alvoroçou-se: porque não a mim, vi nele, mas a carantonha e o riso escarninho de um diabo.

Seria esse riso que debocha e que desqualifica e que provoca um sentir-se menos que esse diabo carrega e instaura? Essa discursividade presente na piada faz rir de quê? De quem? Haveria outras possibilidades nesse momento histórico do riso propositivo que somasse positividade à vida e não sua negação? Haveria ainda possibilidade de rir sem ferir? Bergson (1987, p.69) afirma:

A Linguagem só consegue efeitos risíveis porque é obra humana, modelada o mais exatamente possível nas formas do espírito humano. Sentimos nela algo que palpita de nossa vida; e se essa vida da linguagem fosse, afinal, um organismo inteiramente unificado, incapaz de cindir-se em organismos independentes, escaparia também uma alma de vida harmoniosamente assentada, unida, como as águas tranquilas de um lago.

“Quais são as regras de direito que lançam mão às relações de poder para produzir discursos de verdade? Ou ainda: qual é esse tipo de poder capaz de produzir discursos de verdade que são, numa sociedade como a nossa, dotados de efeitos tão potentes?” (Foucault, 1999, p. 28). Como marcamos os corpos com os discursos que nos afetam quando somos o motivo do riso do outro? Produzimos saberes sobre o outro a partir dos conceitos que vamos criando para explicar nossos modos de vida e a valoração que impomos a esses modos. “[...] Não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção de verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (Foucault, 1999, p. 28-29).

Pensar em riso remete a pensar no humor. Interessante essa parceria riso/humor... O humor seria o riso aculturado? Humor para Bremmer e Roodenburg (2000, p. 13) pode ser entendido “como qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas – cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso”. Sempre que se pensa no humor, as perguntas que surgem nos levam a querer saber quem o pratica, para quem está dirigido, onde acontece e quando. Ainda, para esses autores, embora o humor deva provocar o riso, nem todo riso é fruto do humor. Afirmam que o riso pode ser ameaçador e, realmente, é isso que os etologistas destacam: que o riso começa numa exibição agressiva dos dentes. O riso é um fenômeno tão determinado pela cultura quanto o humor.

Nas entrevistas na TV, com os moradores de Fukushima, Japão, após o terremoto de 8 de março de 2011, aos nossos olhos parecia que, por mostrar os dentes, aquelas pessoas estavam rindo... Quando ouvi isso de uma pessoa conhecida, pensei em como o riso nos leva a “interpretar” o outro, a concluir o que sentem e pensam. Desconhecemos a possibilidade de outras culturas entenderem esse ato de outras maneiras, como se somente nossa cultura definisse seus modos de funcionar.

Ainda Bremmer e Roodenburg (2000, p. 251), ao tratar a maneira como a antropologia reflete sobre o humor e riso, afirmam:

O humor é divertido e sério ao mesmo tempo; é uma qualidade vital da condição humana. O que o torna fascinante e relevante para antropólogos e historiadores é o fato de fornecer pistas para o que é realmente importante na sociedade e na cultura, incluindo a subcultura acadêmica. O humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura.

Quem faz rir tem assumido o papel do definidor de padrões de risos. Segundo artigo de Rosane Pavam, intitulado “O humor do coronel Rafinha Bastos”, publicado em 9 de outubro de 2011, às 10:14, na Revista Carta Capital, o humorista Rafinha Bastos é

... apontado pelo jornal **The New York Times** - como o mais influente mundialmente no Twitter -, Rafinha já dissera, durante seus shows de pé e na rede social, que a mulher feia deveria se sentir feliz quando estuprada. Embora a “piada” não tivesse sido proferida durante o programa de tevê, o ator, por conta dela, era alvo de uma representação do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo ao Ministério Público. Seria, para a emissora, um funcionário cuja conduta deveria ser observada? A Bandeirantes se viu atingida agora após a alegada ingerência de Ronaldo sobre sua cúpula, pois o jogador, além de se recusar a falar ao CQC, a teria ameaçado com a disposição de trabalhar por cortes de anunciantes ao programa.⁸⁰

A maneira como esse humor atual está configurado dá autoridade a uma pessoa para que ela defina de quem se deve rir, em que condições e a que preço. Estabelece-se uma relação de poder, uma hierarquia onde é impossível a defesa. É prova de poder sobre o outro, o poder sobre de quem se ri. Esse poder que está diretamente atrelado ao dinheiro investido pelos patrocinadores do programa define uma política sobre os outros e sobre os modos de vida que se devem estabelecer como norma. Desse modo, o riso do outro tem uma função que, ao travestir-se de “descontração”, provoca justamente o contrário sobre aquele de quem se ri. Os programas de humor, em sua maioria, assumem esse papel de colocar um preço na vida daqueles de quem se ri.

No mesmo artigo citado, a autora continua sua argumentação apontando:

Para o historiador da Universidade de São Paulo Elias Thomé Saliba, autor de um livro clássico sobre o humor brasileiro, *Raízes do Riso*, “nem humoristas os integrantes do CQC são”, pois “humoristas são criadores de humor”. E eles também não seriam cômicos, “porque não usam a totalidade dos recursos de um cômico, o corpo, os trejeitos lúdicos, com o objetivo de provocar o riso”. O que Rafinha fez, a seu ver, não foi uma piada, antes o “resultado de mera irreverência compulsória, forçada pelo ambiente de público ao vivo, com claque de risadas, que estimula a irrestrição verbal dos comentaristas”. As cenas mais criativas do programa, o historiador acredita, são as pseudoentrevistas com políticos, que parodiam o próprio veículo da imprensa televisiva e atingem os limites do burlesco, “mas que se tornam cada vez mais raras no CQC”.⁸¹

⁸⁰ Disponível em <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/rosane-pavam-o-humor-do-coronel-rafinha-bastos.html>, dia 14 de Setembro de 2012, às 23h23.

⁸¹ Disponível em <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/rosane-pavam-o-humor-do-coronel-rafinha-bastos.html>, dia 14 de Setembro de 2012, às 23h23.

Foucault estabelece a relação de poder e de saber como dispositivos relacionados que provocam os “sistemas locais de sujeição” (Foucault, 1999, p. 40). No mesmo curso, ao escrever sobre o sistema do direito e o campo jurídico e de como essas verdades jurídicas se estabelecem na sociedade, Foucault descreve cinco precauções, a que chama de instruções, ao abordar o poder. Essas cinco precauções podem assim ser resumidas:

1) Aprender o poder sob o aspecto da extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (ibidem, p.33);

2) Como as coisas acontecem no momento mesmo, no nível, na altura do procedimento de sujeição, ou nesses processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos (ibidem, p. 33);

3) O indivíduo é um efeito do poder, e é, ao mesmo tempo, na mesma medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu (ibidem, p. 35);

4) Foram os mecanismos de exclusão, foi a aparelhagem de vigilância, foi a medicalização da sexualidade, da loucura, da delinquência, foi tudo isso, isto é, a micromecânica do poder, que representou, constituído pela burguesia, a partir de certo momento, um interesse, e foi por isso que a burguesia se interessou (ibidem, p. 38);

5) O poder quando se exerce em seus mecanismos finos não pode fazê-lo sem a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são acompanhamentos ou edifícios ideológicos (ibidem, p. 40).

Em especial, atendo-me à quarta consequência no campo das precauções de método que, além de abordar a circularidade do poder, afirma: “Todos nós temos fascismo na cabeça”; e, mais fundamentalmente ainda: “todos nós temos poder no corpo” (Foucault, 1999, p. 35) e à quinta consequência, onde aborda a questão do acúmulo de saber que se instala nos métodos de observação, nas técnicas de registro, nos procedimentos investigativos, nas pesquisas. Chama esse conjunto de aparelhos de verificação (Foucault, 1999, p. 40). A esse conjunto de saberes, também alinho as piadas racistas pela forma como elaboram esse saber, reforçam as hierarquias entre os “mais” e os “menos” e instalam modos de ver, sentir, pensar e agir. Classificar nada mais é do que dar certo valor a algo, dizer numa escala a “nota” que cada um tem a partir de seus atributos. As piadas são classificatórias e denotam esse lugar em que cada um está “falado” ou “citado”.

Essas relações que se estabelecem nas piadas como formações discursivas assim podem ser entendidas:

... O poder não pára de questionar, de nos questionar; não pára de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, ele a recompensa. Temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir riquezas, e temos de produzir a verdade para poder produzir riquezas. E, de outro lado, somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder. Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 29).

A maneira como organizamos os saberes e os estratificamos, naturalizando a forma como eles são informados e disseminados para a sociedade por meio da educação e dos meios de comunicação de massa, demonstram como formamos modos de pensar, de viver, de relacionar entre elementos de uma mesma sociedade, normalizando aspectos a partir de referências dadas por aqueles que estão em lugares de poder.

Foucault (1993) posiciona-se de forma clara já no título que deu quando convidado a escrever a Introdução ao livro *Anti-Édipo*, de Giles Deleuze e Felix Guatarri: “O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista”. Sobre qual vida não fascista Foucault escreve? Poderíamos sintetizar nas sete recomendações⁸² que ele elenca para aqueles que estão preocupados em levar uma vida menos fascista, não fascista, como ele afirma.

⁸²Essa arte de viver contrária a todas as formas de fascismo, que sejam elas já instaladas ou próximas de ser, é acompanhada de um certo número de princípios essenciais, que eu resumiria da seguinte maneira se eu devesse fazer desse grande livro um manual ou um guia da vida cotidiana:

- Liberem a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante;
- Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, antes que pela subdivisão e hierarquização piramidal;
- Liberem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; os fluxos às unidades; os arranjos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade;
- Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É o liame do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária;
- Não utilizem o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política, para desacreditar um pensamento, como se ele fosse pura especulação. Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e domínios de intervenção da ação política;
- Não exijam da ação política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo, tais quais a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e pelo deslocamento dos diversos arranjos. O grupo não deve ser o liame orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”;
- Não caiam apaixonados pelo poder.

A maneira como ele escreve nessas poucas páginas, apenas quatro, configura uma abertura para infundáveis estudos. O pequeno artigo foi motivo de inspiração para o V Colóquio Internacional⁸³, e para uma publicação com vários artigos que aborda uma das questões por ele levantada, o riso. Foucault (1993, p. 103) assim trata o humor ao defender a forma como Deleuze e Guatarri provocam armadilhas em seus leitores:

As armadilhas de *O anti-Édipo* são as do humor: convites a deixar expulsar, a abandonar o texto batendo a porta. O livro faz pensar com frequência que só há humor e jogo ali onde, entretanto, algo de essencial se passa, algo que é da maior seriedade: o banimento de todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos envolvem e nos esmagam, até as formas miúdas que fazem a amarga tirania de nossas vidas cotidianas.

Esse humor produtivo, alegre, que faz rir, não é representado pelo tipo de humor que está presente em muitos dos programas humorísticos que esse trabalho pretende discutir: “as formas miúdas que fazem a amarga tirania de nossas vidas cotidiana”. Trata-se desse humor que, racista, provoca a desqualificação e justifica o aniquilamento de grupos que fogem do padrão branco, heterossexual, macho. Essa forma determinante nas sociedades contemporâneas define o que é, o que pode, o que está certo, o que é aceitável, o que é bom, e coloca todos os outros para serem ridicularizados nas piadas, tornando-os motivos de riso e deboche.

Nietzsche (2005, p. 195), no aforismo 372 de “Humano, demasiado humano”, fala dos usos da ironia pelos mestres, aceitando até certo ponto a humilhação, colocando que, nesses casos, trata-se de certa vergonha do tipo saudável. Coloca ainda que “O hábito da ironia, assim como o do sarcasmo, corrompe também o caráter; confere aos poucos a característica de uma superioridade alegremente maldosa: por fim nos tornamos iguais a um cão mordaz que aprendeu a rir, além de morder”.

Viver como uma obra de arte não dá lugar para fazer da arte um lugar de dor, de aniquilamento de sujeitos, de fazer do outro o motivo da minha diversão, de fazer do outro aquilo que eu quero. Esses gestos fascistas não suportam o traço da diferença.

Para que a ação política, a ação em sociedade, não fique atrelada a modelos ressentidos, de medo do outro, próprias da paranoia, as recomendações de Foucault propõem que nossa ação seja mais livre, que prolifere, que funcione de forma mais horizontal na relação com o outro, sem

⁸³V Colóquio Internacional Michel Foucault: “Por uma vida não-fascista”, foi realizado entre os dias 11 e 14 de Novembro de 2008, no IFCH, Unicamp.

hierarquia piramidal. Foucault (1993, p. 103) afirma: **“Liberem a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante”**⁸⁴. Podemos observar outro lugar central ocupado pela piada, a não ser esse de fazer política, diminuindo o outro, desqualificando-o para poder dominá-lo? Colocar todos os negros, todas as mulheres, todos os s, as prostitutas, os pobres, no mesmo lugar de motivo de riso e desprezo? Nas piadas que fazem rir, a singularidade não está presente, elas tratam cada um como uma totalidade universal, excluindo qualquer possibilidade de viver o seu singular. Assim, fala-se de categorias generalizantes que eliminam qualquer singularidade, qualquer dizer-se a 'si'. Todos ali falados são um: o negro, o *gay*, a mulher, a loira, o deficiente, o homem, o corinthiano: todos iguais, todos como um mesmo.

Outra proposição é não trabalhar com os limites impostos, desconectados da realidade. Lançamos o desafio de pensar: **“Prefiram o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os arranjos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo, não é sedentário, mas nômade”**.

Essas recomendações de Foucault não podem ser identificadas nas piadas, nos shows de *stand up*, nas programações que fazem rir. Segundo Mário da Silva⁸⁵, Nietzsche se coloca como aquele que é admirado e respeitado por fazer uma “apologia da arte como antídoto à vontade de negação da vida”, fato que aponta para a possibilidade de criação como propositura para a invenção de novas formas de viver em sociedade que positivam a existência em suas relações consigo mesmo e com o outro. No caso em questão, poderíamos considerar essa arte manifesta em formato teatral, com palco e plateia, como arte? Essa forma de apresentar-se num palco e como “ator”, pode autorizar alguém a dizer-se como aquele que é dono de um certo fazer artista ao produzir esse tipo de riso sobre o outro?

Nietzsche (1983, p.101) trabalha o tempo e o devir como louvor e justificação de toda transitoriedade alocando a possibilidade de criação ao sofrimento e à transitoriedade, o que nos remete a pensar nas tantas possibilidades que a vida vai oferecendo e que nos torna muitos em um corpo que também muda e se recria sempre:

Criar – essa é a grande redenção do sofrimento, é o que torna a vida mais leve. Mas, para que o criador exista, são deveras necessários o sofrimento e muitas transformações.

⁸⁴ As recomendações de Foucault estarão ao longo desse capítulo, em negrito.

⁸⁵ Em: Nota do Tradutor, Assim Falou Zaratustra, edição de 1983 pela Editora Civilização Brasileira, p.5.

Sim, muitas mortes amargas deverá haver em vossa vida, ó criadores! Assim, sereis intercessores e justificadores de toda a transitoriedade.
Se o criador quer ser ele mesmo a criatura, o recém-nascido, então, deve querer, também, ser a parturiente e a dor da parturiente.
[...]

Tudo aquilo que em mim sente sofre estar numa prisão; mas a minha vontade chega sempre como libertadora e portadora de alegria.
O querer liberta: é esta a verdadeira doutrina da vontade liberdade – e, assim, a voz ensina Zaratustra.

Quando passamos a outro item **“Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos pela proliferação, justaposição e disjunção, mais do que por subdivisão e hierarquização piramidal”**, observamos uma crítica que aponta para a questão da diferença que não encontra espaço positivo nas estruturas hierárquicas que qualificam entre os “mais” e os “menos”. Trata-se de trabalhar, em cada um, o que lhe é possível, no que se justapõe ao outro ao mesmo tempo naquilo que o diferencia, sem essência ou fundamento, em sua simplicidade incomparável. Ser muitos em um faz a diferença que nunca consegue cópia, que não se reproduz ou imprime por poder expressar-se em identidades que se somam naquilo que formam, naquilo que se manifesta em formato de gente. Quando se coloca um valor, uma qualidade comparativa, tem-se uma pirâmide que qualifica alguns e desqualifica outros. Colocar-se no lugar daquele que vai definir o lugar de cada um nessa hierarquia produz fascismos que permitem valorizar os nossos iguais (aqueles que acreditamos ser nossos iguais) para desqualificar aqueles que nos parecem diferentes.

Abrir-se sempre ao inusitado, ao novo, àquilo que olha para o que soma e não para o que subtrai, para o “e” em lugar do “ou”, pode ter a multiplicidade que apresenta as diferenças; em lugar do que é uniforme, a mobilidade que o nomadismo carrega.

O não está sempre no cerne da piada, na sua coluna vertebral: cristaliza o velho e não deixa que se veja o novo. O não, que interessa aos que detêm o poder sobre alguns, é vitorioso e tenta anular toda forma de ousar novas saídas, procurar outros caminhos, farejar novas e criativas possibilidades. Ousar o novo é verbo proibido e repetir os padrões excludentes impera como verdade a ser guardada, defendida, mantida. Essas piadas, ao desqualificar, apontam para o que falta aos negros e aos *s*, às falhas que os afastam do que é considerado o “normal”, o “certo” para um ser humano. Se possível fosse seriam exterminados, encontrando, então, a opção do extermínio pelas palavras. São marcados como problema a ser enfrentado.

Sobre essa relação que se estabelece com os homossexuais temos,

Todo homossexual já deve ter acordado um dia se sentindo um inseto monstruoso, já deve ter experimentado a traumática sensação de ver esgares de nojo, de medo, de pena ou de raiva no rosto de sua própria família.. Talvez os homossexuais e seres das trevas, das noites, dos desvãos, dos guetos, dos becos, das ruas, das calçadas, das sarjetas, como eles, vivenciem como ninguém e saibam como ninguém o que é o fascismo... o fascismo vem para cama, se diz amor e sexo e faz gozar. O fascismo é sedutor... Pois os fascismos são formas de exercício do poder, são dadas maneiras de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Foi contra os poderes e seus fascismos que a obra de Foucault foi feita, foi no embate cotidiano com eles e possivelmente em muitos momentos na sedução por eles que a vida de Foucault, como de qualquer um, se deu. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p.114)

Foucault ainda provoca a militância salvadora do mundo ao afirmar: **“Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combata seja abominável. É o liame do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária”**. Ele se inspira em Nietzsche para dizer que o ressentimento, tão trabalhado quando aborda a política e suas relações e intervenções na vida humana, está instaurado na vida pública para além de seu controle nas definições e proposições organizacionais. “E, se aprendermos a alegrar-nos melhor, será este o melhor modo de desaprendermos a fazer sofrer os outros e a inventar novos sofrimentos” (Nietzsche, 1983, p.102). Esse aforismo nos leva a pensar o lugar que ocupa em nós esse estar alegre e o quanto esse estado em si nos afasta da possibilidade de sofrer e fazer sofrer. Se não é preciso ser triste, como afirma Foucault, podemos nos alegrar em entrar para a realidade sem fazer dessa atitude um fardo, um peso. A leveza pode ajudar a olhar a vida e fazer dela um espaço entre o desejo e as imposições das convenções, e a atuar sem causar dor. Alegrar-se por estar no mundo, dele se valer, dele apreender, dele propor novas e outras possibilidades de vida no coletivo, cuidando de si e dos outros próximos ou mais distantes.

Afirma Foucault (2004, p.219): “A chave da atitude política pessoal de um filósofo não deve ser pedida a suas ideias, como se ela pudesse ser deduzida das ideias; é sua filosofia, enquanto vida, é a sua vida filosófica, é seu *ethos*”.

Outra recomendação de Foucault aponta mais uma vez para a ação política **“Não utilizem o pensamento para dar a uma prática política um valor de verdade; nem a ação política, para desacreditar um pensamento, como se ela fosse apenas pura especulação. Utilizem a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como um multiplicador das formas e domínios de intervenção da ação política”** destituindo o que hoje se chama política, um lugar de

barganha, de troca, de nebulosidade para pautar-se na ação de uma prática política que intensifica o pensamento, que elabora e coloca o público à frente do interesse privado. Que multiplica e olha para frente, para o cuidado de si e do outro:

Por variados caminhos e de várias maneiras cheguei à verdade; não foi somente por *uma* escada que subi ao alto, de onde meus olhos vagueiam na distância que é minha. E sempre e somente a contragosto perguntei pelos caminhos – isto sempre me repugnava! Preferia interrogar e experimentar os próprios caminhos. Experimentar e interrogar – consistiu nisso todo o meu caminhar; e, na verdade, deve-se *aprender*, também, a responder a tais perguntas! Mas esse – é o *meu gosto* – Não um gosto melhor ou pior – mas o *meu*, do qual não mais me envergonho nem faço segredo. “Esse, agora – é o *meu* caminho; onde está o vosso? – assim respondia eu aos que me perguntavam “o caminho”. Porque *o* caminho – não existe! Assim falou Zarathustra (Nietzsche, 1983, p. 201).

Não existe totalidade, existem possibilidades. Quando Nietzsche aponta para a multiplicidade em nós, anula qualquer possibilidade unicista, totalizante. Assim “o” caminho não existe pois não há unidade que o sustente, que o integre. As piadas totalizam pessoas, totalizam mulheres, *s*, velhos, deficientes físicos, loucos, modos de vida. Totalizam as pessoas colocando-as em caixinhas com etiquetas definindo seus conteúdos, definindo tudo e todos que ali dentro estão encaixotados. Tudo é igual. Como? Se tudo pode ser padronizado, as verdades totalizantes vão dar o tom de cada coisa a ser definida, dita, feita. A política, em lugar de provocar o direito às diferenças tenta injustamente padronizar tudo e todos. **“Não exijam da ação política que ela restabeleça os ‘direitos’ do indivíduo, tais quais a filosofia os definiu. O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é ‘desindividualizar’ pela multiplicação, o deslocamento e os diversos arranjos. O grupo não deve ser o liame orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de ‘desindividualização’”**, mais uma vez destituindo tudo o que generaliza e universaliza, tudo que torna exclusivo e conclusivo, para mostrar que é pela possibilidade do cuidado de si a partir do cuidado com o outro que o sujeito toma o lugar do indivíduo para poder viver em sociedade. “[...] penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares.” (FOUCAULT, 2004, p. 291).

(Des)individualizar passa ser a possibilidade de garantia de cada um poder cuidar de si. Embora essa seja uma nova recomendação, ela está intimamente ligada às anteriores, pois devolve e

reforça a singularidade que não pode, não deve ser padronizada, nem hierarquizada, esperando-se que o grupo contribua para a garantia provisória do lugar de cada um, não de forma idealizada nos “direitos”, mas identificada nas relações concretas de poderes. Como aponta Gallo (2009, p. 375), “A ética do cuidado de si é a ética do fazer de si mesmo um não-fascista; a política, como cuidado do outro, é a arte de produzir, coletivamente, uma vida não-fascista, tomando distância do poder como instrumento puramente de dominação”.

Sua última e poderosa colocação, “**Não se apaixone pelo poder**”, nos brinda com o que há de mais difícil na prática do viver: saber separar o que é necessário ao coletivo do que é necessário para si, pois ao apaixonar-se pelo poder, ao colocar-se no lugar do pastor que sabe tudo que seu rebanho precisa, inevitavelmente há a exacerbação narcísica superior, guardiã da verdade e iluminadora das trevas que embaçam as vistas e impedem de ver o que é preciso. A paixão pelo poder leva à tirania, tão bem trabalhada por Foucault (1999) em seu curso *Em Defesa da Sociedade*. Ainda em *Diálogos*, Deleuze e Parnet (1998, p. 161) afirmam: Guatarri fala dos micro-fascismos que existem em um campo social sem serem necessariamente centralizados em um aparelho de Estado particular. Nessa dinâmica entre a vida e a organização social e política, essas determinações classificatórias que são construídas pelo jogo de palavras que fazem rir, são determinações que fixam os estereótipos para formar padrões que determinam posições de poder.

A predominância de aspectos da política em suas recomendações aponta para sua preocupação com a vida em sociedade, nunca posta em separado do cuidado de si. Interessante ainda que Foucault coloca o humor para compor com o Anti-Édipo, a levar-nos a duvidar das verdades postas. Humor ainda nos faz pensar nos contos infantis e como acreditamos neles como verdades... Só rindo, diria Foucault, adultos e ainda acreditando nos contos de fadas... nesse jogo do humor, duplo, que nos impõe modos de vida, de fazer crer, de fazer relacionar, de fazer dominar. Esse jogo de faz-de-conta que se transforma em verdades, que nos faz acreditar numa bondade que, tiranicamente, nos leva a dominar, a deixar que as muitas formas de fascismos nos capturem e se travistam de seriedades, de justiça, de bem-quereres, de alegria... “tirania de nossas vidas cotidianas”.

Gallo (2009, p. 364) aborda em seu artigo “Entre Édipos e O Anti-Édipo: estratégias para uma vida não-fascista”, a postura de Foucault, Giles Deleuze e Guatarri sobre a importância da alegria e do humor. Inicia citando Oswald de Andrade com seu famoso “A alegria é a prova dos nove” e conclui que “na luta contra o fascismo, a alegria é a prova dos nove”. De forma clara, o autor defende um

modo de pensar o humor que provoca alegria. Humor potente, produtivo. Assim o autor se refere ao tema:

Se inicio este texto com Oswald de Andrade e o programa de colocar o riso contra o fascismo é porque não me parece ser outra a intenção dos filósofos Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guatarri, na década de 1970: a produção de uma moral não-fascista, a construção de um programa ético que nos possibilite agir em relação a nós mesmos, em relação aos outros, em relação ao mundo de um modo libertário; em outras palavras, traçando estratégias para uma vida não-fascista.

Fica claro na declaração do autor que se utiliza do riso de forma diferente da abordagem que esse trabalho traz, pois trata de algo que se manifesta na luta de um tipo de riso “em nível molecular, contra o fascista que há em cada um de nós, no âmbito ético micropolítico” (GALLO, 2009, p.368), reforçando que “o fascismo é um inimigo que está em nós, em cada um de nós. Portanto, é necessário o cuidado consigo mesmo, para não permitir que emergja esse fascista que nos habita. É necessário um árduo trabalho de si sobre si mesmo” (p.371-372).

Dar o título ao seu artigo de “Por uma vida não fascista” demonstra a preocupação de Foucault sobre as maneiras como estamos vivendo, construindo nossas relações em sociedade com o fascismo que nos domina, que naturaliza as diferenças colocando-as numa hierarquia que qualifica e desqualifica, esse fascismo “que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora”. A apropriação que foi feita do rir do outro como diversão é sinal de um tempo em que as opções fascistas de educação e cultura são incorporadas como se fossem arte. O ator, aquele que conta as piadas, não pode ser enquadrado na legislação contra a homofobia? O ator não é um ser comum, é um ator, está num teatro, veste-se com a máscara do espetáculo, da cena. No personagem esse ator pode ser responsabilizado pelo que fala e faz? Ao associar o humor à alegria, Gallo (2009), inspirado por Deleuze e Guatarri, não se refere ao Zorra Total, muito menos ao Proibidão, espetáculos da televisão e do teatro que apoiam-se no humor para dizer o que consideram relevante sobre negros, s, mulheres, velhos, pobres etc. Gallo (92009), decerto, refere-se à alegria das boas risadas liberadas do preconceito, dos estereótipos construídos e solidificados nas piadas, nos apelidos, nas “brincadeiras” embutidas em muitos ditos populares calcados nas mentes despreocupadas daqueles que não são o motivo do riso. Ainda Gallo (2009) nos faz pensar de que alegria fala Foucault ao prefaciar o livro Anti-Édipo, afirmando ser necessário banir todas as formas de fascismo, desde as colossais (refere-se aqui aos regimes totalitários de Hitler e Mussolini) até as miúdas que nos fazem tiranos de nossas vidas no dia-a-dia, o que me leva, imediatamente, a pensar nas piadas e nos apelidos.

Alegrar-se pode ser algo que nos inspire a pensar, ainda citando Oswald de Andrade,

Erro de português

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.⁸⁶

Essa piada em verso, esse jogo de questionar costumes e a maneira como a colonização nos abalou, traz o espírito positivo do autor, que não precisa usar de atributos de desqualificação para dizer o que pensa.

Para pensar o lugar das piadas na esfera do divertimento e da cultura, necessários à vida em sociedade, podemos também pensar no que foi abordado por Foucault quando apresentou a questão do cuidado de si e de como este cuidado não pode estar dissociado do cuidado do outro. O que nos faz rir muitas vezes estabelece uma dissociação entre mim e o outro. Para pensar essa questão, temos que “o tema do cuidado de si aparece no vocabulário de Foucault no prolongamento da ideia de governamentalidade. À ideia do governo dos outros segue, com efeito, aquela do governo de si, isto é, a maneira pela qual os sujeitos se relacionam consigo mesmos e tornam possível a relação com o outro (Revel 2004, p. 33).

Gros (2004, p.620), ao analisar em “Situação do Curso”, o curso *A Hermenêutica do Sujeito*, ministrado por Foucault em janeiro, fevereiro e março de 1982, escreveu:

Desta feita, o sujeito se auto constitui ajudando-se com técnicas de si, no lugar de ser constituído por técnicas de dominação (Poder) ou técnicas discursivas (Saber). Estas técnicas de si são assim definidas: “procedimentos que sem dúvida existem em toda a civilização, propostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isto graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si”.

As crianças negras ouvem um falar de si que sempre coloca o negro num lugar abaixo, inferior. Vivemos um racismo velado, ainda carregado do mito da democracia racial. A escravidão e suas mazelas ainda estão presentes no dia-a-dia e provocam, convocando para a necessidade de criar

⁸⁶ Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/oswal.html#erro>, dia 19 de Setembro de 2012, 15h13.

leis de garantia como a promulgação do Estatuto da Igualdade Racial, criado pela Lei nº 12.288, de 20 de Julho de 2010⁸⁷, e a Lei nº. 10.639 de 9 de Janeiro de 2003⁸⁸ que obriga o ensino das questões afro-brasileiras nas escolas. A população homossexual, com todas as suas variantes e nomeações, está sendo contemplada pelo Projeto de Lei da Câmara PLC 122/2006⁸⁹ que tramita sem conseguir chegar a um denominador comum, tamanha a dificuldade dos próprios parlamentares em entender seu conteúdo devido à sua formação machista e religiosa.

Assim, são necessárias leis para garantir direitos, para punir o que a sociedade construiu e constrói de barreiras com relação à população negra e homossexual. Sendo necessária a promulgação de leis que garantam o exercício e os direitos dessas pessoas assinamos o quanto nossa sociedade não os respeita. Não há o mesmo espaço de expressão e representação para homossexuais e para negros que existe para outros segmentos, só para ficar no mote desse trabalho. Podemos elencar muitos outros também fortemente discriminados, como os idosos, mulheres, adolescentes, loucos... Há espaço para certo tipo que poderia se enquadrar no modelo estereotipado do padrão bem-sucedido: homens, brancos, heterossexuais, adultos, boa condição financeira. As piadas não se referem a esse perfil de cidadão. Fazem-se piadas de Outros. Outros esses que fogem à regra estabelecida.

Kohan (2009, p. 418), ao trabalhar o tema do fascismo nos escritos foucaultianos, discorre de forma clara sobre o cuidado de si,

Em primeiro lugar, o cuidado de si comporta uma atitude geral, uma maneira de estar no mundo, de preocupar-se com os próprios atos e de ter certas relações com os outros. O cuidado de si é uma atitude frente a si, aos outros e ao mundo;
Em segundo lugar, o cuidado é uma forma de atenção, de olhar. Cuidar de si é deslocar o objeto do próprio olhar do exterior para si mesmo. Implica uma atenção especial ao que se pensa e ao que se dá no próprio pensamento;
Em terceiro lugar, o cuidado designa um conjunto de ações e práticas de si sobre si. Há uma ampla gama de ações, exercícios, técnicas, pelas quais “o si” se modifica, se transforma, se transfigura.

A estética da existência imbricada à arte de si mesmo, “A prática de si identifica-se e incorpora-se com a própria arte de viver (*a tékhnetoûbíou*). Arte de viver, arte de si mesmo são idênticas, tornam-se idênticas ou pelo menos tendem a sê-lo” (FOUCAULT, 2004b, p. 253).

⁸⁷Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/4303/estatuto_igualdade_racial.pdf?sequence=1, dia 17 de Setembro de 2012, 18h48.

⁸⁸ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm, dia 17 de Setembro de 2012, 18h51.

⁸⁹ Disponível em http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604, dia 17 de Setembro de 2012, 18h54.

O cuidado de si está intimamente ligado ao cuidado do outro. Não se trata de um individualismo que hoje é cultuado, em especial no mercado do uso dos corpos e nem mesmo se trata de um culto a si mesmo que esculpe um modo único de viver, homogêneo. Também não se trata do cuidado messiânico do outro, que domina o outro, mas é um modo de vida com estética, ética e arte.

Pensar a vida numa certa estética, apoiada no cuidado de si, é atitude que positiva a vida e os modos de vida onde um e outro ganham, potencializando diferentes formas de relação,

...a estética da existência, enquanto atitude pela qual nos tornamos artífices da beleza de nossa própria vida, é um estilo de vida de alcance comunitário, por ele também denominado de moda de vida “artista”, realizável por todo aquele que seja capaz de questionamento ético, e que ademais seja, e, alguma medida, capaz de realizar uma “atitude de modernidade” (BRANCO, 2009, p. 143)

Seguindo nessa direção que provoca a pensar em técnicas de si que apontam para caminhos na arte de viver, poderíamos cogitar em que medida as piadas se distanciam das possibilidades *parresiastas* de manifestar-se perante o outro? Aqueles humoristas não estão dizendo “a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascarar-la?” (Foucault, 2011, p.11).

Foucault (ibidem, p. 10-11) aponta que “a palavra *parresia* pode ser empregada com dois valores”. Esclarece esses valores ao afirmar:

Empregada com valor pejorativo que consiste em dizer tudo, no sentido de que se diz qualquer coisa (qualquer coisa que se passe pela cabeça, qualquer coisa que possa ser útil à causa que se defende, qualquer coisa que possa servir à paixão ou ao interesse de quem fala). O *parresiasta* a torna e aparece então como o tagarela impenitente, como aquele que não sabe se conter ou, em todo caso, como aquele que não é capaz de indexar seu discurso a um princípio de racionalidade e a um princípio de verdade.

Outro valor para a *parresia* Foucault aponta como alicerce do governo de si e dos outros. São modos de vida que exigem de quem diz, a práxis, a ligação desse dizer com suas ações. Para Foucault (2011, p.11) “[...] não apenas que ele [o *parresiasta*] por acaso diga a verdade ou a diga da boca para fora, mas é preciso que ele a diga como sendo o que ele pensa”.

O outro valor atribuído para a *parresia* aponta para um valor positivo que consiste em dizer a verdade sem reserva nem dissimulação, sem retórica que mascara a verdade.

De fato, para que se possa falar de *parresia* no sentido positivo do termo – deixemos de lado agora os valores negativos -, são necessárias, além da regra do dizer tudo e da regra da verdade, duas condições suplementares. É preciso não apenas que essa

verdade constitua efetivamente a opinião pessoal daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo o que ele pensa, [e não] da boca para fora – e é nisso que será um *parresiasista*. O *parresiasista* dá sua opinião, diz o que pensa, ele próprio de certo modo assina embaixo da verdade que enuncia, liga-se a essa verdade, e se obriga, por conseguinte, a ela e por ela (p.11).

Pergunto-me então: em que a *parresia* poderia ser algo presente na fala dos atores do Proibidão? De qual verdade falam? Dizer que o negro é sujo, que é um macaco, que seu cabelo é isso ou aquilo, é dizer alguma verdade? Poderíamos talvez explicar que é dizer uma verdade criada a partir de estereótipos fascistas, mas para isso há que reconhecer-se fascista, assumir-se como tal. Esse ato de dizer essas “verdades” lhes dá o crédito para integrar esse tipo de pensar e agir na vida? Já dizia o provérbio latino: “ridendo, castigat mores” (Uma das traduções para o português é: “rindo se corrigem os costumes” e ainda “brincando se dizem as verdades”).

Há uma tentativa de mascarar o fascismo presente nessas formas de riso. Usar da alegria, do divertimento para implantar outra coisa que não uma vida “artista”, como aponta Branco (2009, p.144), utilizando-se de expressão de Foucault:

Para Foucault a vida artista é uma coisa toda outra; na verdade, essa expressão designa o trabalho que certas pessoas desenvolvem no sentido de tornar as suas vidas belas, generosas, riosas, intensas, numa relação com uma comunidade de iguais, todos voltados para o desenvolvimento de uma estética da existência, ocupados em fazer da Própria vida, e da vida de seus próximos, uma obra de arte.

Podemos chamar de artistas aqueles que sobem aos palcos de teatros e de emissoras de televisão, falam em rádios e na *Internet* fazendo graça com aqueles a quem estranha?

O que estamos fazendo com o que ouvimos, vemos e engolimos a partir do que nos é imposto como diversão?

O presente, sendo o local onde inscrevemos o desejo de um futuro diferente, é o momento em que o passado pode ser reconstruído a partir de uma memória criativa, isto é, de uma experiência que nos devolva a prática de contar e até mesmo de inventar novas histórias capazes de constituir novas relações socioculturais e com elas trazer à tona a vida da coletividade (GUIMARÃES, 2000, p. 2)⁹⁰.

⁹⁰ Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1603t.pdf>, dia 21 de Setembro de 2012, às 14h48. (Rio de Janeiro: ANPED, ano 2000, V.1, p. 01-12)

Temos a chance de reescrever a vida e com isso apostar em possibilidades outras de fazer dessa aventura do dia-a-dia uma obra de arte. Podemos romper com o que está posto e construir, no presente, algo mais propositivo, mais positivo, *humano, demasiadamente humano*. Precisamos rir de alguém? De quê e de quem rimos?

Em tempo de parar, possibilidades de outros começos

O tema que escolhi para estudar nesse trabalho acadêmico não tem fim. São muitos os argumentos que podem ser escolhidos para comprovar o quanto vivemos numa realidade racista e homofóbica. Ações explícitas e outras mais dissimuladas vão sendo construídas para fixar padrões de normalidade, de estética no viver para consolidar práticas relaxantes, aceitas socialmente e livres de avaliação quanto ao grau de incivilidade em que estamos marcando nossas existências.

Precisamos rever a maneira como nossa história foi construída a partir das teses presentes em nossa historiografia. Historiadores da primeira metade do século XX descreveram o que podemos chamar de “um jeito brasileiro” que foi construído para marcar nossos modos de vida. Conceitos como o “Homem Cordial”⁹¹ e a “Democracia Racial”⁹² puseram o Brasil num lugar complicado no tocante ao enfrentamento das desigualdades, contribuindo de forma pouco honesta para com a nossa formação enquanto nação.

Sérgio Buarque de Holanda formulou conceitos que estavam sendo fixados que entendiam o brasileiro como um homem dominado pelo coração (*cor*, coração em latim), daí a expressão “homem cordial”. Então a construção do conceito de brasilidade foi sendo incorporado como aquele que sabe ser generoso, de bom trato, que para confiar em alguém precisava conhecê-lo primeiro; é o homem que tem o coração como intermediário de suas relações, ao mesmo tempo em que tem muito medo de ficar sozinho. Embora o esforço desse autor tenha dado um novo rumo aos estudos concernentes à formação do povo brasileiro, ainda hoje predomina em alguns espaços esses conceitos que justificam o preconceito racial no Brasil.

Ao conceito de “homem cordial” somou-se o conceito de “democracia racial”, na primeira metade do século XX, como elemento cristalizador do jeito brasileiro de encarar a pós-escravidão pois incorpora a influência do negro na vida nacional em termos culturais, ideológicos e políticos. Em

⁹¹ A palavra cordial para Sérgio Buarque de Holanda remete ao latim *cordis*, que significa coração. O homem cordial é, assim, alguém que age com o coração ao invés da razão. *O homem cordial* foi publicado pela primeira vez em 1936, no livro “Raízes do Brasil”, primeiro de Sérgio Buarque de Holanda, em uma época em que o brasileiro começava verdadeiramente sua busca por uma identidade (a partir da semana de arte de 22).

⁹² O conceito de “democracia racial” brasileira começa nos anos trinta do século XX, mais precisamente em 1937, quando Gilberto Freyre profere em Lisboa a conferência “Aspectos da influência da mestiçagem sobre relações sociais e de cultura entre portugueses e luso-descendentes”.

artigo que analisa o conceito de democracia racial⁹³ bem como sua influência na historiografia brasileira, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, do departamento de sociologia da USP, escreve:

Em 1936, em Sobrados e Mucambos, Gilberto Freyre chega mesmo a retomar as imagens de “aristocracia” e “democracia” para contrastar a rigidez da organização patriarcal e a flexibilidade das relações entre raças:

“Até o que havia de mais renitentemente aristocrático na organização patriarcal de família, de economia e de cultura foi atingido pelo que sempre houve de contagiosamente democrático ou democratizante e até anarquizante, no amalgamento de raças e culturas e, até certo ponto, de tipos regionais, dando-se uma espécie de despedaçamento das formas mais duras, ou menos plásticas, por excesso de trepidação ou inquietação de conteúdos” (FREYRE, 1936, p. 355 apud GUIMARÃES, p.4).

Para o autor, Gilberto Freyre retoma na sociologia moderna a utopia do paraíso racial, apreciada pelos abolicionistas. Guimarães cita Gilberto Freyre, no mesmo artigo:

Há, diante desse problema de importância cada vez maior para os povos modernos— o da mestiçagem, o das relações de europeus com pretos, pardos, amarelos — uma atitude distintamente, tipicamente, caracteristicamente portuguesa, ou melhor luso-brasileira, luso-asiática, luso-africana, que nos torna uma unidade psicológica e de cultura fundada sobre um dos acontecimentos, talvez se possa dizer, sobre uma das soluções humanas de ordem biológica e ao mesmo tempo social, mais significativas do nosso tempo: a democracia social através da mistura de raças (FREYRE, 1938: 14 apud GUIMARÃES, p.4)

Claro é que os dois autores citados puderam trabalhar com conceitos que serviram para criar o mito da igualdade racial no país, tema também fortemente desconstruído por Florestan Fernandes que os aponta como a senha do racismo à brasileira. Guimarães (s/d), conclui:

Finalmente, para alguns intelectuais contemporâneos, o mito transforma-se em chave interpretativa da cultura brasileira. Mas é preciso que se lembre sempre de que o mito, no sentido antropológico, transforma-se facilmente em falsa ideologia, quando ganha a arena política, perdendo seus referentes históricos e sociais, obscurecendo o jogo de interesses e de poder que lhe dá sentido em cada época. Ou seja, quando é tomado como valor atemporal e a-histórico. Ora, é isso justamente que fez Gilberto Freyre a partir dos 1930. Em Gilberto, a “democracia social e étnica” brasileira é característica imanente e perene à cultura luso-brasileira. Mas, sabemos hoje que todos os sentidos culturais são construídos e reconstruídos a cada momento (GUIMARÃES, p. 19).

O racismo atual, travestido em piadas, velado, eleva consideravelmente a maneira como brasileiros e brasileiras relacionam-se. Basta perguntar a um pai como ele se sentiria se sua filha se

⁹³Disponível em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>, dia 09 de julho de 2013, às 14h26.

casasse com um negro para constatar o preconceito. Não surpreenderia se a resposta, ainda hoje, fosse “jamais”.

Tá rindo de quem? Tá rindo de quê? Mais do buscar uma resposta o presente estudo quer ser um estímulo para que aprendamos a sair da barbárie dos relacionamentos postos como superiores para caminharmos para uma outra possibilidade de viver que encontre as surpresas da vida em cada momento, em cada relacionamento.

Longe de querer acabar com as piadas desejo que essas nos ajudem a rir em muitos dos momentos de descontração que fazem parte de nossas vidas, sem que seja preciso desqualificar alguém. Resta-nos, entre algumas elaborações, voltar à pergunta que não cala: O que estamos fazendo de nós? O que estamos deixando que façam de nós?

Essas piadas racistas desmontam a cordialidade do povo brasileiro pois apresentam o autoritarismo que nos controla e domina impedindo que nos organizemos pelas nossas diferenças e pela pluralidade de nossa cultura. Ser negro, ser *gay* são desafios numa sociedade excludente e de padrões de normalidade tão rigidamente estabelecidos.

Tratar sobre o tema do racismo com as crianças, adolescentes e jovens, desconstruindo a maneira como ele tem sido posto é um dos grandes desafios a serem enfrentados. Temos que tirar o foco em encontrar os culpados para pensarmos nas práticas instaladas. Batista (2011) assim conclui seu trabalho de mestrado no grupo de pesquisa Violar:

Ao desnaturalizarem “falsas verdades” que a sociedade costuma dar por “herança” às crianças e aos jovens, as agressões que se caracterizam como bullying podem ser repensadas pelos mesmos. Como relata Giroux (1992), é necessário *dar voz* aos alunos. Ao falarem, os discentes podem construir novos posicionamentos ou afirmarem suas crenças de forma mais crítica. Além disso, através de conversas os alunos podem ser incentivados a colocarem-se no lugar do outro, um caminho para refletirem acerca do que representa o *agredir* e o *ser agredido*. Finalizando, através da busca empreendida nesse estudo, “*um olhar ampliado para o bullying*”, é possível concluir que o mesmo está intrinsecamente relacionado aos estereótipos e preconceitos presentes em nossa sociedade contra o outro que se diferencia do padrão estabelecido por grupos hegemônicos. Desta forma, não é um fenômeno recente, apesar de agora receber um novo nome. A experiência vivenciada no GF indica que o bullying deve ser abordado de uma forma ampla, por meio de conversas e debates em que os alunos sejam levados a refletirem sobre as raízes de posicionamentos que provocam atitudes de *não aceitar*, de *agredir o outro* e de *concebê-lo como inferior*, tendo como motivação alguma marca que o diferencia do padrão estabelecido. O estudo permite também, repensarmos o papel importante da escola enquanto instituição educativa, enquanto instituição social fundamental na construção de uma sociedade democrática (p. 156).

Conseguir identificar os condicionantes fascistas que invadem silenciosamente nossos modos de vida e impõem padrões de comportamento excludentes talvez seja um bom começo para definir políticas para pequenos gestos que acabam por dar o “tom” à vida. Reconhecer que o racismo não é um mal entendido é o começo para reconhecer outros gestos, em especial aqueles disfarçados em piadas que podem fazer de nossos momentos de lazer entre amigos, de entretenimento nos meios de comunicação e outros palcos, de enfrentamento nas salas de aula, possibilidades outras de construção de um novo tempo marcado por uma outra estética de vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **O Riso e o Risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D.M. A Bela ou a Fera: Os corpos entre a identidade da anomalia e a anomalia da identidade. In RAGO, M. & VEIGA-NETO, A. **Por uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- ALBUQUERQUE, P.G. Kafka – como resistir sem ideologia. In LINS, D.(org). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.
- ANDRADE, M.C.M. O Cotidiano Escolar como Espaço de Produção de Sujeitos Cidadãos. In: Camargo, A. M. e Mariguela, M. (orgs). **Cotidiano Escolar: Emergência e Invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007.
- ANDRADE, O. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ANGELO, F.H., DIAS, R. **O corpo entre o Riso e Risco: um estudo sobre a Escola Nacional de Circo**. Jundiaí, Paco Editorial, 2012.
- BAKTHIN, M.M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BATISTA, E.H.M. **Bullying e diferenças: a busca por um olhar ampliado**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2011.
- BERGSON, H. **O Riso: ensaios sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- BRANCO, G.C. Anti-individualismo, uma vida artista: uma análise não fascista de Michel Foucault. In RAGO, M. & VEIGA-NETO, A. **Por uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- BREMMER, J e ROODENBURG, H. **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BRASIL. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, “Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania – Sistema de Proteção Escolar”. Disponível em http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/Arquivo/protecao_escolar_web.pdf

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm

CALLIGARIS, C. **Realengo**. Folha de São Paulo, Folha Ilustrada publicado em 14/04/2011, p. E-16. Disponível em <http://www.nepp-dh.ufrj.br/ole/textos/realengo.pdf>, dia 26 de Julho de 2012, 13h13

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://brasil500anos.ibge.gov.br/en/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros>

CAMPOS, A. **Do Quilombo à Favela**: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

COLI, J. **O que é arte**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1995.

CONSTANTINO, F. L.; MELLO, R. R. Comunidades de Aprendizagem: Trabalhando a Igualdade de diferenças na perspectiva dialógica. In CASIMIRO, A. P.; AGUIAR, I.P (org). **Etnia e Educação**. Campinas: Editora Alínea, 2012, p. 41- 56).

COSTA, J. F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In Novaes, R. & Vannuchi, P. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

DAMATA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, G. e PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DUARTE, L.P. A criatividade que liberta: riso, humor e morte. In: **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006. p. 51 – 58.

DUSCHATZKY, S e SKLIAR, C. O Nome dos Outros, Narrando a alteridade na cultura e na educação. In Larrosa, J e Skliar, C. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FLECK, E. C. D. Gargalhadas na Selva. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**, vol 68, maio de 2011.

FLORES, E. C. Representações cômicas da República no contexto do Getulismo. In: **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA** - vol. 21, nº 40. São Paulo, 2001.

FONSECA, J. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

- FONSECA, D. J. **A piada: discurso sutil da exclusão. Um estudo do risível no “racismo a brasileira”**. Dissertação de mestrado apresentada no programa de ciências sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.
- _____. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: **Cadernos de Subjetividade do Programa de Estudos de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP**. V-I, n.1 (1993)- São Paulo, 1993.
- _____. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Os Anormais**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Os intelectuais e o Poder. In **Estratégia, poder-saber. Ditos e Escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. A Escrita de Si. In: **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.
- _____. Foucault. A Hermenêutica do Sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- _____. M. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. **Os chistes e a sua relação com o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol VIII, 1996.
- GALLO, S. Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault. In Gondra, J e Kohan, W. O. **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GALLO, S. Entre Édipos e O Anti-Édipo: estratégias para uma vida não fascista. In RAGO, M e VEIGA-NETO, A. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- GARCIA, D. T. R.; SILVA, J. G. ; VAZ, A. C. ; FILOCOMO, F. R. F. ; FILIPINI, S. M. **A Influência da Terapia do Riso no Tratamento do Paciente Pediátrico**. Disponível em http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0918_0498_01.pdf, dia 26/11/2011, às 19h52.
- GROS, F. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- GUIMARÃES. A. M. Imagens e Memória na Reconstrução do Conhecimento. In: **23ª. Reunião Anual da ANPED, 2000, Caxambu. Educação não é Privilégio (Centenário de Anísio Teixeira)**. São Paulo: DP&A Editora, 2000.

- GUIMARÃES, A. S. A. **Democracia Racial**. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000.
- JOB, Luciana da Costa. **As Charges Políticas e as questões de identidade: O (bom e o mau) humor das Tribos do Oriente**. In: III Simpósio Nacional de História Cultural: Mundos da Imagem, do Texto ao Visual. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2006. p. 2576-2577.
- KASPER, K. M. **Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida**. Tese de doutorado. Campinas, Faculdade de educação/UNICAMP, 2004
- KOHAN, W.O. Do fascismo ao cuidado de si: Sócrates e a relação com um mestre artista da existência. In RAGO, M. & VEIGA-NETO, A. **Por uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- LAGO, P. C. **Caricaturistas Brasileiros**. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- LARROSA, J. “Tecnologias do Eu e Educação” In: SILVA, T. T. **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- _____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan-abr. 2002. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf, dia 24 de Setembro de 2012, às 10h58
- LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LIPOVETSKY, G.. A sociedade humorística. In: **A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- LUSTOSA, I. **Brasil pelo Método Confuso: Humor e boemia em Mendes Fradique**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1993.
- MASSETTI, M. **Soluções de Palhaços: transformações na realidade hospitalar**. 3º ed. São Paulo: Palas Athena, 1998.
- MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. 5. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005
- MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: contexto, 2011.

- MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- MOTT, Luiz. **O Sexo Proibido: virgens, gays e escravos nas garras da inquisição**. Campinas: Papyrus, 1988.
- MOTTA, A. B., ENUMO S.R.F. **Brincar no Hospital: Estratégia de Enfretamento da Hospitalização Infantil**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.9, n.1, p. 19-28, 2004.
- MOTTA, R. P. S. **Jango e o Golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- MUNANGA, K. África: o berço de diversas civilizações. In MUNANGA, K; GOMES, N. L. **O Negro no Brasil hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- NIETZSCHE, F.W. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- _____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PETRY, M. B. **Caricaturas, charges e cartuns: Um estudo sobre as expressões gráficas de humor Como fontes para a pesquisa em história**. Monografia apresentada à disciplina Orientação do Trabalho Monográfico, no Curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008.
- PINSK, J; ELUF, L. N. **Brasileiro(a) é assim mesmo: cidadania e preconceito**. São Paulo: Contexto, 1993.
- PIRANDELLO, L. **O Humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.
- QUELUZ, M. L. P.. **Humor e Guerra nas Charges de Belmonte e J. Carlos**. In: Anais Anpuh. Disponível no endereço eletrônico: www.anpuh.uepg.br/Xxiiiisimposio/anais/textos/. Acesso em: jun. 2008.
- QUINO. **Toda a Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- PARNET, Claire. **O Abecedário de Giles Deleuze**. Disponível em: www.oestrangeiro.net, disponível em 24 de Agosto de 2008. 15h45.
- SALIBA, E. T. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **IMAGEM: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: BONSON, S. **Sítio eletrônico das expressões gráficas de humor**. www.cidadesilustradas.quadrinho.com
- SANTOS, M. **Ser negro no Brasil hoje**. Folha de São Paulo – caderno Mais. 07 mai.2000.

SKLIAR, C. A. Materialidade da Morte e o Eufemismo da Tolerância. Duas faces, dentre as Milhões de Faces, desse Monstro (Humano) Chamado Racismo. In Gallo, S & Souza, R.M. **Educação do Preconceito – Ensaio sobre poder e resistência**. Campinas: Alínea Editora, 2004.

SPINDLER, F. Superabundância, falta e perda: da crítica à criação. In LINS, D. **Nietzsche/Deleuze: Arte, resistência**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

SWAIN, T. N. Todo homem é mortal. Ora, as mulheres não são homens; logo, são imortais. In RAGO, M. & VEIGA-NETO, A. **Por uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, Maio/jun/jul/ago, 2003, no. 23.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro:

CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPIR/PR, 2012. Disponível em

http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf

ANEXOS

Anexo 1 - **Transcrição das entrevistas**

Entrevista com André e William, realizada em 27/07/2011

T - Na verdade estou fazendo um estudo sobre o riso, né. E a minha ideia é mapear um pouco o que o riso provoca nas pessoas. Então, como vocês dois são gays e eu tenho assistido bastante coisas, ouvido bastantes coisas que associam a questão do riso ao gay, eu pensei da gente começar conversando um pouquinho assim:

Já aconteceu de

vocês estarem em um lugar que as pessoas não sabem que vocês são gays e começam a contar piadas de gays? Como isso bate em vocês, o que provoca?

Will - Quando eu era adolescente, era enrustido ainda, eu ficava chateado, com medo do pessoal descobrir. Então ficava sempre aquele clima, será que descobriram alguma coisa, estão fazendo essas piadas, estão dando alguma indireta? Eu ficava sempre na minha, ficava triste, magoado. Se estivesse brincando comigo, chamando de gay, alguma coisa eu respondia, ficava bravo, tinha um receio, mas hoje em dia não, se tiver alguém brincando eu até falo que eu sou gay, ou coisa assim, eu não me importo mais de falar.

André - Acaba defendendo

Will - É acaba defendendo. Brincadeira...

André - Eu Também era bem parecido, na infância você acaba com aquele grupo que você está convivendo, porque são outras crianças e acaba que é uma chacota, é uma, é um chamamento, mas no sentido de. De... Pejorativo mesmo, outra criança ofendendo a outra: ah gaysinho. tal.

Na adolescência, quando as coisas começam a ficar mais claras, principalmente na identidade sexual e a gente começa a ter consciência de que

Pera aí tão falando de mim, essa piada então é pra mim? Você começa a entender de fato que algo está sendo feito pra te provocar, pra te cutucar... E eu também passei pelas mesmas coisas assim,... A gente se retira, mas não enfrenta. A gente não sabe lidar com isso. De fato a gente tem pouco conhecimento. Eu pelo menos, me via desse modo. O que eu to defendendo, eu não sei o que está acontecendo comigo ainda. Eu não sei por que eu olho para um menino e não olho para uma menina? Eu não sei pq que me atrai de uma forma que não atrai outra. Então, por esse desconhecimento, a gente acaba se alienando, né.

Will - No meu caso, na adolescência eu não tinha dúvida, eu tinha certeza, o meu medo era a chacota.

T – Quando você fala adolescência, você fala em quantos anos?

Will- 15 anos, 16 anos.

André - Mas pelo menos três anos ali acaba ficando...

Will - A chacota... Quando eu contei para minha amiga do ensino médio que eu era gay, ela deu um sorriso e disse: você é gay? Não parece... Eu fiquei assim, mas eu ficava pensando as piadinhas, sempre foram uma indireta...

T – E nem era.

W - Nem era nada, não era nada, era o medo mesmo...por isso eu gostei da sua pesquisa pq o riso influencia mesmo.. o riso tem esse poder de deixar a pessoa...

Will - E nem era nada. Era coisa da minha cabeça, o medo mesmo, por isso que eu gostei da sua pesquisa porque acho que o riso influencia mesmo. O

Isso tem o poder de deixar a pessoa...

André - Porque muitas vezes não tá direcionado. O riso não tá direcionado.

Will - Eu sempre fui muito tímido eu acho que por causa disso. Depois que eu me assumi eu fiquei mais comunicativo, eu dou minha opinião, eu falo. Eu tento também, por exemplo, se tem uma opinião contrária à minha, eu não vou ridicularizar ela, por mim tudo bem, mas antes quando eu não era assumido eu não falava nada, ficava na minha triste e ia embora. Ficava triste mesmo.

T - Mexia com você?

Will - Mexia

T - O que você ia falar?

André - Não lembro exatamente. Às vezes não é nem direcionado

O fato de você estar num grupo de amigos, e de repente surgir uma piadinha ou comentam de outras pessoas, começou a acontecer com frequência quando pra mim já era uma questão bem resolvida e aí você está com esses amigos que sabem de você, e aí acabam comentando ai você fala: pô, mas pêra aí você tá falando de mim? Porque tem essa liberdade de falar assim até que ponto.

T- Amigos. Amigos heteros...

André- É, Amigos heteros e aí eles falam assim: pô eu nem consigo te ver dessa forma. Mas você está falando daquele, mas que na verdade me subjuga também. Tá colocando no mesmo padrão. Tá igualando, então eu acho que o riso em si identifica quando não é bem colocado é mal caracterizada sim e a gente acaba tomando muito disso, principalmente na questão da homossexualidade como algo

que afeta mesmo, que quer te excluir. Porque assim, você percebe um risinho, você fala assim, tá rindo do quê que eu não sei o que é. Não é essa dúvida?

Will. – Uma vez, andando no corredor da escola você escuta um grupinho, ou passa olhando e depois dá um riso, porque hoje é uma coisa normal. Mas pra mim, antes eu perdia até o passo, eu ficava, ah é prá mim, e às vezes nem era.

T – E nem era.

André- Ou então assim, um grupo de meninos assobia e você está passando àquela hora. Você já acha que estão ...acha que é pra você, e nunca foi pelo menos comigo nunca percebi nada muito espalhafatoso. Eu era mais contido, mesmo.

T - Nem parecia... Como a amiga do Will

André - Ela falou bem alto assim: Você é gay? Ainda bem que a sala tava uma bagunça e ninguém ouviu. Eu falei, cala a boca... Falei só pra você. fica quieta.

T- Isso quando? No ensino médio

Will – ensino médio...16 anos mais ou menos

Will -. Tem uma outra história legal também que os meus amigos de infância descobriram e vieram perguntar pra mim no MSN: ah porque você está ficando com um menino lá e agente já sabe. Se vocês sabem, por que perguntam, então? Ah mas não precisava esconder, a gente é seu amigo não tem problema nenhum. A legal né devia ter contado antes. Ó mas, por favor, sem piadinha eu vou ficar constrangido. Nos primeiros dias foi tranqüilo, aí eu fui numa festa aí começaram a zoar, tinha um outro menino gay, eles começaram a zoar com ele e zoar comigo também, aí eu fiquei bravo, nervoso, e não saí mais com eles. Aí encontrei outro grupo de amigos e estou andando com eles até hoje. Então essa parte do riso.

T – E é um grupo gay ou?

Will – Não, é um grupo hetero. É tem de tudo.

André- Hoje o convívio está mais...

André - Principalmente, veio o emo, deu uma ficou aquele meio de campo assim... Que acho que o hemo é o caminho do meio, sabe assim? Porque tem de tudo ali, você tem gay, tem hetero, tem as pessoas...

T- O que vale é o amor, independente com quem.

André- O que vale é paz, as pessoas querem se encontrar, ser feliz, acho que essa cultura é uma coisa que vem desconstruindo muito daquela coisa, relação homem e mulher e aí põe o gay como algo

excluso, fora. Mas você estava falando de repente do convívio, até a fase de escola depois que eu acho que eu tive a fase de escola, e depois eu tive a fase do Centro de Voluntariado, onde eu estava mais envolvido com um pessoal, ali que a coisa era muito mais leve. E aí são os meus grandes amigos hoje que é um pessoal que, depois que eu entrei para a Faculdade é que eu acabo tendo convivência. Não tenho mais aqueles outros amigos. Tinha vários grupos antes de ir embora para estudar, de entrar para a faculdade. Mas a faculdade foi uma coisa que pegou muito, você sabe né? Foi muito pesado a discriminação e tudo que eu convivi, principalmente, em se tratando de um curioso que existe um preconceito muito grande, né? A Odontologia, apesar de ter uma porcentagem de gays, profissionais, dentistas gays, e não assumidos, nada revelado, é muito grande. Tanto que, por exemplo, eu assumi no segundo ano de faculdade, que eu tive a morte de um amigo que era gay, que todo mundo mais ou menos sabia, e isso me incomodou muito. Até então, dentro da minha sala eu era o líder, eu era representante de sala, representante de formatura...

T- Ninguém sabia que você era gay?

André – Era aquela coisa assim, existia muita conversa, mas ninguém chegava e falava: André você é..., alguma coisa assim, tinha muito burburinho por fora. Quem eram meus amigos acabava me passando. Eu falei: meu, eu não vou chegar à frente da sala assim: sou gay e não sei o quê... Não tinha... Não é sala de aula, é um grupo de profissionais... Futuros profissionais, e eram 80, né? Minha sala tinha 93 alunos, então não é fácil. E eram quatro turmas. Era uma faculdade que só tinha o curioso de Odontologia, então a gente ficava exclusivamente com aquelas pessoas, então o convívio era intenso, você só convivia com aquelas pessoas. E eu não, eu fui ter amigos da cidade e tudo o mais. E logo aconteceu este episódio e logo em seguida eu conheci meu atual companheiro que foi também tudo nesta mesma fase. Aí também a exclusão veio pesada.

T- Aí vocês foram morar juntos?

André – Aí depois de um ano que o Marcos acabou indo para Araçatuba a gente foi morar junto. Mas antes disso, eu percebi, eu me exclui e as pessoas fizeram questão de falar assim: então seu lugar é fora. Porque eu estava sentindo pela perda, e as pessoas achavam que eu estava sentindo que eu perdi o amor da minha vida. E não era isso. Era amigo mesmo. Era uma pessoa com quem eu convivi.

T – Ah... Eles achavam que aquela pessoa que morreu era seu namorado.

André - E não tinha nada disso. Até você...

T- Eu lembro quando ele morreu...

André – Aí eu passei uma fase de introspecção muito forte. Foi uma fase difícil da faculdade. Mesmo sendo uma situação resolvida para mim, os meus sentimentos, era muito difícil trabalhar tudo isso com pessoas que estavam que eram um pouco mais novas, porque eu entrei na faculdade com uma diferença de quatro, cinco anos dos outros alunos, e eu não sabia como lidar com isso. Eu não sabia como eu podia mostrar para eles como é que a gente podia conviver juntos. Ficou parecendo que seu era gay eu ia dar em cima de todos os alunos da sala, sendo que 20% da sala eram homens. E aí o que é mais interessante, eu passei o restante da faculdade sendo afovalhado assim... Existia muito boatinho em relação a mim. Eu terminei a faculdade, no mesmo ano, mais três da sala se assumiram. Mais três. Hoje na verdade a gente sabe que na turma, que na verdade só eu sofri, mas eram quatro também. Mas ninguém saiu em defesa.

T - Imagino como sofreram também, até ficaram quietos.

André - Mas aí, não, muito pelo contrário, alguns não ficavam quietos. Justamente me jogavam fogo.

T- Ah não te defenderam?

André - Não porque eles queriam na verdade, eles desviavam atenção. Não porque o gay é o André, não é fulano. Não sou eu... entendeu? Então tinha sempre muita coisa em relação a isso. Muito complicado. Hoje chegam falando da questão de *bullying*, eu tenho na verdade eu tenho dois amigos que permaneceram da faculdade, dois, de 90, tem duas pessoas que eu me relaciono até hoje. Duas meninas, duas mulheres que sempre me defenderam dessas piadinhas.

T - Você acha que a piada é uma forma de *bullying*?

André - Eu acho. Ela é a forma mais mascarada que tem. Eu prefiro lidar como aquilo que eu conheço do que com aquilo que eu não sei de onde tá vindo. Uma piada você mascara muito. Num riso você esconde muita coisa. Então, eu prefiro que seja uma coisa descarada. Eu prefiro que seja uma coisa aberta, porque aí você tem arma, tem formas pra se defender, tem como colocar sua posição. Mas quando não te dão o direito de você defender, colocar aquilo, eu acho que é justo.

T- Mas quando é criança, adolescente, tem uma outra repercussão, mais que quando é adulto, né, o que vocês acham?

Will – Olha. Falar também dos meus pais. Quando tava tendo jogo, uma coisa, ele falava: ah essa bichinha, sei lá o quê, blá, blá, blá... Eu pensava: não sabe de nada ainda né.

T- Você pensava isso?

Will- É. Você não sabe o que tá falando né. Uma vez eu achei legal que ele chegou e falou assim: o meu amigo, a menina dele tá ficando com uma menina e ele tá tendo chlic, ele quebrou o celular da filha. Não precisa de nada disso...

T- Ele falou, seu pai?

Will – Meu pai. Aí, nossa que legal né. Aí quando ele ficou sabendo foi totalmente diferente, foi igualzinho....

T- Ele também quis quebrar seu celular.

Will- Ele fez uma cena que eu não esqueço até hoje, ele falou: vem cá, eu estava chorando, ele pegou uma bolacha de água e sal, deu um soco numa bolacha e falou: você deixou meu coração assim ó. Tá bom né, Eu não falei nada.

T- E isso faz pouco tempo?

Will - Faz, faz pouco tempo. Então ainda é um tabu em casa. Mas a questão da piada, quando criança eu também não gostava de ouvir. Eu ficava meio sentido. Mas hoje em dia eu já aprendi, mas quando criança é chato mesmo, você fica em alerta parece, fica meio... não fica à vontade.

André – Eu acho que na infância, ela determina muitas coisas da pessoa adulta. Você acaba sendo uma pessoa que é reaprendida e a chance de você se tornar uma pessoa que repreende é muito grande. Têm umas matérias, umas pesquisas que eu tenho visto principalmente o abusador, ele foi alguém que foi abusado. Quem abusa de criança, às vezes busca na história, um histórico, na história dele ele também foi de uma criança que também foi abusada. Então acho que determina muito dessas coisas, da formação mesmo do indivíduo. Eu acho que é pior na infância.

Will- Você não sabe lidar ainda com nada. Então a infância é. Você está sozinho. Você não conta pra ninguém, você fica sozinho.

André- Porque na verdade a criança que fala sobre isso, ela tem os pais que pensam que formulam dessa forma. A criança que é preconceituosa, que faz uma brincadeira maldosa é porque ouviu dos pais uma piada assim. A criança não sabe o que é gay e o que não é, quando é criança. Ela repete isso, reproduz isso para outro porque ouviu o pai, a mãe falando daquela forma.

Will- E também amigos que influenciam nessa parte aí.

André – Mas sempre alguém que tem conhecimento daquilo que acaba sendo reproduzido por alguém que não sabe. Então a criança não tem consciência daquilo, ela reproduz as coisas que são passadas pra ela, sem questionar, sem saber por que não tem o desenvolvimento intelectual, e até a formação

mais concisa ou mais aprofundada para ela poder distinguir uma coisa de outra. Eu sempre defendo que a infância. Por isso que eu brigo.

T- Marcada né?

André- É. Eu me lembro com mais dor de coisas da infância, de coisas relacionadas a infância, Isso tudo que eu passei na faculdade eu já era um indivíduo adulto. Então assim, me incomoda, mas tem outro trabalho, uma outra interpretação.

Will- Na infância, o que traz é muita insegurança. Eu sempre fui muito inseguro. Na adolescência até antes de assumir. Nunca fui uma pessoa segura.

T – Como assim Will?

Will – De chegar numa pessoa, de conversar, começar um papo, sempre fiquei quieto, na minha, na adolescência inteira.

T – Prá paquerar?

Will – Prá paquerar era a coisa mais difícil do mundo. Hoje em dia é muito fácil. Mas antigamente, era complicado.

André- É você se sente mais feio, se sente esquisito. De fato você se sente anormal. Acho que é essa a... você acaba não tendo...

T- Tá acontecendo alguma coisa errada comigo, tem essa sensação.

Will – Eu não me lembro de ter esse pensamento de uma coisa errada, porque desde a sexta, quinta série, eu já sabia. Só que eu sempre fui na minha. Meu pensamento é que eu gostava de homem e de mulher.

T- Você gostava dos dois?

Will- É o que o meu colega fala: é o gay adolescente. Eu não sei ainda. Eu tenho as minhas opiniões. Mas acho também que pode ser isso. É raro os casos de um adulto que seja assim bissexual. A maioria é gay enrustido. Faz uma família, mas é gay.

André – Não permite aprofundar um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo.

T – E vocês assistem na televisão os programas de humor? Tem algum que vocês assistem ou assistiram que tem alguma coisa que aconteceu ali que..

Will- Olha, hoje em dia eu não ligo muito para piadinha, eu dou risada junto. Que eu me lembre que ficou muito marcado eu acho que não. Eu só não gosto daquelas piadinhas que o cara só faz piada disso, eu não sei parece até que ele tá querendo rebaixar tanto assim, eu não sei. Fazer uma piada

disso, de outra coisa, tudo bem, mas só disso, eu acho que a pessoa tem uma opinião e está querendo colocar através das piadas.

André – Eu percebo nesses programas de humor, quando o humor é feito por um gay, é diferente de um humor feito por um hetero. O humor feito por um hetero parece que é contra o gay, que é uma coisa assim, é tudo muito caricaturado. É trejeito demais. E o medo de todo pai e mãe quando pensa que o filho pode ser ou percebe que o filho é homossexual, é o medo do filho querer se vestir como mulher, é o medo dele querer se travestir e que não necessariamente está relacionado a identidade homossexual porque essas são escolhas e a pessoa é heterossexual e se travesti, eu já vi algumas histórias. Então, acho que na verdade o medo é esse, de ficar uma coisa assim... que o filho vai rebolar, que ele vai ser motivo de chacota. Acho que é isso que incomoda para o pai e a mãe, pelo menos do que eu entendo dos meus, acho que este que foi o medo deles. Mas trabalharam de uma forma tranqüila assim.

T - Quando a piada vem de um outro gay, ela não vem com esse ranço.

André- Não tem esse tom, não tem. Porque até existe... Fala assim: aquela maricona. Aquela não sei que...

T- Entre os gay?

André – É entre os gays. Que maricona entre os gays já é alguém mais velho, 40 50 anos.

T- Uma bicha véia.

André – Uma bicha veia. Então a maricona, ou a bichinha poc-poc.

T- Que é bichinha poc-poc?

André- eu sou saltitante, aquela toda serelepe, não sei se é esse os termos ainda, eu estou ficando velho. To virando maricona...

Risos

T – Tá como quanto André?

André – Eu to com 29.

T- E você Will?

Will – 21.

André – Mas acho que é isso sim, principalmente o humorista, ele faz um humor que é legal, que leva na verdade, que o gay ele tem inteligência, ele é capaz de desenvolver seus projetos, é capaz de se transformar em pessoas tão respeitadas quanto os, então eu vejo dessa forma.

T – E com relação a apelidos?

Will – Bem, eu nunca tive um apelido. Eu sempre quis ter um apelido, quando eu era criança, meu nome não dá para dar um apelido. Mas um apelido, era uma coisa mais na faculdade entre amigos mesmo, eu nunca fui motivo de chacota, era muito mais pelo cabelo do que por ser gay.

T - Como era?

Will – era, e agora? Eu não lembro agora. Ah, Bombril, esse tipo de coisa. Uma coisa chata por outro lado, mas não por ser gay.

T – Por ser negro?

Will- É também, eu ouço muita piada de negro, porque, não sei qual que ... bem acho que não superaram isso aí ainda, contam bastante piada sobre negro também.

T- Tem isso com você?

Will – tem

T- Você tem ascendência negra?

Will – Meu pai é negro.

T- Humm.

Will – Que nem meu pai fala, eu sou negão. Eu sou mulato, mas me considero negro também.

T- Nossa eu nunca imaginei que seu pai era negro.

Will – Não?

T- Não.

Will- Sério? . Eu tenho a boca...

T- Agora que você tá falando eu to te olhando até faz sentido, entendeu, mas eu nunca imaginei. Eu vi tua mãe...

Will – Minha mãe é branquinha, praticamente loira... Loira gosta de negão.

Risos

André - Mas eu tive vários assim, eu não lembro na infância se eu tive algum apelido, não um que arrastou muito, mas na faculdade mesmo eu tive assim, eu cheguei à faculdade de tinha uma coisa de padrinho, madrinha, que é o padrinho ou a madrinha que nomeia nenê, que batiza. Aí a minha madrinha me batizou de Sansão também, porque ela disse que me achou bonito e que com cabelo provavelmente ficaria melhor aí ela me apelidou de Sansão.

T - Porque você tava careca?

André- É, porque eu tava careca. Aí quando eu fui para a república para morar com o e pessoal e aí tinha gente bem mais velha, ai ele falaram: nós não vamos te chamar de Sansão não, vai ser Dalila, então na minha casa eu era Dalila, entendeu?

T- Mas isso você não tinha assumido prá eles?

André – Não. Aí ficou essa brincadeira entre uns três, quatro, ainda assim eu não tinha entendido, aquela ingenuidade tinha acabado de chegar na faculdade, você não acha que tem alguma coisa. Eles na verdade estão querendo te ofender, não é para aproximar e principalmente na Faculdade, quando é para se este universo de ideia e de envolver as diversidades, é quando eles querem dar nomes e separar por grupos mesmo. O trote.., Eu peguei uma fase que não existia o trote...

T- Pegava também porque você sempre foi bom aluno, muito aplicado.

André – Eu era esforçado, não tinha uma inteligência anormal assim, para mim nunca foi fácil conquistar as coisas, eu tive que batalhar e para aprender também era isso não tinha essa facilidade, tem pessoas que parece que aprendem por osmose né, eu não se eu não ficar lá em cima mesmo estudando, para mim é difícil.

Will – No meu caso da faculdade, eu fui para Limeira, longe daqui. A Livia era uma menina alternativa, toda tatuada, tinha 27 anos, eu tinha 17. Eu fui conversar com ela. Aí ela falou: eu beijo também meninas as vezes, ela era bem extrovertida, foi juntando uma galera em volta dela, aí um dia a gente brincando, um amigo meu falou: ó vamos brincar de verdade ? Aí..

T- Fica todo mundo louco para saber a verdade do outro né?

Will – Aí ele ficou falando, falando e eu sabia que ele era gay porque ele não sabia que eu sabia aí do nada ele falou: quem já beijou alguém do mesmo sexo aqui? Todo mundo falou: não, não, não... Aí quando chegou à vez dele ele falou: quer saber eu já beijei, aí outro falou: eu também, o outro, eu também, tinha uns oito que já tinha beijando. Aí ficou meio que um se identificou com o outro...

T_ Precisa um abrir para o outro.

Will - É. Parece que um já sabia do meio um do outro. Aí comigo, esse amigo trouxe o namorado dele na escola, ele era bem: eu vou fazer isso, eu vou, eu vou e não tem quem me segure. Entrou de mão dada, se beijando dentro da faculdade, todo mundo olhava, apontava, mas ninguém falava nada, eu achei bem legal isso aí da faculdade... aí eu entrei na Van né, falaram assim: é impressão minha ou vem dois homens de mãos dadas? Aí falaram: é amigo do bicha aqui ó.. Aí eu fiquei, ih... Eu não falei nada, fiquei quieto. Aí depois um dia, era dia dos namorados, ia ter trote da galera que tava entrando,

era segundo semestre... Aí a gente acabou ficando bêbado eu dei um beijo nele, ele deu um beijo na minha amiga e tava todo mundo lá e todo mundo viu a gente se beijando...

T- Um bando de beijoqueiros.

Will – Aí eu entrei na Van, um amigo disse: Will você sabe o que você fez ontem? O que? Você beijou o Moacir ontem, você lembra? Eu falei: claro que lembro. Mas, foi o primeiro? Eu falei assim: O Daniel, não é o primeiro nem vai ser o último. Aí ele ficou com uma cara de assustado, e eu falei normal com ele, aí ele começou a me perguntar tal...

T- Curiosidade.

Will – E tem muita curiosidade. Todo mundo ficava muito curioso. É engraçado que na faculdade, o Vinícius sempre que é o mais preconceituoso, ele sempre falava mal de gay, mas era o meu melhor amigo da sala, a gente fazia trabalho discutindo, uma opinião contra o outro, mas a gente nunca deixou de ter amizade por causa disso, isso é uma coisa que eu achei bem legal também.. E na faculdade, é uma coisa que eu achei que foi bem de boa, sem preconceito, sem piadinha, eu sempre lutei pelos direitos de todo mundo, ia lá na frente: vamos lá na secretaria... nunca teve nada...

T - Conquistou seu espaço...

Will – Consegui conquistar meu espaço

T - E ser motivo de riso, assim? Você ser o alvo?

Will – Isso às vezes, hj em dia não acontece com tanta freqüência, mas quando começam a pegar no pé ou falam alguma besteira, eu falo: é isso mesmo que acontece, é isso daí mesmo. Como hoje fizeram uma pergunta meio descarada pra mim, aí eu respondi na lata o que ele queria aí ele ficou assim. Aí ele não respondeu mais nada. Porque eu acho que é importante falar isso, para parar de uma vez, logo, porque ele quer que você fique constrangido, que você fique quieto...

T – Mas isso agora, né?

Will- Agora, antes era aquela de ficar coagido e tímido.

T- Acuado

Will- É.

André – Eu chorava.

Teresa – é, NE?

André - Acho que na verdade hoje eu sou muito menos emotivo pra algumas coisas assim. Incomodam injustiças, algumas coisas, mas respondo de outra forma. Mas quando criança você não sabe responder, não sabe lidar, você...

T- Eu lembro uma vez que você me contou Willian que depois que você abriu na sua casa, que você contou lá a história da sua viagem, lá para Noruega, o negócio lá foi feio agora lá né?

Will – Então, ele tava perto.

T – O Will saiu daqui e foi conhecer um cara lá na Noruega. E aí você me contou, foi aí que a gente conversou a primeira vez sobre esta questão, e você me contou que na sua casa ficou uma situação constrangedora quando aparecia na televisão alguma cena, né?

Will – Até hoje acontece, porque em casa ainda tá aquele tabu. Então aparece uma notícia de TV ou falando qualquer, coisa, vira aquele silêncio constrangedor, ninguém fala nada e todo mundo olhando pra TV, até que a notícia sai e entra outra prá poder conversar.

T – Fica torcendo para acabar a notícia.

Will – Isso. Eu comentei com um colega: acontece isso na sua casa também? Ele falou assim: direto, isso é um...

T – E lá na sua casa não toca mais no assunto?

W- Uma coisa muito chata mesmo. Estou chateado com meus pais por causa disso. Eu sei que para eles é difícil de entender, mas é difícil para mim também. Eu tento puxar o assunto: olham os pais dele fez isso, aquilo... Ninguém dá bola.

T - Nem sua mãe.

W- Nem meu pai. Acho que meu irmão ao tem porque ele, mas meu irmão não mudou nada comigo.

T- Seu irmão tem quantos anos?

W- Tem 17. Mas eu acho que difícil vai ser minha mãe, minha mãe chegou prá mim e falou que não aceita e não vai aceitar nunca. Aí eu parei de tentar ... não falo nada sobre isso com ela. Sua mãe também...?

A – Não, eu tava lembrando como é que foi assim. Eu tinha 17 anos e aí, pra mim não foi tão precoce assim me identificar, eu realmente me entender como gay. E aí com 16, 17 anos eu namorei uma menina que aí foi a minha única tentativa de repente saber se de fato eu ia ficar na minha mesmo, ou saber se eu era gay mesmo ou ia tentar namorar com mulher e era aquela coisa de adolescência mesmo, o máximo que teve foi aquela coisa de tato, de sentir, de beijar, por isso eu falo que eu sou virgem porque eu nunca me envolvi sexualmente com uma mulher. Nessa mesma fase, nesse mesmo período, quando eu estava nessa crise, aí eu conheci um cara que se declarou pra mim assim: olha eu to gostando de você tal, e ele era um pouco mais velho. E aí eu terminei o namoro com essa menina e eu comecei a namorar com esse cara. E freqüentando a minha casa, indo lá e tal, tornando mais

presente no dia a dia com a minha família. Passado acho que meses, um ano, por exemplo, eu tive com esse rapaz quase dois anos, minha mãe falou assim: André, o fulano. Eu, o que? O fulano é meio padre, e eu tenho a formação católica, eu sou católico, minha mãe também, participa de pastoral e tudo mais, aí eu respondi com a mesma pergunta: e você me acha padre também? A gente estava sentado na minha cama, no meu quarto. Aí minha mãe falou assim prá mim, o olha dela encheu de lágrima assim: isso me preocupou muito, hoje não me preocupa mais, porque eu entendi que você se tornou um grande homem assim, eu sei que mesmo você sendo muito novo eu entendo que você é muito responsável, que você sabe enfrentar, hoje você tem o convívio com todas as pessoas, nunca se envolveu com nada de ruim tal, então não me preocupa mais. Aí eu falei assim: então, não se preocupe em saber se a pessoa é ou não, porque a senhora já tem a resposta, assim como a senhora sabe de mim. Então esse foi o meu jeito de contar, de revelar para minha mãe que eu era gay. Sem ter que dizer assim: ai mãe eu preciso te contar uma coisa, não tece essa crise.

T - Mas é gozado ela associar com o padre.

Riso

André – E não que ela pensava que ser padre era ruim, né, porque afinal ela era católica também, e aí com o meu pai nunca houve...

T- Nunca teve uma conversa?

A – Só quando ele já separado da minha mãe, já morando com outra mulher, inclusive mais nova, com quem meu pai é casado até hoje, e aí eu fui com o Marcos, meu atual namorado na casa dele, porque eu tinha umas coisas para resolver lá, então a gente foi. E eu acho que meu pai, ele não se sente muito... Como a gente acaba não conversando determinados assuntos, ele não se sente capaz de poder cobrar alguma coisa, entende? Ele se sente moralmente desmoralizado.

T - Porque ele saiu de casa...

A – Porque ele saiu de casa, teve outros. Fora o relacionamento com a minha mãe, ele teve outros relacionamentos e sempre foi assim, a vida inteira, então ele nunca se sentiu homem suficiente para poder cobrar algo de alguém. Então ele não pode cobrar coisas da minha irmã que tem sérios, vários outros problemas, o meu irmão tem outros problemas, então eu sou o menor deles, entende?

T- Você é o que tem menos problemas?

A - Eu sou o que tem menos problemas...

T- Mas ele sabe ou ele não sabe?

A – Não, sabe, meu pai gosta muito do Marcos, pergunta dele...

T - Mas nunca se falou sobre isso, ele concluiu?

A - Não, sabe né?

T- Mas não que tenha falado?

A - É que nesse episódio quando eu fui na casa do meu pai, e aí ele defendeu o relacionamento que ele vinha vivendo e me colocou diante dele: você não pode me... Ele quis dizer assim... Eu nunca questioneei meu pai por ele ter saído de casa, eu achei ótimo ele ter feito isso, ter buscado a felicidade dele, ter realmente saído e assumido uma única vida né... Mas aí eu peguei isso e usei isso a meu favor, eu falei assim: eu sou muito diferente de você nesse aspecto, porque eu não tive medo de assumir quem eu sentia que eu era então eu não fui tentar ser heterossexual sabendo que eu era gay, que eu era homossexual, sempre foi muito tranquilo nesse sentido, com meu irmão a mesma coisa, meu irmão gosta de mulher mesmo, aquela coisa, e a gente tem um afeto, um carinho muito grande hoje, por entender essas dificuldades, essas coisas todas que eu enfrento, ele me vê nas minhas dificuldades, nas minhas fragilidades e eu vejo na fragilidade, no emocional dele, né.

T - Na família, a coisa foi mais leve? O Will já teve, ainda tá tendo ainda essa barra.

A - A maior resistência é da minha irmã...

W- Ah é?

A – Um pouco, ao mesmo tempo eu sou padrinho da filha dela, ela me vê como um grande exemplo pra filha, mas quando ela quer me ofender ela me ofende pela sexualidade.

T – O que ela fala?

A – Ah, é uma bicha mesmo, que não sei o quê... Vai com aquela bicha daquele seu namorado.

W- Quando alguém fala isso pra mim eu não fico ofendido, eu falo: vou mesmo e daí, que mais? Aí ele fica bravo.

T- Quem esse?

W – Um amigo meu, daí ele fala: ah vai se ferrar... Aí eu pego e saio. Mas eu acho que, a partir desses apelidos, desses xingamentos, eu nem esqueço mais, eu falo: arruma outros, vocês só tem esses, aí eles ficam dando risada. Mas em casa pelo que eu to vendo vai ser ainda complicado. Ele tá chegando amanhã.

T – Da Noruega?

W – Vai ficar um ano aqui.

T – E vai ficar na sua casa?

W - Vai ficar um ano em João Pessoa.

T - Aí você vai pra lá?

W – Eu falei em casa que eu vou fazer um mestrado, vou entrar no mestrado. Eu vou tentar o mestrado lá. Vamos ver se der, vamos vê se dá certo, eu acho que eu estou na idade de...

T – Vai tentar um trabalho, a Carol saiu daqui e foi para Manaus, o namorado tá lá, foi ué.

W – É isso que eu vou fazer também.

T- Vai tentar um trabalho lá, vocês são jovens, é isso que tem que fazer.

W – Aí eu já falei pra eles: olha amanhã eu... Eu inventei uma história, porque se eu contar a verdade vai dar. Eu acho que eles sabem. Eles vão saber. Não querem acreditar só.

T - E ele chega aonde?

W - Chega em São Paulo. Eu vou para São Paulo vê ele, então espero que dê tudo certo. Já arrumei dois lugares para morar, o Bruno morava lá em João Pessoa.

T- Quem?

W – O Bruno, do Portal.

T-É? Eu não sabia.

W- É ele é de lá, já me passou uns contatos, então tá bem legal.

T- O Bruno é um amor.

W- Ele é legal.

T – Muito. Eu achei que você fosse convidar ele.

W – Eu convidei outros amigos.

T- Mas como a gente não conversou sobre isso, eu falei pô, eu vou chegar para o cara e falar, eu tenho que convidar com quem já se abriu né? Pegar o cara no flagra, né, então é melhor num...

W- Eu falei para ele que o pessoal aqui era legal. Porque ele é bem legal, mas ele ah será? Peraí, aí ele falou, ah Kátia tá saindo um entrando outro aqui. A Kátia já deu risada, ah é? A Kátia foi direta, disse, eu não sabia... A Kátia, quando o Heraldo veio, a gente foi naquele evento em São Paulo, aí o Heraldo veio e perguntou prá mim: Meu você é gay? Ai a Kátia olhou prá mim: Você também é Heraldo? Eu sou muito lerda.

T - Ah o Heraldo tem a caricatura tudo, você não tem, como o André, já é outro estilo né

W - E uma coisa que eu queira falar do Frederique, meu namorado, a gente conversando pela *internet*, os amigos começaram a perceber que a gente estava conversando demais, pelo face, tal. Aí o amigo dele veio perguntar prá mim qual era o meu relacionamento dom o Frederique, aí eu peguei e coleí para ele e: e aí o que eu respondo, aí ele falou: ah o Alexandre é meu amigo, eu vou falar prá ele, fala

que você é meu namorado. A gente nem era namorado, era só uma conversinha, aí isso que até puxou o namoro depois. Aí, o amigo dele nem me respondeu, aí foi perguntar para ele depois, aí ele falou que sim. Aí no dia seguinte ele falou pra mim: eu vou assumir para os meus pais, eu falei assim, mas já? Ele nem tinha ficado com menino ainda, eu fui o primeiro dele. Aí ele falou: ah tudo bem né.

T - Também essas questões são diferentes, né

W - Eu acho assim, onde ele vive é diferente porque é muito pequeno, mas acho que nos centros maiores é totalmente resolvida. E ia para outras cidades e via casais de homossexuais andando de mão dada e ninguém fala nada.

T - Na nossa cultura tudo é muito velado, né.

W- Então, aí ele contou para os pais, o pai dele é militar e a mãe é segurança, só tem arma em casa e o pai dele não falou nada, a gente vai te amar do mesmo jeito, ficou nessa.

T – Olha militar aqui no Brasil não sei se acha assim não.

A – Tem outra cultura.

W - Só que teve o problema dos amigos. Ele perdeu muito amigo, muito amigo mesmo, ficou muito sozinho.

T – VOCÊ acha que tem alguma coisa dos meninos, quando eles descobrem, eles ficam com medo das pessoas acharem que eles também são?

W – Então, foi o que ele falou dos amigos dele, que eles se afastaram justamente por causa disso.

T - Ah se eu estou andando com ele, e ele é então eu também vou ser. As pessoas vão achar que eu também sou.

W- Ele falou que ele estava no ônibus, os amigos entravam nem chamavam ele, ele ficava sozinho no intervalo da escola. Eu fiquei muito chateado de estar aqui e não poder ajudar ele lá. Mas uma coisa que eu gostei de lá da Noruega especificamente, ninguém passa e fica olhando ou rindo, faz aquela cara assim, mas nada mais que isso.

T – De quando está tendo um relacionamento mais assim íntimo.

W- Tava andando de mãos dadas com ele dava uns beijinhos na rua, assim, nada escandaloso também. Eu gostei disso daí, não tem piadinha, não tem nada.

T – Aqui apanha.

W- Aqui apanha. E olha que a cidade deles é conhecida como o lugar dos machos da Noruega, que tem aqueles barbados, os machões, e não teve nada disso. E eu adorei. Vai andar em São Paulo desse jeito...

T – Cuidado você que vai prá lá amanhã. São Paulo está bem violento mesmo.

A - Tempo atrás parece que a coisa estava mais tranqüilo, mas parece que a coisa intensificou nesses últimos anos, dois anos. Até pela Parada Gay que era uma coisa... Os gays estão com medo, estão se fechando de novo, porque a questão da violência física...

T- Proximidade de boate gay, tá muito perigoso né.

W- Ah uma coisa que eu queria falar também é sobre os meus alunos, eu te contei do aluno, do gloss?

T- Não

W- Eu tava dando aula para quinta série, normal, aí um aluno me chama: professor vem aqui que eu faltei à aula passada, me explica aqui melhor. Aí conversando com ela, olha prá lá e vejo um aluninho, ele sentado lá com outro menino. Sabe aquele espelho cinza que é um pente também que você abre que as meninas usam, ele estava penteando o cabelo, aí ele olhava no espelho e penteava de novo, aí ele olhou prá mim: ah professor vem cá que você vai me explicar depois. Quinta série, 11 anos. Aí ele tinha um gloss, pegou um gloss, passou o gloss na boca, guardou... Eu fiquei assim.. Admirado, porque com essa idade, ele não sentava com as meninas, só com os meninos e ninguém tirava sarro deles, ele não era chato...

T- Mas ele era mais afeminado...

W- Ele era mais afeminado, mas ele colocava a posição dele no lugar. Eu não vi nenhuma chacota dele... Aí eu já tenho outro aluno, esse já é implicante, eu não sei se com 11 anos mesmo sabe, mas com 11 anos você sabe que é gay e que também é motivo de chacota, aí então falam: ah seu gay, sua bicha. Aí ele olha faz uma carinha de bravo de chateado, mas não retruca também.

T – Eles já perguntaram alguma coisa prá você?

W- Não. Na escola eu não assumi, que a escola é católica então.

T- Você está aonde?

W – Na Joaquim Sales, e lá é uma escola bem fechada. Só para os professores, mas para o diretor não sei se alguém contou, mas eu pretendo não contar para ela. Pelos alunos, essa questão, eu acho que eles estão se abrindo muito mais, tá muito mais fácil...

A – É, mas teve toda aquela repercussão que teve da cartilha, da questão de introduzir o assunto da homossexualidade, e trabalhar com aspectos preventivos de droga dentro da escola, a gente vê o qto a nossa sociedade ainda é moralista. Prefere que...dentro de casa não tem informação e fica esperando que algo aconteça. Por exemplo, espera que o filho se torne um drogado, se torne um dependente químico, espera que o filho seja atacado por ser gay ou por ser homofóbico, então assim, a casa que

era para ser um lugar de melhor esclarecimento disso, existe todos os seus preconceitos. Pra ser pai e mãe tem que, ser alguém que retém melhor os seus preconceitos, justamente para não se tornar, não se transmitir isso para as crianças. E foi complicado ouvir os pais falando que não, que onde já se viu que eu não sei de que forma vai ser abordado esse assunto. Como se falar de homossexualidade faz como que o filho se torne gay. Ou falar de droga dentro da escola está incentivando o filho a ir lá e... , enquanto que na verdade é justamente ir conhecer e saber que você não pode determinadas coisas experimentar. Alguma coisa você pode, outras não podem experimentar, porque não experimentar ficar com um homem, pra ver se realmente gosta, no caso de um menino, uma menina experimentar ficar com uma menina e saber se é isso. Qual é o medo disso? Parece que você se torna sujo. Parece que existe essa coisa ...

T – Parece que não falando, não vai acontecer.

A - É, não, tá livre disso. Os filhos vão crescer em redomas, elas nunca vão ter contato com o universo, com outras pessoas.

André – Eu acho o máximo assim, e eu acho, sempre entendo que é na Educação que tá a resposta de tudo.

A – Por exemplo, prá você, de repente explode alguma coisa dentro da sua escola e você de repente é o alvo, os pais vão falar: não quero que este professor deu aula para o meu filho, né?

W – Até rolou um assunto dentro da sala de aula, que um aluninho falou assim: é que a Dilma aprovou o casamento gay. Aí eu falei, por que, o que que você tem contra, quais são seus argumentos? Vão falando, dê um bom motivo...Ele ficou quieto olhando assim pra mim e disse: ah que ao é legal. Mas qual são os argumentos? Por que? Qual o motivo? Aí ele não falou nada. Mas isso é coisa dos pais isso daí. Ele ouviu o pai falando que não gostava, porque ele não tinha argumento nenhum.

A – São sempre respostas infundadas, não tem fundamento.

T – O único fundamento é a reprodução né?

A- Eu não conheço então eu recrimino, afasto de mim, por ignorância. Acho que é isso na verdade. E a gente percebe que ainda existe uma ignorância cultural, uma ignorância de entender a própria sociedade, saber dessas diversidades.

T – E tem a coisa da caricatura que acaba complicando. Então, quando fala casamento gay, pensa que vai entrar um vestidinho de noiva, outro de terninho. Ah entre eles, quem é o homem, quem é a mulher. Não tem essa coisa, quem é o homem, quem é a mulher?

A - Quem dá, quem come?

T- Como se a coisa. É tão estigmatizado em cima de uma relação hetero que é normativa, que põe uma norma, que é muito complicado mesmo.

W – Na sala de aula pra tentar ajudar um dos meninos lá que um chamou outro de bicha, não sei o que. Eu chamei no canto e falei: se eu ouvir você falar de novo, você vai pra fora tá bom. Pelo menos com ele resolveu.

A – Até a quinta série resolve, na sétima, na oitava.

T – Vai falar do professor, ele não quer que fale dele porque ele também é...

Risos

W- Eu fico com receio de falar ou falar abertamente para a sala inteira porque tem pai no meio, eu me preocupo com isso também.

T – É e essa linha que acha que tem que ficar assumindo, encarando, é discutível.

W - É complicado

A - Mas acho que é desnecessário.

A- Nenhum professor chega à frente da sala de aula e fala: bom, meu nome é fulano, eu sou heterossexual, eu tenho tantos anos, ninguém se identifica dessa forma, então porque o gay tem de se identificar e o heterossexual é entendido?

A- Eu acho que eu penso da mesma forma, quer falar, fala, não quer.

T- Pensa alto ainda.

A – Mas de repente se assumir ou não, acaba sendo... eu entendo, algumas vezes até favorável. Por exemplo, eu não quero me envolver em determinados assuntos, por exemplo, aí você abre que você é gay, aí você tem certeza que você tá livre, entendeu?

Risos

T- Já vira uma estratégia né André?

A – Já...

T- Briga de marido e mulher, por exemplo, né? Legal, tem mais alguma coisa que...vocês ..

Na verdade a minha intenção é um pouco discutir como é que as diferenças, considerando que a gente vive numa estrutura que é hetero- normativa, com relação a homossexualidade, então a diferença, o que não é isso, para ser incorporada precisa de algumas estratégias e a piada , ela entra como uma dessas, mas ela entra no meu ponto de vista desqualificando, eu ando assistindo alguns programas...

Entrevista com Davi e Cinthia, realizada dia 02 de agosto de 2011.

T – Então gente, deixa rolando aí... Assim a gente já vai conversando e vai gravando, depois esquece cabeça de veio (risos).

Mas é isso, quer dizer, a minha ideia é estudar o riso na vida das pessoas, como é que ele entra. Então, ele entra pelo caminho das piadas, pelo caminho da charge, do cartum, da caricatura, do palhaço, da televisão no que a gente chama de programa de humor, esses *stundups* agora, chegou no teatro. Então é, como é que isso acontece na vida, né?.

E aí aquele dia que eu fui falar com vocês, não era meu plano fazer essa conversa dentro da tese, minha ideia primeira era fazer um trabalho mais teórico, conceitual tal. Mas aquele dia, não sei quem lá no grupo lá no CV falou assim, eu cheguei a casa eu até anotei, falou assim: é que numa classe se sair uma piada, tem que suportar e dividir por poucos. Aí ele estava contando que tinha 35 alunos na sala, que tinha quatro negros, então essa ideia de dividir por poucos né, porque são poucos que estão por ali, a piada vem para aqueles? Aí eu falei: puxa seria legal estar escutando essa juventude aí. Aí eu queira ver com vocês se já aconteceu de vocês estarem num lugar e alguém contar uma piada de negro, como é que isso toca, ou se vocês quiserem se reportar quando eram criança, como e que era isso quando era criança, e agora, tem uma diferença? Você tem quantos anos Davi?

D- 28

T- E a Cinthia?

C – Também.

D – Quando é criança a parte mais complicada é que a gente não sabe se defender ainda, por mais que... No ambiente familiar acaba sendo mais leve, a gente tem uma pequena consciência das coisas, a, mas a gente é mais indefeso. Quando é criança é mais complicado. Depois que cresce, é difícil absorver, a gente sabe lidar, sabe, não devolver, mas como se portar deixando bem claro para outra pessoa, que não foi legal, que pisou na bola.

T - E você lembra assim, teve uma cena que vocês estavam nessa situação e que rolou uma piada, uma gozação, uma coisa assim, e você criança escutando aquilo.

D - Uma coisa que a galera, a criança passa muito é relacionado com personagem de TV. A gente pegou a época que era aquela novelinha Carrossel e tinha o Cirilo. Tem amigos que o apelido é Cirilo até hoje. Tudo que acontece: Ah é o Cirilo.

T- E o Cirilo era como?

D – Eu particularmente, eu odiava, não assistia Carrossel por causa do Cirilo. O que eu sei é que era o único menino negro que tinha na sala de aula.

T - Ele era legal, não era legal, como ele era?

D- Não ele era bonzinho.

T – Nem era uma...

D – Não, não é que era só ele. E essas relação que tudo que a gente faz. : Fulano é o Cirilo!

T – E você era o único na sala?

D – Da primeira a oitava era, da sala era. Um dos poucos da escola. Era sim.

C – Quando eu era criança, não tinha essa de tolerar não. Eu saia descia no braço. Sempre fui a briguenta da escola. No pré três teve uma atividade que a professora pediu para colar várias sulfites e um dos amiguinhos do grupo deitar e desenhar e aí eu me prontifiquei a deitar, fiquei deitadinha lá na sulfite e começaram a contornar que era para desenhar o corpo humano e tinha um menino, o mais lourinho, olho claro, tudo. Não sei como começou a história, ele me chamou de macaca. Eu levantei, tava com um lápis eu alfinetei ele com o lápis. Minha mãe foi chamada na diretoria no outro dia. Na escola, uma menina, que eu sempre usei óculos, aí junta: “macaca quatro olhos”, ah eu descia o braço, não queria nem saber. Sempre fui briguenta, e aí as pessoas começaram a não mais brincar por causa da forma agressiva, mas não porque tinham consciência de que aquilo era errado.

T – Medo de apanhar.

C- Eu penso assim. E depois quando eu cresci, às vezes quando faz uma brincadeira, um comentário meio estranho, eu olho meio feio assim, até hoje. Tem umas coisas que eu não tolero muito não.

T – E você lembra piada?

C- Ah ! tem, agora prá lembrar, prá contar assim eu não vou...

T- Não, não de situações assim que você estava ali e a pessoa contou como se você não estivesse ali.

C - Conta, fala, e aí todo mundo ri e acha graça e aí a hora que percebe que tem uma negra ali, aí engole o riso, fica todo mundo sem graça

D – Às vezes, já tem um grupo ali de amigos, que é desde criança é até interessante ver, que a pessoa que está ali não te enxerga como negro, você é mais um do grupo. Então o cara faz a piada porque você está ali, aí olha e fala: você não liga, né? Como não liga? Você tá louco?

T – Porque é visível, né?

D – A pessoa te enxerga pela amizade que criou, mas ela não te enxerga como negro. Você é amigo dela, mas não é.

C- Ou então faz a piada e depois diz “porque eu também sou negrona, porque minha avó, minha mãe, não sabe quem também é.” Aí quer consertar de alguma forma. “Ah porque eu também sou negrona, porque eu curto um tipo de musica, ou porque me visto de tal jeito”. Primeiro faz a brincadeira, aí vê que não ficou legal, não colou, tenta consertar, mas aí já foi, já ofendeu quem estava ali.

T- Porque é uma coisa ofensiva né?

C- Para mim é.

D - Tem muita gente que faz e não faz ofensivamente, só que é uma coisa que já vem de berço, vem de casa. A pessoa conta a piada e as vezes pra ele que não é para ofender, para ele é só uma piada mesmo. Nem ele sabe o significado do que ele está falando. Só quem é que... Putz... Às vezes quando você é criança, você não saca o negócio, depois quando você cresce você fala: ah não, esse cara não pode falar isso de mim, esse cara tá louco. Muita gente que faz, não faz para ofender, mas infelizmente, faz por naturalidade, que é uma coisa que já vem lá de traz. Eu fico muito bravo quando aparece principalmente na televisão. Você pega o Rafinha Bastos, que é um cara que todo mundo assistiu, hoje ele está na mídia, a minha preocupação não é tanto comigo, se eu encontrar esse cara na rua eu dou uns tapas nele acabou, mas e a criancinha que está assistindo? Porque ela tá assistindo e se o cara tá falando é isso mesmo.

T - Se é uma criança branca ou se é uma criança negra né? Para as duas vai fazer algum sentido.

D – Queira ou não, vai fazer algum efeito, ela vai aprender aquilo lá e vai tomar aquilo como correto, a televisão está me passando isso. E a gente não consegue cortar isso. Quando alguém brincar com ela, ela vai dar risada.

C- E tem, eu não vou lembrar qual domingo, foi no o programa da Eliana, não da Ana Hickemam, esses concursos de *stand up*, e aí um dos concorrentes era negro, e ele fazia piada sobre negro, usando a pessoa dele com uma naturalidade que eu achei absurda. Ele está vendendo um negócio que prá ele.

T - Um negro contando uma piada de negro.

C- De negro. Eu fiquei assim... Teve umas coisas que eu até achei legal, fez algum sentido, mas a maioria das coisas, eu pensei, gente ele está se colocando abaixo de nada ali. Ele e mais todo mundo. Porque quem tem a ideia de não querer fazer parte daquilo, eu me senti ofendida e inferiorizada. Poxa, um negro falando isso dele mesmo, então quem está assistindo pensa o que? Se o cara fala isso dele mesmo, eu também posso falar isso de quem eu quiser.

T – Reforça até um conceito que está por aí né.

C- Aí eu fiquei meio assim...

T – Esse é quem?

C- Eu não vou lembrar o nome do rapaz é um concurso. Se eu procurar no *youtube*, eu até encontro, depois eu te mando.

T _ Na televisão isso?

C – É na Ana Heckman. Tem um concurso de *stundup*, né?

T – Acho que esse eu nunca assisti. Tem todo domingo ou sábado?

C- Domingo né?

T – Que canal?

C - É na Record.

D – Aquele da mulher feijoadada, no Silvio Santos é para acabar.

T- Como é que, a televisão, permite umas coisas tão pesada?

C - Como é que a pessoa se coloca nessa situação né? Querer ganhar, se promover em cima de uma coisa eu é prejudicial pra você mesmo, né? Você está apelando de uma forma desnecessária.

D – Não só para você, mas você vai ter filho e ele vai sofrer por uma coisa que você plantou lá atrás. Não em jeito.

T – E vocês contam piada de negros?

D e C- Não.

T - No grupo de amigos de vocês?

D e C- Não.

T- Rolam essas piadas?

D- Piada não rola, uma coisa é intimidade pra encher... Assim, encheção de saco. É totalmente diferente, num grupo, realmente de amigos, um encher o saco do outro: Ô seu neguinho, vá seu macaco... Isso é uma coisa. Só que nem, a gente pode tá brincando ali, mas chegou uma pessoa estranha...

T – Ali não é ofensivo?

D – Não... Chegou uma pessoa ali que não é daquele circulo, pode até ser conhecido, não é, acabou. Ninguém abre a boca. Não sai. É o tipo da coisa que a gente sabe o efeito que tem se sair dali. Então, sem chance.

T - É o jeito que lida com a coisa, né?

D- Sim.

T- Eu vejo o Willian, por exemplo às vezes fala: “Ô minha preta”, uma coisa carinhosa assim, né. Quer dizer, é diferente se chega outra pessoa e fala né?

D - O negro, ele sabe perceber quando é ofensivo e quando não pô. O cara convive realmente com a comunidade negra, ele convive, tá falando, chamar de meu preto, e aí negão, a gente consegue perceber quando é uma coisa natural , quando é ofensivo, a gente sabe, a gente consegue perceber, é fácil.

T – E assim, vocês serem motivo de riso. Você contou aquela história que você foi lá e partiu para a porrada. E perceber deboche das pessoas porque é negro. Vocês já perceberam alguma coisa assim? Já sentiram alguma coisa assim?

C – Quando eu era menor eu percebia bastante. Mas aí eu comecei a crescer e pensei se eu ficar me prendendo a esse tipo de coisa eu vai ficar descendo o braço em cima de todo mundo e eu não vou resolver nada. Então acabei me distanciando. Então quando eu vejo um comentário, entra por aqui sai por ali para não ficar guardando isso, mas eu percebo que tem. Por exemplo, as pessoas olham de uma maneira estranha. Na faculdade mesmo, eu era a única negra da minha turma, então as pessoas olham assim. Eu sempre fui a única da sala. Só na oitava série que tinha a Noeli, que depois também saiu. Então sempre fui aquela que fica no cantinho, a mais excluída, e sempre tem algum comentário.

T - Você era boa aluna?

C- Sempre

T - Isso um pouco ajuda né?

D- Eu sempre percebi este tipo de coisa, mas eu pensei: se eu ficar me prendendo a esse tipo de coisa eu vou acabar surtando ou entrar em depressão. Comecei a filtrar, sabe? E agora num...

T – E você chegava a comentar em casa o que estava acontecendo? Como que era isso?

C- Ah sim. Teve uma vez, eu não sei se foi sétima série, uma menina, eu não sei qual foi o termo, mas ela me ofendeu, eu não lembro, mas seu cheguei em casa chorando, desesperada, porque eu estava cansada de, e ela sempre tirava sarro de mim, aí esse dia eu não suportei e meu paro foi na casa da menina tirar satisfação, nossa, virou uma briga, aí o pai dela ofendeu meu pai, xingou de macaco, e virou um auê. Então aí, sempre que acontecia alguma coisa fora, eu chegava em casa e comentava com a minha mãe. Mas depois que meu pai foi tirar satisfação, eu achei melhor deixar quieto.

T - Ficou com medo do pai... Ah esse pai hein, ele foi às vias d fato...

C- Ele foi ele bateu na casa da menina. Ficou pior a situação, porque ele tentou ir lá conversar, para o pai da menina falar para ela que isso não é certo, e ele teve a mesma atitude da menina, então quer dizer, se ela fez o que fez, aprendeu com quem?

D- Traz de casa...

C – Aí, ah quer saber, comecei a esquecer, deixa prá lá que... É mais conveniente assim...

T – E com você?

D – Motivo de riso nunca, deboche não, mas desqualificar, aquela coisa de ter medo, eu que uso trança, sou alto, você entra nos lugares, a turma já dá aquela encolhida. No trabalho, graças a Deus eu tenho ensino superior, já fiz alguns trabalhos, principalmente com Petrobras, refinaria, é mais fiscalização, então você chega lá para fiscalizar, rapaz novo de trança, roupa larga, a turma desacredita né? Mas eu acho que também nunca fui motivo de riso por postura, minha família nunca foi rica, mas também, andar alinhadinho, aquela coisa: criança negra, sempre está com joelhão cinza, nariz escorrendo, então essas coisas meu pai nunca deixou acontecer, porque já sabe se acontecer, é batata. Então assim, a gente sempre teve que ter um cuidado a mais com algumas coisas que para outros, se a gente andava com um furinho na calça, ah bom, a lá, tinha que ser ele, enquanto os outros podiam andar de qualquer jeito que, não, é moda, isso aí é batata!

T - E aquele vídeo que você me mandou deve ter sido visto por muita gente, né. Eu não me lembro o número de acessos. Por que eu fico pensando, gente como pode, aí eu fico pensando quanta gente riu daquilo, né? Enquanto a gente se choca, quanta pessoas se divertem com uma situação daquela, né?

D- (?) já grava ali, prá poder decorar e contar no serviço depois.

T – Como a Cinthia estava falando desse ator negro na televisão, que ator é esse? É uma situação complicada mesmo, porque o riso parece que é uma coisa para divertir, né?

C – Desde que divirta a todos, e não parte.

T – E a gente parece que precisa rir de alguém, né?

D – É isso que eu ia falar rir de alguém né?

C- E é sempre assim, é do gordinho, é da negrinha, é da pessoa que usa óculos, é daquele que é manquinho.

T – Na conversa como os meninos gays também foi bem interessante esta coisa, porque, tem alguns programas que eu andei assistindo, que têm muitas cenas. A questão da sexualidade está muito forte nos programas de humor, desde o jogo da brincadeira do Batman com o Robin, a questão das travestis, nossa...

D – (?)... O Bolinha lá, não pode nem chegar perto... tá enchendo o saco dele...

T - Muito complicado, né? E os meninos falam isso, uma coisa interessante que um deles contou, é que ele resolveu contar para a família que é gay, e foi uma tragédia na família, e na verdade ele não consegue mais sentar na sala com os pais para assistir televisão porque toda hora aparece uma cena e fica aquele mal estar, então ele falou: nossa eu não consigo mais nem sentar junto com os meus pais...

D- Ó que situação.

T – Muito complicada mesmo. Não sei. Tem mais alguma coisa que vocês gostariam de falar sobre isso?

D - Uma coisa que a gente fala, é não o que mata, o que mais é complicado pra quem é negro, é que a gente não pode fingir que não é não dá para botar outra roupa, não tem escapatória. Que nem pro homossexual, pô é difícil, eu não consigo imaginar, mas deve ser difícil você ter que guardar aquilo lá e não poder, principalmente para a família, porque família é tudo, não adianta, e a gente não, não tem o que esconder, não tem o que fingir...

C- Se você se sente um pouco ofendido, tem como ir lá colocar outra roupa, você consegue disfarçar para ficar fora desse..., agora quando você é negra... não tem como correr, não tem prá onde correr.

D- Fiz UNESP aqui, tinha 15, sei lá quantos mil alunos, a gente se conhecia todo mundo.

T – Isso é uma coisa bem interessante, sábado eu fui na Guarda Mirim, na formatura dos adolescentes, e eram 140, acho que estavam se formando, mas acho que uns 100 eram negros e você percebia um mais claro, percebia que tinha uma coisa de mistura na família, mas é bem interessante isso, você pega aí, é uma menina pobre, porque tem critério social, tudo isso, né? Aí você vai na UNESP que é uma molecada rica que entra na UNESP né, inverte né, a situação.

D- Bastante.

T - No trabalho vocês sentem alguma coisa?

D- É até interessante, porque no trabalho, de vez em quando cai naquilo que eu falei de você estar num grupo de amigos e a turma não te enxerga como. Eu falo não só como negro, principalmente pra classe mais pobre. Tem um pessoal que tem uma condição bem melhor, eu trabalho com gente que tem pós-doutorado, é outro estilo de vida mesmo, não tem nada a ver comigo mesmo, e às vezes tem gente que solta algumas coisas que, não se ligou que você está ali. Porque se eu estou ali é porque eu sou do meso nível do.

T - fica uma coisa natural

D – É.

T- Quer dizer, contar uma piada de negro é natural.

D- Se eu estou ali, eu não sou negro, eu sou o Davi, geólogo, que trabalho ali, é outra...

T - Mais prá você isto bate de outra forma, né?

D- Direto, eu saio prá tomar água né? Pego a garrafinha... tem um amigo meu que até já sabe...

T- E depois rola da pessoa chegar e falar: ó desculpas.

D- Imagina. É totalmente natural.

T- Mas você faz como ela percebe?

D- Ah eu saio bufando sim. Outro dia eu ouvi uma que a pessoa falou que a empregada não pode morar na casa dela, porque não tem nada a ver a empregada morar na casa do patrão, tem que morar em bairros totalmente distintos, porque não dá certo morar no mesmo bairro, porque o bairro que ela morava antes era cheio de condomínios e não sei o quê, porque a empregada morava lá não sei aonde, lá na periferia, e assim que tem que ser prá manter o respeito, é um absurdo, outra realidade. Eu não gasto meu tempo conversando, tentando explicar, tentando argumentar, não vai mudar. Uma coisa que prá mim é um absurda.

T – É as pessoas incorporam uns conceitos de sociedade, de gente, de cidade.

D- O pessoal não consegue ver a base, não enxerga a da população. Uma coisa que eu vejo discutindo lá, é que esse governo que a gente passou e está continuando agora, “não foi bom para nossa classe, porque nosso poder aquisitivo não mudou em nada, foi bom só para aquela pretada que mora nos barracos”. E tá errado fazer isso? Pra você que já tem um bom poder aquisitivo, não foi bom porque não aumentou seu poder aquisitivo que já é bom. Não é que melhorou prá quem tinha pouco, deu prá quem não tinha. É o meu ouvido né. Não consegue enxergar que tem outra não, grande parte da população que vive outra realidade.

T – E você é enfermeira Cíntia? E você sente alguma questão no trabalho, ou não?

C- Quando eu trabalhei na UNIMED teve uma moça que não queria que no meu plantão, era eu a Keila e mais a Andrea que é da cor do Davi, não chega a ser tão negra, e aí teve uma paciente que não queria ser atendida por nenhuma de nós três. Ela não explicou o motivo, ela falou que não queria.

T – Não precisava explicar né.

C- Falou para uma das meninas.

T – Porque a outra menina também era negra como vocês?

C- É. Porque a Andrea que era mais clara foi e eu não sei se pediu alguma ajuda, alguma coisa, ela foi lá e ajudou. Ela não recusou. Ficou na (?), nem que sim, nem que não. Aí quando foi a Márcia que é

mais branquinha ele perguntou se tinha bastante morena, se trabalhava bastantes pessoas morenas no hospital. Aí ela falou que contou que éramos nós três, e ela falou “é você que vai cuidar de mim então?” E tem divisão né, a nossa supervisora divide, do quarto tal a tal é seu, e era da Andrea, a Andrea que ia levar as medicações, que ia levar todos os cuidados pra ela, mas quando a Márcia entrou no quarto ela questionou aí a Márcia veio e contou para nós. Aí, já que é assim, toda vez que ela chamar eu vou lá. E aí foi a manhã inteira, ela chamava e a Andrea falava: “então também não vou lá”, não quis. Já que é assim, ela quer, se ela quiser minha ajuda, ela vai ter porque remédio ela precisa tomar, ela precisa de ajuda, se ela quiser ela vai ter ajuda de uma negra. Se ela achar que ao tá bom, faça uma reclamação direta. Ela não gostou muito não. Mas sabe, agora eu nem ligo muito mais. Essa foi a única vez que ficou nítido. Era mais lá na UNIMED que as pessoas têm convênio.

T - E agora você está aonde?

C- Estou na Santa Casa, tem mais um poder aquisitivo maior, então tem mais essas coisas assim. Às vezes eu percebia pelo olhar assim, sabe.

T – Você acha que a turma mais rica é mais preconceituosa do que a turma mais pobre?

C- Eu acho.

D- Com certeza.

C- Quanto mais instruída, parece... E eu acho que deveria ser o contrário e não é.

T - E os negros preconceituosos? Eu conheço algumas figuras assim...?

C- Bastante

T - Bastante preconceituosas com os negros, inclusive. Ela se vê superior aos negros comuns assim, meio pesado isso né, me incomoda muito.

D- Uma coisa que eu até preciso conversar com a (?). Tem o Plano Nacional da Saúde da População Negra que tá e não implanta. E uma coisa que tem que fazer é o que? Por exemplo, parar de chamar, não parar de chamar, mas mesmo que chame um médico negro para falar sobre essa questão, chama um médico branco. Porque uma coisa é “o negrão vai defender realmente”, mais qual o argumento, se é um médico branco ou não, tem um estudo que fala isso, isso. Então é uma coisa que mata. Quando você tem um negro que não quer ficar perto de um negro, cai tudo por terra.

T- Mas eu tenho reparado que os eventos negros nunca têm brancos falando.

D- Não, não.

T – Tem uma resistência: o que vem daí não serve mais. Tudo bem eu entendo que seja uma política afirmativa tal, mas ela é complicada também.

D- Por isso que eu falo, tem que saber buscar outros caminhos para conseguir algumas coisas.

T - Nessa área de saúde isso é importantíssimo porque você também compromete o médico branco no trabalho, porque você não tem muita adesão para essa política de saúde.

C- Mas aí se você for procurar algum médico negro que participe disso, eu não conheço. Não tem.

D- Os negros que têm a condição melhor saem fora da militância, “já consegui o meu e...” e cai fora. Fica ali no trampo, às vezes por medo até de perder o cargo...

T- Você acha que ele se embranquece assim?

D- Eu acho que são dois motivos...

T - Ele mesmo não..., fica invisível como você falou dos teus amigos que não te vêem, ele mesmo não se vê não se vê ali na causa.

D- Eu acho que tem pessoas que buscam, eles enxergam que a comunidade branca, mais elitizada é a melhor. Então se ele conseguiu ter um status que dê para ele entrar nessa comunidade, aí ele esquece que ele é negro e vai prá... Acho que têm outros que não, por medo de perder um cargo, medo de não conseguir tal emprego, de ficar militando, batendo de frente, ficar aparecendo... Eu acho que tem um pessoal que é por temer perder uma condição individual de vida, ele acaba deixando de lado. Realmente não é fácil.

C- É mais todo negro que sobre um pouquinho na vida esquece que é negro.

D- Eu não sei se são todos...

T – Tem uma parcela, né?

D - Ah tem, eu faço questão, eu já escrevi artigos para o jornal já falando sobre racismo e eu coloco lá sim que eu sou geólogo. Eu defendo muito, por exemplo, as religiões africanas, e eu sempre falo que eu não, que eu sou católico. Mas eu vou defender sim porque isso é do meu povo. Por que eu acho importante, não adianta eu ser do candomblé e eu defendo o candomblé, isso é óbvio. Mas eu sou católico, mas vou defender o candomblé sim.

C- E é engraçada a quantidade de negra que disse que o...

T – Eu acho engraçado que o governo acha que eu frequento, que eu sou lá do candomblé lá do pai Silva, porque eu to sempre dando um exemplo, falando uma coisa, e é verdade...

D- Porque tem um peso diferente.

T- Claro.

D- Não adianta.

T- Outro dia uma vereadora me disse assim: ah eu to me sentido tão pesada, será que você não pede para o pai Silva fazer lá...

(risos)

T – Eu falei: peço. Aí eu liguei lá para o pai Silva: faz umas rezas aí...

(risos)

T – Mas é importante.

D- Para quem consegue algumas conquistas é importante divulgar sim. (?) Outro dia a gente (?) na JC Magazine, que é uma revista...

T- Ah é... vocês viraram casal 10.

(risos)

D- E a gente sabe que é para certa parcela da população mais elitizada.

C- Que quem teria que ver que é a comunidade prá ter um pouco mais de orgulho, não viu.

D – Mas lá sim, é questão de falar.

C- Foi feito para um público que não tem acesso a revista.

T- Mas é importante.

D- (?) é enfermeira, ela não é só uma negra bonita que não faz nada, o Davi é geólogo, trabalha na Universidade. A moça trabalha na UNIMED que é o melhor hospital aqui de Rio Claro, eu acho que é importante mostrar para esse pessoal, prá esse pessoal que vê a gente diferente, não peraí, opa, se ela trabalha lá, ela fez enfermagem, talvez ela.. ela estudou com a minha filha.

T – Vocês estão escrevendo uma outra história.

D - Tem que mostrar sim. Tem que bater de frente.

T – A questão do negro são muitas histórias. Achei tão interessante a fala da dona Joana na “Conversa grau”, a semana passada, porque ela foi criada freqüentando a Casa Grande, porque aí o pai ficou na casa, o avô ficou o pai ficou ela nasceu então ela foi criada ali e ela tem uma consciência bem crítica da situação, tal e tal, mas ela não tem ressentimento com relação ao branco, então acho que ela é bem querida ali na família. Então ela falava: a turma ficava doente, eles queriam que eu ficasse lá junto, conversado. Acho que ela era a menininha que ficava circulando ali. Não sei muito bem assim, mas ela não é uma pessoa que ficou ressentida. Que tem a fala da dona Ana, da Diva, você percebe que tem uma fala de perda, perda, perda, e ela perdeu um monte de coisa. A casa dela pegou fogo, a mãe morreu, ela tinha dez anos, quer dizer, uma pessoa que sofreu prá caramba, entendeu? Agora ela tem 91 anos, vai fazer 92 e está montando um coral, porque não sei quem

cantava, não sei quem cantava então ela está montando um coral. Então sabe uma pessoa que está sempre querendo fazer uma coisa nova, está sempre aprendendo, contribuindo, ela é do Conselho da creche, ela se vira. E alegrinha assim, é tão interessante. Até comentei com a (?): às vezes passa até que ela é alienada da condição dela, mas não é isso. E o filho dela, o Luis, sabe quem é alegre, fala com todo mundo, é o jeito dela. Eu falo: Luis agora eu sei quem você puxou, porque ela é do mesmo jeito.

D- O Luis gosta de conversar, falar bastante.

T – É muito interessante. Legal gente. Acho que a gente já esgotou um pouco dessa... E aí, depois eu vou transcrever essa fala, vou trabalhar esse texto, aí vou mostrar para vocês e pegar uma outra autorização para o uso da escrita. Que nós fizemos uma da fala, da gravação.

D- Se precisar de mais a gente chama os meninos. História todo mundo vai ter.

T- Mas acho que é isso. O que eu queria mesmo é que tivesse a fala de vocês no trabalho, mostrando como tudo isso afetou. Como é que é? Não é uma coisa que as pessoas estão fazendo e isto passa prá elas batido, como vocês falaram. Isso provoca uma coisa em cada um que está ali. Naquela criança que vê aquele programa de televisão, ou que escuta aquela piada na casa. Como é que fica né?

D – (?) a pequena consciência, uma das ações afirmativas, que mais aconteceu desde a década de 90, o que mais se fala é sobre a beleza. A beleza negra. Que é uma coisa que se você pegar todo mundo quando era criança se acha o mais feio da turma; eu sou o negrinho, o meu cabelo é o pixaim,...

T – Fala né, cabelo ruim...

D – Cabelo ruim.

T – É o nome que tem.

D- E aí você vai entender isso só lá na frente. Opa, que negócio é esse? Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

T- No *youtube* tem um negócio bem bacana de uma criança negra, vocês já viram isso?

D- Eu já vi.

T- Têm duas bonecas, uma negra e outra branca e aí o entrevistador vai perguntando para a criança, qual a boneca mais bonita, qual que ela gosta mais, com qual ela se parece. E toda a referência dela é com a branca.

C - Eu tenho uma amiga que a gente estudou junto desde o prezinho até a oitava, depois ela foi para uma escola particular. E aí tinha aquelas bebezonas que tinha só aquele xuxinhos de cabelo aqui aqui, e eu tinha uma branca e ela tinha uma negra. E eu não queria trocar eu não queira dar a minha prá ela

nem ela queria dar a dela para mim. Não sei se pela amizade eu via ela na boneca e ela me via na boneca, não sei, mas a gente sempre foi muito apegada e ela adora negro, a vida dela é o negro. A Grazi, a Dida conta que a Grazi quando era pequena ela não se via como negra e a Grazi é bem negra.

T – Não sei quem é a Grazi.

D – Namorada do Poli. A filha do seu Alcino.

T – Ah sei.

C - A Dida uma vez me contou que ela estava se maquiando e ela passou alguma coisa branca na cara, eu não sei se é verdade ou não porque a Dida também tem umas histórias meios doidas, disse que ela teve que fazer um tratamento psicológico porque ela não se via como negra, e até hoje ela não tem envolvimento com o negro. Ela conversa com o Dida porque elas cresceram juntas, mas eu não vejo a Grazi num samba, num pagode, envolvida com muita gente negra eu vejo ela mais com gente branca.

T – Tem coisa que é muito complicada, quando o Willian tinha 16 anos, ele só tinha ficado namorado com meninas brancas, aí eu falei pra ele, você não tem vontade ficar com uma menina negra? Ele levou um susto, como se eu tivesse falado uma coisa.

D - (?)

T- Não nesse sentido, mas ele nunca tinha se dado conta de que ele nunca tinha ficado. Ele ficou surpreso com ele. E ele fala isso, ele conta essa história, que depois mais prá frente ele conheceu a Ariadne, mas antes dela, ele até ficou com uma outra menina, mas foi uma coisa que prá ele, ele não tinha percebido que ele só tinha ficado com meninas brancas. Aí ele falou: Nossa porque será? Porque sua mãe é branca, e você está se identificando, isso faz parte também né.

Uma outra cena interessante, o Josiano, irmão do Jonas, ele era pequenininho, uns três aninhos, quatro, quase todo domingo de manhã, o Durvalzinho, o Gersão, o Japão, eu o Milton a gente ia na casa do Filé fazer samba. Então tinha um quartinho lá no fundo, ficava aquela turma ensebada sambando tomando cachaça das dez e meia onze horas até umas duas da tarde, todo domingo. E eu estava sempre tirando fotografia do Josiano, depois o Jonas nenê, tirava fotografia deles pelados, e numa dessa eu levei uma albinho de fotografia para a Lena, e a Lena é branca né, e o Josiano sentou no chão e começou a olhar, e perguntou assim: mãe porque nessas fotografias o pai tá preto? Entendeu, ele também nunca tinha visto que o pai dele também era negro, aí a Lena: porque seu pai é preto Josiano. É muito interessante isso, eu vi um lado também que acho que entre o casal nunca tinha

tido uma ofensa para esse lado, sabe? Que também, a gente sabe que pode rolar nos relacionamentos com a diferença étnica, mas ele não tinha visto. Quer dizer, são duas situações assim...

D – E outra, meu pai é negro e minha mãe é branca, então é um lado da família que é inteiro de negro e outro lado que sou inteiro de branco, eu sempre fiquei em cima do muro, você vai de para um lado é uma coisa, vai de outro... E cultura também diferente, família da minha mãe é mais tranqüila, todo mundo mais de boa, do meu pai...

T – um agito

C- Até os meus 12 anos não tinha amigas negras, era só branca. O Davi fala que eu gostava de sertanejo, que eu ia para o rodeio, ele fala: você e suas amigas brancas aí. Não é porque eu não gostava de negro, eu não me via negra.

T - Não tinha companhia.

C- É por causa de convívio.

T - Porque tem até uma certa idade é a família, depois são os amigos, se você tem amigos de um tipo, você acaba...Eu tenho um sobrinho que ele nada e ele começou a nadar lá na Hebraica em São Paulo, ficou campeão tal e aí ele começou a ter um monte de amigos judeus, meninos e meninas, inclusive namorou uma menina. Engraçado que ele acaba tendo um gosto por umas coisas, é coisa de adolescência, é muito interessante.

D - A gente absorve muito.

T - Então ele não quis mais comer presunto porque eles não comem carne de porco, uma série de coisas. Agora está mudando, foi para a faculdade, saiu do clube, mas tá incorporado, acho que é isso.

D – Um dilema muito grande se você parar para pensar, hoje você queira ou não o melhor ensino está na escola particular. Se você tem uma condição, você vai colocar o seu filho na escola particular, seu filho é negro, quantos negros ele vai encontrar lá?

T - Inverteu né?

D- Tudo isso que a gente passou a gente tá jogando nosso filho lá para ele passar também. Então não, vou deixar ele aqui na escola pública que tem um monte de gente, filho de conhecido nosso que vai tá ali, mas o ensino gente sabe que... E aí o que a gente faz? Eu brinco muito, eu falo assim, eu vou ensinar meu filho a brigar sim, se ele ouvir certas palavras. Então, nego foi chamado lá, você tá aqui porque seu filho bateu no fulano. Mas se ele bateu é porque ele ouviu ou mação ou preto safado..., a gente tem que ensinar eles a se proteger, não adianta.

C- É minha mãe falava isso: se alguém te ofender, te chamar de macaquinha, negrinha, você pode bater. E eu batia mesmo.

T – Talvez ela não precisasse nem ter falado, né?

(risos)

D- Então se eu to aqui, eu fui chamado aqui, eu sei que aconteceu isso. Então vamos ver quem está ruim na história aqui. Mas é muito complicado agente vai pegar e jogar no meio dos leões.

T - E no depoimento dona Olga Maurício, que ela deu para gente lá no arquivo, ela conta que na escola ela tinha problemas e que ela não podia falar nada, ficar quieta quando acontecesse isso. É duro para uma criança, né?

C- Eu não me lembro de nenhuma vez, só depois que eu cresci, (?) quando eu era pequena, eu tenho problema de coluna, então eu usei um colete, nossa, eu saia descendo o braço por tudo, aí eu batia se me chamasse de negra, batia porque me chamava de quatro olho, por tudo, mas enfim, era uma semana de risadinha , aí pronto acabava, na outra semana já não tinha mais.

T- Era uma diferença que incomodava, né, dá para sentir isso, né? Muito bom, super obrigada.

.

Anexo 2 – Textualização

Eu sou André

Eu sou André, tenho 28 anos e sou dentista. Estudei na Unesp de Araçatuba. Entrei na faculdade um pouco mais tarde e isso deu uma diferença entre mim e meus colegas. Sempre fui esforçado, não tinha uma inteligência anormal, para mim nunca foi fácil conquistar as coisas, eu tive que batalhar e para aprender também era isso, não tinha essa facilidade, tem pessoas que parece que aprendem por osmose, eu não se eu não ficar lá em cima, estudando, para mim é difícil. O tempo de faculdade foi bem complicado. Minha madrinha me apelidou de Sansão porque eu estava careca e disse que eu ficaria bonito de cabelo, mas a turma da moradia me chamava de Dalila. Pra mim isso é *bullying*. Eles na verdade queriam me ofender, não era para integrar as diversidades. Eu nunca fui afeminado, nunca fui saltitante, poc-poc, nem tipo bicha velha, maricona, mas eu acho que eles sacaram que eu sou gay, embora eu nunca tenha assumido nada.

O ambiente tem sempre muita conversa, muito burburinho, que eu ficava sabendo porque alguns amigos contavam. Tem sempre uma certa pressão pra você assumir que é gay. Eu acho isso horrível, mesmo porque ninguém chega se apresentando e dizendo o nome e que é hetero. Nenhum professor chega à frente da sala de aula e fala: bom, meu nome é fulano, eu sou heterossexual, eu tenho tantos anos, ninguém se identifica dessa forma, então porque o gay tem de se identificar?

A coisa ficou mais pesada quando meu melhor amigo de classe sofreu um acidente e morreu. Isso foi muito triste e senti muito. O pior foram os comentários, os burburinhos que insinuavam que eu estava triste porque éramos namorados. E não era isso. Era amigo mesmo. Era uma pessoa com quem eu convivia. Chorei muito, me isolei. Fiquei sem saber como mostrar que cada coisa tem seu lugar, que poderíamos conviver e que o fato de ser gay não significava que eu ia ficar dando em cima de todo mundo. Fui afovalhado na Faculdade, o restante do curioso foi muito pesado, excludente mesmo. Depois de formados, outros alunos se assumiram gays. Nenhum deles saiu em minha defesa na época, pelo contrário, jogavam fogo. Queriam desviar a atenção deles. Eu fui o alvo, eles não. Tem uma grande porcentagem de gays na Odontologia. Antes disso tudo eu era o líder da sala, eu era representante de sala, representante de formatura, depois me isolaram. Acabei firmando amizade com duas meninas que são minhas amigas até hoje.

Para mim foi legal conviver com os jovens do Centro de Voluntariado dos meus 18 anos em diante. Eu estava mais envolvido com um pessoal, ali a coisa era muito mais leve. E aí são os meus grandes amigos até hoje, é um pessoal que, mesmo depois que eu entrei para a Faculdade, continuei a conviver.

Sempre tive muitos amigos. Alguns me diziam que não me enxergam gays. Quando contavam alguma piada, não era de mim que estavam falando. Mas não é isso, estão na verdade me subjulgando também. Está colocando no mesmo padrão. Tá igualando, então eu acho que o riso em si identifica quando não é bem colocado é mal caracterizada sim e a gente acaba tomando muito disso, principalmente na questão da homossexualidade como algo que afeta mesmo, que quer te excluir. Porque assim, você percebe um risinho, você fala assim, tá rindo do quê que eu não sei o que é. Não é essa dúvida? Não tenho mais convivido com esses grupos. Vai cansando.

Às vezes você ouve um assobio bem na hora que você está passando. Você já acha que é pra você, e nunca foi pelo menos comigo nunca percebi nada muito espalhafatoso. Eu era mais contido, mesmo. Mas passa isso na cabeça.

Vejo que a juventude tem outros grupos, tem o emo, aquele meio de campo... o caminho do meio. Porque tem de tudo ali, você tem gay, tem hetero, tem as pessoas... O que vale é paz, as pessoas querem se encontrar, ser feliz, acho que essa cultura é uma coisa que vem desconstruindo a rigidez que está em ser homem ou mulher que põe o gay como algo exclusivo, de fora.

Eu percebo uma diferença entre os programas de humor feitos por gays e por heteros. O humor feito por um hetero parece que é contra o gay, que é uma caricatura que confunde. Tem um exagero de trejeitos. Isso acaba dificultando o relacionamento do gay em casa. Todo pai e mãe quando pensa que o filho pode ser ou percebe que o filho é homossexual, tem o medo do filho querer se vestir como mulher, é o medo dele querer se travestir e que não necessariamente está relacionado a identidade homossexual porque essas são escolhas e a pessoa é heterossexual e se traveste, eu já vi algumas histórias. Então, acho que na verdade o medo é esse, de ficar uma coisa assim... que o filho vai rebolar, que ele vai ser motivo de chacota. Acho que é isso que incomoda para o pai e a mãe, pelo menos do que eu entendo dos meus, acho que este que foi o medo deles.

Com 17 anos eu fiz minha única tentativa de namorar uma menina. Eu queria saber se eu era gay ou hetero. Ficamos nos naquela coisa de tato, de sentir, de beijar, por isso eu falo que eu sou virgem porque eu nunca me envolvi sexualmente com uma mulher. Logo em seguida, tive meu primeiro namorado. Foi ele que tomou a iniciativa de chegar em mim. Ele frequentava minha casa e

um dia minha mãe disse: *André, o fulano. é meio padre?* Minha família é católica e a melhor coisa que eu poderia ter feito foi devolver a pergunta pra ela: *você me acha padre também?* Percebi que o olho dela se encheu de lágrimas e ela disse: *isso me preocupou muito, hoje não me preocupa mais, porque eu entendi que você se tornou um grande homem assim, eu sei que mesmo você sendo muito novo eu entendo que você é muito responsável, que você sabe enfrentar, hoje você tem o convívio com todas as pessoas, nunca se envolveu com nada de ruim tal, então não me preocupa mais.* Aí eu falei: *então, não se preocupe em saber se a pessoa é ou não, porque a senhora já tem a resposta, assim como a senhora sabe de mim.* Então esse foi o meu jeito de contar, de revelar para minha mãe que eu era gay, sem crise e formalidade. Para ela ser padre não é uma coisa ruim... Ficou tudo bem resolvido.

Com meu pai foi diferente. Ele nunca se sentiu com muita autoridade, acho que porque sempre teve uma vida paralela, sempre faltou em casa. Um dia fui na casa dele, já com meu atual companheiro e percebi que ele sabe, que gosta do Marcos. Tanto meu irmão como minha irmã dão muito trabalho. Eu acabo sendo o menor problema... Temos um afeto, um respeito, nem é preciso dizer nada.

Minha irmã é a mais difícil. Vive me xingando, ao mesmo tempo ela me vê como um grande exemplo pra filha de quem sou padrinho. Quando ela quer me ofender ela me ofende pela sexualidade. Me chama de bicha, xinga meu namorado...

A polêmica sobre a cartilha contra a homofobia do governo Federal foi em cima da questão homossexualidade e dos aspectos preventivos da droga dentro da escola. São dois temas que dá pra ver o quanto a nossa sociedade é moralista. Mesmo sabendo que dentro de casa não tem informação, fica esperando que algo aconteça. Só depois que é agredido ou agride um gay, ou experimenta uma droga que a família acorda. Pai e mãe tem que ser alguém que retém melhor os seus preconceitos, justamente para não se transmitir isso para as crianças. Muita gente pensa que só de falar de homossexualidade faz como que o filho se torne gay, ou falar de droga dentro da escola está incentivando o filho a usar. É o contrário. Algumas coisas você pode, outras não pode experimentar. Eu acho que é legal experimentar ficar com um homem, pra ver se realmente gosta, no caso de um menino, uma menina experimentar ficar com uma menina e saber se é isso. Qual é o medo disso? Parece que você se torna sujo. A mídia debocha tratando da União entre homossexuais como se fosse casamento na igreja, com vestido de noiva e tudo...

Na infância convivemos com outras crianças que ofendem, que fazem chacota no sentido pejorativo, ofendendo outra, chamando de gaysinho. A infância determina muitas coisas da pessoa

adulta. Você acaba aprendendo a ser pelo jeito que te tratam. Essa é a história dos abusadores, muito dessas coisas determina a formação do indivíduo. Eu acho que é pior na infância. Porque a criança que chinga aprenderam com os pais. A criança que é preconceituosa, que faz uma brincadeira maldosa é porque ouviu dos pais uma piada assim. A criança não sabe o que é gay e o que não é. Ela repete isso, reproduz isso para outro porque ouviu o pai, a mãe falando daquela forma. Eu me lembro com mais dor de coisas da infância, de coisas relacionadas a infância. Acho que na verdade hoje eu sou muito menos emotivo pra algumas coisas assim. Incomodam injustiças, algumas coisas, mas respondo de outra forma. Mas quando criança você não sabe responder, não sabe lidar, você...

Na adolescência, quando as coisas começam a ficar mais claras, principalmente na identidade sexual e a gente começa a ter consciência de que as pessoas estão falando da gente, que é você a piada...*essa piada então é pra mim?* Você começa a entender que algo está sendo feito pra te provocar, pra te cutucar... A gente se retira, mas não enfrenta. A gente não sabe lidar com isso. De fato a gente tem pouco conhecimento. Eu pelo menos, me via desse modo. Eu não sei o que está acontecendo comigo... Eu não sei por que eu olho para um menino e não olho para uma menina. Eu não sei porque que me atrai de uma forma que não atrai outra. Então, por esse desconhecimento, a gente acaba se alienando, sofre, se afasta.

Precisa ter liberdade com os amigos para questionar eles. Se surge uma piadinha ou comentários de outras pessoas, aí você pode falar: *péra aí você tá falando de mim?* O riso não tá direcionado. Às vezes não é nem direcionado, mas você se encaixa nele.

Entre os gays a gente também brinca, também faz piada e coloca apelidos. Fala assim: aquela maricona. Aquela não sei que... Chamamos de maricona os gays já mais velhos, com 40 50 anos. Uma bicha velha, a maricona, ou a bichinha poc-poc, aquela saltitante, aquela toda serelepe, não sei se é esse os termos ainda, eu estou ficando velho. To virando maricona...

A piada é a forma mais mascarada que tem. Eu prefiro lidar como aquilo que eu conheço do que com aquilo que eu não sei de onde tá vindo. Uma piada você mascara muito. Num riso você esconde muita coisa. Então, eu prefiro que seja uma coisa descarada. Eu prefiro que seja uma coisa aberta, porque aí você tem arma, tem formas pra se defender, tem como colocar sua posição. Mas quando não te dão o direito de você defender, colocar aquilo, eu acho que é injusto.

Tem humorista que faz um humor que é legal, que leva na verdade, que mostra que o gay tem inteligência, que é capaz de desenvolver seus projetos, é capaz de se transformar em pessoas tão respeitadas quanto os heteros, mas tem outros que debocham, escacham.

Eu sou William

Sou William, tenho 23 anos, acabei de me formar. Eu sempre quis ter um apelido, mas meu nome não dava. Por ser gay também não tive apelido. Fui chamado de Bombril porque tenho o cabelo negro, meu pai é negro. Tem muita piada de negro, acho que mais até.

Quando eu era adolescente eu era enrustido na minha homossexualidade e me chateava muito o medo das pessoas descobrirem a minha verdade.

Eu vivia um clima de incerteza e me perguntava será que descobriram alguma coisa? Será que essas piadas são alguma indireta? Isso era coisa da minha cabeça, nem era pra mim... era medo mesmo. O riso tem esse poder de deixar a pessoa constrangida, acuada, com medo de ser exposta.

Me magoava com isso, ficava na minha, triste... tinha receio das brincadeiras. Eu tinha 15-16 anos e não tinha mais dúvida de que preferia os meninos do que as meninas. Essa certeza me dava medo de fazerem chacota comigo. Isso ficou explícito quando contei para minha amiga ainda no ensino médio. Ela levou um susto e disse: Você é gay? nem parece... Para as pessoas o gay tem que ter trejeito, se vestir de mulher... há uma confusão.

Acho que por isso que sempre fui tímido, só me soltei depois que resolvi assumir. Fiquei mais comunicativo, eu dou minha opinião, eu falo. Agora, eu tento também, por exemplo, se tem uma opinião contrária à minha, não ridicularizar ela, antes eu nem conversava.

Uma vez, andando no corredor da escola eu escutei um grupinho cochichando e depois rindo, eu perdi até o passo. Pensei: é pra mim... hoje acho que nem era, era minha cabeça mesmo que sempre tinha medo de que esse segredo fosse revelado.

Além desse lance com a minha amiga também fui questionado pelo MSN por um amigo que disse que sabia que eu estava ficando com um menino. Eu falei: Se vocês sabem, por que perguntam, então? Disseram que eram meus amigos e que eu não precisava esconder. Todo mundo fica forçando o gay a assumir publicamente, mas isso não tem nada a ver. Ninguém chega e se apresenta: Muito prazer, sou heterossexual. Por que o gay precisa dizer? Nos primeiros dias foi tudo bem, depois começaram a zoar, acabei me afastando deles. É chato ser motivo de gozação. Agora tenho um grupo de amigos que tem de tudo, mais tranquilo, todo mundo respeita a decisão do outro.

Para mim o mais punk foi a reação dos meus pais. Meu pai sempre fazia comentários que me incomodavam quando assistíamos jogo. Ele falava: ah essa bichinha, sei lá o quê, blá, blá, blá... Eu pensava: não sabe de nada ainda... Teve só uma vez que eu fiquei mais contente. Ele chegou e falou

assim: a filha do meu amigo tá ficando com uma menina e ele tá tendo chlic, ele até quebrou o celular da filha. Não precisa de nada disso. O problema foi quando contei para eles. Meu pai fez uma cena que eu não esqueço até hj, ele falou: vem cá. Eu estava chorando e ele pegou duro. Pegou uma bolacha de água e sal, deu um soco nela e falou: você deixou meu coração assim, ó. Minha mãe também não aceita. Em casa só meu irmão de 17 anos que me trata igual, sem problema. Eu entendo que pra eles é difícil, mas para mim também é.

O pior é o clima que fica quando aparece uma notícia de TV ou falando qualquer, coisa, vira aquele silêncio constrangedor, ninguém fala nada e todo mundo olhando pra TV, até que a notícia sai e entra outra prá poder conversar. Fiquei arrasado. Como faz pouco tempo, ainda é um tabu em casa.

Já perguntei para alguns colegas sobre esse clima da sala, e com eles também acontece a mesma coisa.

Mas a questão da piada, quando criança eu também não gostava de ouvir. Eu ficava meio sentido. Mas hj em dia eu já aprendi, mas quando criança é chato mesmo, você fica em alerta parece, fica meio... não fica a vontade.

Você não sabe lidar ainda com nada. Então a infância é. Você está sozinho. Você não conta prá ninguém, você fica sozinho. Na infância, o que traz é muita insegurança. Eu sempre fui muito inseguro. Na adolescência até antes de assumir. Nunca fui uma pessoa segura.

É muito ruim ser motivo de riso. Não é sempre que acontece mas quando começam a pegar no pé ou falam alguma besteira, eu falo: é isso mesmo que acontece, é isso daí mesmo. Como hj fizeram uma pergunta meio descarada pra mim, aí eu respondi na lata o que ele queria aí ele ficou sem jeito. Aí ele não respondeu mais nada. Porque eu acho que é importante falar isso, para parar de uma vez, logo, porque ele quer que você fique constrangido, que você fique quieto...

Na adolescência era mais difícil chegar numa pessoa, conversar, começar um papo, sempre fiquei quieto, na minha, na adolescência inteira. Prá paquerar era a coisa mais difícil do mundo. Hoje em dia é muito fácil. Mas antigamente, era complicado.

Não me lembro de achar que era coisa errada, desde a sexta, quinta série, eu já sabia. Só que eu sempre fui na minha. Meu pensamento é que eu gostava de homem e de mulher. Hoje a galera chama de gay adolescente quem é bi. Eu não sei ainda. Eu tenho as minhas opiniões. Mas acho também que pode ser isso. É raro os casos de um adulto que seja assim bissexual. A maioria é gay enrustido. Faz uma família, mas é gay.

Quando eu fui pra faculdade, eu fui para Limeira, longe daqui. Minha melhor amiga era a Livia, era uma menina alternativa, toda tatuada, extrovertida, tinha 27 anos, eu tinha 17. Eu fui conversar com ela e ela logo se abriu: eu beijo também meninas as vezes. Um dia a gente brincou de dizer a verdade... todo mundo foi mentindo até que o primeiro assumiu... foi engraçado porque aí todo mundo também assumiu que já tinha beijado alguém do mesmo sexo. Foi legal mas precisou um assumir primeiro... todo mundo escondia. A partir daí começou a aparecer os namorados dos meus amigos e até fiquei com um menino numa festa de calouro, de trote...

Tem muita curiosidade entre a galera. Todo mundo fica muito curioso. Meu melhor amigo de classe é o mais preconceituoso. Mas para fazer trabalhos a gente se dá bem. Eu sempre lutei pelos direitos, sempre fui amigo, por isso acho que não fui muito discriminado. Consegui conquistar meu espaço.

Foi legal eu conhecer o Frederik, ele é norueguês e eu conheci ele pela *internet*. Fui pra lá e fiquei na casa dele. Os pais dele sabem e aceitam. É bem diferente. A gente andava de mãos dadas na rua, dava até uns beijinhos discretos. Ele teve problemas de aceitação com alguns amigos, mas é bem menos que aqui.

Ele chega amanhã e eu tive que mentir em casa, eu disse que ia fazer um curso. Acho que eles até sabem que não é isso, mas é melhor assim. Ele vai morar em João Pessoa e eu vou pra lá também. Eu disse que vou tentar um mestrado lá.

Também quero falar sobre meus alunos. Eu tava dando aula para quinta série quando vi um aluninho, sentado ao lado de outro menino penteando o cabelo e olhando naqueles espelhos de abrir, de menina. Aí ele tinha um *gloss*, pegou um *gloss*, passou o *gloss* na boca, guardou... Eu fiquei admirado, porque com essa idade, ele não sentava com as meninas, só com os meninos e ninguém tirava sarro deles, ele não era chato. Ele era mais afeminado, mas ele colocava a posição dele no lugar. Eu não vi nenhuma chacota dele... Aí eu já tenho outro aluno, esse já é implicante, eu não sei se com 11 anos mesmo sabe, mas com 11 anos você sabe que é gay e que também é motivo de chacota, aí então falam: ah seu gay, sua bicha. Aí ele olha faz uma carinha de bravo de chateado, mas não retruca também.

Na escola eu não assumi, que a escola é católica e bem fechada. Só para os professores, mas para o diretor não sei se alguém contou, mas eu pretendo não contar para ela. Pelos alunos, essa questão, eu acho que eles estão se abrindo muito mais, tá muito mais fácil...

O assunto rolou também na época dos livros contra homofobia do Governo Federal. Um aluninho falou assim: é que a Dilma aprovou o casamento gay. Aí eu falei, por que, o que que você tem contra, quais são seus argumentos? Vão falando, dê um bom motivo...Ele ficou quieto olhando assim pra mim e disse: ah que não é legal. Mas qual são os argumentos? Por que? Qual o motivo? Aí ele não falou nada. Mas isso é coisa dos pais isso daí. Ele ouviu o pai falando que não gostava, porque ele não tinha argumento nenhum.

Entre os meninos tem muito isso de um chamar o outro de bicha. Eu não deixo caminhar...

De minha parte, não falo nada porque tem pai no meio e isso me preocupa.

Hoje em dia não é mais assim, se alguém brincar ou perguntar eu assumo, não me importo de falar, não ligo mais para as piadinhas, dou até risada. Só me incomoda quando só conta piada de gay, quando mistura outros temas não vejo problema. Ficar só martelando nos gays, aí é ruim, quer fazer a cabeça...

Eu sou Davi

Eu sou Davi, tenho 28 anos. Estudei na Unesp, geologia. Tinha uns 15 negros em muitos mil. Na minha classe tinha 15 alunos. A gente se conhecia, todo mundo conhecia todo mundo. Sempre foi assim, desde a primeira até a oitava série. Um dos poucos negros da escola.

No trabalho, de vez em quando cai naquilo que eu falei de você estar num grupo de amigos e a turma não te enxergar como negro. Eu falo não só como negro, mas da classe mais pobre. Tem um pessoal que tem uma condição bem melhor, eu trabalho com gente que tem pós-doutorado, é outro estilo de vida mesmo, não tem nada a ver comigo por exemplo, e às vezes tem gente que solta algumas coisas que, não se ligou que você está ali. Porque se eu estou ali é porque eu sou do mesmo nível dela. Se eu estou ali, eu não sou negro, eu sou o Davi, geólogo, que trabalho ali. Direto, eu saio prá tomar água. Pego a garrafinha... Tem só um amigo que já sabe... Para aquelas pessoas é totalmente natural. Mesmo se eu saio bufando, nada representa.

No trabalho, graças a Deus eu tenho ensino superior, já fiz alguns trabalhos, principalmente com Petrobras, refinaria, é mais trabalho de fiscalização, então você chega lá para fiscalizar, rapaz novo de trança, roupa larga, a turma desacredita né?

Quando você tem um grupo de amigos, que convive com você desde criança a pessoa que está ali não te enxerga como negro, você é mais um do grupo. Então o cara faz a piada com você ali, aí olha e fala: *você não liga, né? Como não ligo? Você tá louco?* A pessoa te enxerga pela amizade que criou, mas ela não te enxerga como negro. Você é amigo dela, mas não é.

No nosso grupo de amigos não rola piada, uma coisa é intimidade pra encher... Assim, encheção de saco. É totalmente diferente, num grupo, realmente de amigos, quando um enche o saco do outro: *Ô seu neguinho, vá seu macaco...* Isso é uma coisa. Só que nem, a gente pode tá brincando ali, mas chegou uma pessoa estranha muda tudo. Chegou uma pessoa ali que não é daquele círculo, pode até ser conhecido, acabou. Ninguém abre a boca. Não sai. É o tipo da coisa que a gente sabe o efeito que tem se sair dali. Então, sem chance.

O negro, ele sabe perceber quando é ofensivo e quando não. O cara convive realmente com a comunidade negra, ele convive, tá falando, chamar de meu preto, e aí negão, a gente consegue perceber quando é uma coisa natural, quando é ofensivo, a gente sabe, a gente consegue perceber, é fácil. Eu sempre percebi este tipo de coisa, mas eu pensei: se eu ficar me prendendo a esse tipo de coisa eu vou acabar surtando ou entrar em depressão. Comecei a filtrar, sabe?

Outro dia eu ouvi uma pessoa falando que a empregada não pode morar na casa dela, porque não tem nada a ver a empregada morar perto do patrão, tem que morar em bairros totalmente distintos, porque não dá certo morar no mesmo bairro, porque o bairro que ela morava antes era cheio de condomínios e não sei o quê, porque a empregada morava lá não sei aonde, lá na periferia, e assim que tem que ser prá manter o respeito. Eu acho isso um absurdo, outra realidade. Eu não gasto meu tempo conversando, tentando explicar, tentando argumentar, não vai mudar.

O pessoal não consegue ver a base, não enxerga a base da população. Uma coisa que eu vejo discutindo lá, é que esse governo que a gente passou e está continuando agora, “*não foi bom para nossa classe, porque nosso poder aquisitivo não mudou em nada, foi bom só para quem num... só pra aquela pretada que mora nos barracos*”. E tá errado fazer isso? Pra você que já tem um bom poder aquisitivo, não foi bom porque não aumentou seu poder aquisitivo que já é bom. Não é que melhorou prá quem tinha pouco, deu prá quem não tinha. É o meu ouvido, não consegue enxergar que tem grande parte da população que vive outra realidade.

Quando se é criança a gente não sabe se defender ainda, no ambiente familiar acaba sendo mais leve, então fica mais protegido, por mais que tenha uma pequena consciência das coisas, a gente é mais indefeso. Quando é criança é mais complicado. Depois que cresce, é difícil absorver, a gente sabe lidar, sabe não devolver, sabe como se portar deixando bem claro para outra pessoa que não foi legal, que ela pisou na bola.

Tem muita gente que faz e não faz ofensivamente, só que é uma coisa que já vem de berço, vem de casa. A pessoa conta a piada e as vezes pra ele que não é para ofender, para ele é só uma piada mesmo. Nem ele sabe o significado do que ele está falando. Só quem é que... Putz... Às vezes quando você é criança, você não saca o negócio, depois quando você cresce você fala: *ah não, esse cara não pode falar isso de mim, esse cara tá louco*. Muita gente que faz, não faz para ofender, mas infelizmente, faz por naturalidade, que é uma coisa que já vem lá de traz.

Eu não me lembro de ter sido motivo de riso, deboche não, mas desqualificar, olhar com medo, eu que uso trança, sou alto, você entra nos lugares, a turma já dá aquela encolhida. Mas eu acho que também nunca fui motivo de riso por postura, minha família nunca foi rica, mas também, andar alinhadinho, aquela coisa: criança negra, sempre está com joelhão cinza, nariz escorrendo, então essas coisas meu pai nunca deixou acontecer, porque já sabe se acontecer, é batata. Então assim, a gente sempre teve que ter um cuidado a mais com algumas coisas que para outros, se a gente andava

com um furinho na calça, ah bom, a lá, tinha que ser ele, enquanto os outros podiam andar de qualquer jeito que, não, é moda, mas um olhar diferente, ter medo, isso aí é batata!

E tem o lance dos personagens de TV. Eu peguei a época que era aquela novelinha Carrossel e tinha o Cirilo. Tenho amigos que o apelido é Cirilo até hoje. Tudo que acontece: Ah... é o Cirilo. Eu odiava, não assistia Carrossel por causa do Cirilo. O que eu sei é que era o único menino negro que tinha na sala de aula. Ele era bonzinho, mas só ele era negro.

Eu fico muito bravo quando aparece algumas coisas na televisão. Você pega o Rafinha Bastos, que é um cara que todo mundo assiste, hoje ele está na mídia, a minha preocupação não é tanto comigo, se eu encontrar esse cara na rua eu dou uns tapas nele, mas e a criancinha que está assistindo? Porque ela tá assistindo e se o cara tá falando é isso mesmo.

Queira ou não, vai fazer algum efeito, ela vai aprender aquilo lá e vai tomar aquilo como correto, a televisão está me passando isso. E a gente não consegue cortar isso. Quando alguém brincar com ela, ela vai dar risada

Aquele da mulher feijoadada, no Silvio Santos, é para acabar.

Não só para você, mas você vai ter filho e ele vai sofrer com aquilo, por uma coisa que você plantou lá atrás. Não em jeito. Vê ali, já grava ali, prá poder contar no serviço depois. É rir de alguém.

A nossa pele negra não deixa a gente fingir que não é negro, não tem escapatória. Deve ser difícil ser homossexual, ter que guardar tudo, não poder se soltar nem para a família. A gente não tem o que esconder, não tem o que fingir...

Me preocupa a questão da saúde da nossa comunidade. O Plano Nacional da Saúde da População Negra não é implantado. Tem que envolver médicos negros e brancos porque uma coisa é “o negrão vai defender realmente”, mais qual o argumento, se é um médico branco? Quando você tem um negro que não quer ficar perto de um negro, matou, caiu tudo por terra. Os negros que têm a condição melhor saem fora da militância, “já consegui o meu e...” e cai fora. Fica ali no trampo, às vezes por medo até de perder o cargo...

Eu acho que tem pessoas que buscam, eles enxergam que a comunidade branca, mais elitizada é a melhor. Então se ele conseguiu ter um status que dê para ele entrar nessa comunidade, aí ele esquece que ele é negro. Acho que têm outros que não, por medo de perder um cargo, medo de não conseguir tal emprego, de ficar militando, batendo de frente, ficar aparecendo... Eu acho que tem um pessoal que é por temer perder uma condição individual de vida, ele acaba deixando de lado. Realmente não é fácil.

Tem uma parcela que esquece a militância. Eu já escrevi artigos para o jornal falando sobre racismo e eu coloco lá que eu sou geólogo. Eu defendo muito, por exemplo, as religiões de matriz africana, e eu sempre falo que eu sou católico. Mas eu vou defender sim porque isso é do meu povo. Por que eu acho importante, não adianta eu ser do candomblé e eu defender o candomblé, isso é óbvio. Mas eu sou católico, mas vou defender o candomblé sim. Isso tem um peso diferente.

A gente apareceu na JC Magazine, que é uma revista..e a gente sabe que é para certa parcela da população mais elitizada, é questão de falar. A Cinthia falou que é enfermeira, ela não é só uma negra bonita que não faz nada, o Davi é geólogo, trabalha na Universidade. Ela trabalha na UNIMED que é o melhor hospital aqui de Rio Claro, eu acho que é importante mostrar para esse pessoal, vê a gente diferente, que se ela trabalha lá, ela fez enfermagem, talvez ela tenha estudado com a minha filha.

Defendo essa pequena consciência, uma das ações afirmativas, que mais aconteceu desde a década de 90, o que mais se fala é sobre a beleza. A beleza negra. Que é uma coisa que se você pegar todo mundo quando era criança se acha o mais feio da turma; eu sou o negrinho, o meu cabelo é o pixaim, cabelo ruim. E aí você vai entender isso só lá na frente. *Opa, que negócio é esse? Não tem nada a ver uma coisa com a outra.*

Meu pai é negro e minha mãe é branca. Um lado da família é negro e outro lado é inteiro branco. Eu sempre fiquei em cima do muro, você vai de um lado é uma coisa, vai de outro... E cultura também diferente, família da minha mãe é mais tranqüila, todo mundo mais de boa, do meu pai um agito. Acabei absorvendo muito.

Penso muito na educação do meu filho. Um dilema muito grande é escolher a escola pois o melhor ensino está na escola particular. Se você tem uma condição, você vai colocar o seu filho na escola particular, seu filho é negro, quantos negros ele vai encontrar lá? Tudo isso que a gente passou a gente tá jogando nosso filho lá para ele passar também. Então não, vou deixar ele aqui na escola pública que tem um monte de gente, filho de conhecido nosso que vai tá ali, mas o ensino a gente sabe que não é bom. E aí o que a gente faz? Eu falo que eu vou ensinar meu filho a brigar sempre que ele ouvir certas palavras. O diretor pode me chamar porque meu filho bateu no fulano. Mas se ele bateu é porque ele ouviu macaco ou ele ouviu preto safado..., a gente tem que ensinar eles a se protegerem, não adianta.

Mas é muito complicado a gente vai pegar e jogar no meio dos leões.

Eu sou Cinthia

Eu sou a Cinthia e tenho 28 anos. Fiz enfermagem e trabalho na UTI da Santa Casa.

Fui uma criança que não tolerava, se eu não gostava ou não concordava com o que estava acontecendo, eu descia o braço. Lembro-me de que no pré três teve uma atividade e eu me ofereci para deitar sobre o papel e meus amiguinhos contornarem o meu corpo no papel. Durante a atividade um menino bem lourinho e de olho claro que me chamou de macaca. Eu nem pensei, levantei e enfiei o lápis nele. Um outro dia uma menina me chamou de “macaca quatro olhos”, e eu bati nela também. Sempre fui briguenta, e aí as pessoas começaram a não brincar comigo por causa da minha forma agressiva, e não porque tinham consciência de que aquilo que faziam era errado. Minha mãe sempre era chamada na diretoria.

Na sétima série, uma menina da sala me ofendeu e eu cheguei em casa chorando, desesperada. Eu estava cansada dela tirar sarro de mim. Meu pai foi na casa da menina tirar satisfação, nossa, virou uma briga, aí o pai dela ofendeu meu pai, xingou ele de macaco, o pai da menina falou teve a mesma atitude da menina, então quer dizer, se ela fez o que fez, aprendeu com quem? A partir desse fato achei melhor deixar quieto.

Minha mãe me orientava a não deixar ninguém me ofender. Ela dizia: *se alguém te chamar de macaquinha, negrinha, você pode bater*. E eu batia mesmo. Eu usei colete pra coluna por um tempo, aí era mais um motivo.

Eu saía descendo o braço por tudo, eu batia se me chamasse de negra, batia porque me chamavam de quatro olho, por tudo, mas enfim, era uma semana de risadinha, aí pronto acabava, na outra semana já não tinha mais.

Até hoje tem coisas que eu não tolero e olho feio para quem falou.

Tem aquelas situações que a pessoa conta, fala, e aí todo mundo ri e acha graça e aí a hora que percebe que tem uma negra ali, engole o riso, fica todo mundo sem graça. Ou então faz a piada e depois diz “porque eu também sou negrona, porque minha avó, minha mãe, não sei quem também é.” Aí quer consertar de alguma forma. “Ah porque eu também sou negrona, porque eu curto um tipo de música, ou porque me visto de tal jeito”. Primeiro faz a brincadeira, aí vê que não ficou legal, não colou, tenta consertar, mas aí já foi, já ofendeu quem estava ali.

Quando eu era menor eu percebia deboche contra negro e saía no braço. Agora entra por um lado e sai pelo outro, acabei me distanciando.

Sempre fui a única negra da classe, até na faculdade. Só na oitava série que tinha a Noeli, que depois também saiu. Então sempre fui aquela que fica no cantinho, a mais excluída, e sempre tem algum comentário mesmo sendo boa aluna.

Vi na televisão no programa da Ana Hickemam, na Record, um concursos de *stand up*, com um dos concorrentes negro. Ele fazia piada sobre negro, usando a pessoa dele com uma naturalidade que eu achei absurda. Um negro contando piada de negro. Teve umas coisas que eu até achei legal, fez algum sentido, mas a maioria das coisas ele se colocava abaixo de nada. Ele e mais todo mundo. Eu me senti ofendida e inferiorizada. Se um negro fala isso dele mesmo, então o que pensa quem está assistindo? Se o cara fala isso dele mesmo, qualquer um pode falar o que quiser. Acho incrível uma pessoa se coloca nessa situação de querer ganhar, se promover em cima de uma coisa que é prejudicial pra ela mesma. É apelo de uma forma desnecessária.

O riso é pra divertir a todos e não só uma parte. Rir do gordinho, da negrinha, da pessoa que usa óculos, daquele que é manquinho.

Já tive problema no trabalho, quando era enfermeira no Hospital da Unimed. No nosso horário éramos três enfermeiras negras e uma paciente não gostou, perguntou se todas eram “morenas”. Acabou tendo que ir atender a mulher uma de nós que era mais clarinha. Eu percebo que a turma mais rica é mais preconceituosa.

Tem negro preconceituoso também, todo negro que sobre um pouquinho na vida esquece que é negro. Saímos na JC Magazine, eu e Davi, mas nossa comunidade não tem acesso a ela.

Quando eu era criança tive uma amiga branca. Estudamos desde o prezinho até a 8ª. Série. Eu tinha uma bebezona branca e ela uma negra. . Nem eu nem ela queríamos trocar. Não sei se pela amizade eu via ela na boneca e ela me via na boneca, não sei, mas a gente sempre foi muito apegada. Até hoje ela adora negro. Uma outra amiga, quando era pequena ela não se via como negra e ela é bem negra. Uma vez ela estava se maquiando e ela passou alguma coisa branca na cara pra ficar branca. Essa teve que fazer um tratamento psicológico porque ela não se via como negra, se via como branca, e até hoje ela não tem envolvimento com o negro, não frequenta um samba, um pagode, envolvida com gente negra. Eu vejo ela mais com gente branca.

Comigo também teve esse lance. Até os meus 12 anos eu não tinha amigas negras, só brancas. Eu gostava de sertanejo, ia para o rodeio. Não é porque eu não gostava de negro, eu não me via negra.

Anexo 3 – Áudio das entrevistas

<http://lugarnenhum418.com/teresa/>

ANEXO 4 – AUTORIZAÇÕES DE USO DE VOZ E NOME

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu ANDRÉ LUIZ BUENO DE SOUSA, R.G. nº 29.395.301-6, órgão expedidor SSP/SP, declaro aprovar a transcrição do meu depoimento oral realizado e gravado em 27/07/2011, concedido a Maria Teresa de Arruda Campos, R.G. nº 6.472.420-7, órgão expedidor SSP-S.P., psicóloga e pedagoga, aluna RE 041300, na Faculdade de Educação da Unicamp, SP, sob orientação da Professora Áurea Maria Guimarães. Autorizo a utilização do conteúdo para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro autorizar a identificação de meu nome na pesquisa.



Rio Claro, 03/08/2012

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu Cynthia Cristina Condido dos Santos, R.G. nº 32.434.894-0, órgão expedidor SSP/SP, declaro aprovar a transcrição do meu depoimento oral realizado e gravado em 02/08/2011, concedido a Maria Teresa de Arruda Campos, R.G. nº 6.472.420-7, órgão expedidor SSP-S.P., psicóloga e pedagoga, aluna RE 041300, na Faculdade de Educação da Unicamp, SP, sob orientação da Professora Áurea Maria Guimarães. Autorizo a utilização do conteúdo para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro autorizar a identificação de meu nome na pesquisa.



Rio Claro, 29/08/12.

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu DAVI SETANHO RONVALDO, R.G. nº 25.448.171-1, órgão expedidor SSP/SP, declaro aprovar a transcrição do meu depoimento oral realizado e gravado em 2 de agosto de 2011, concedido a Maria Teresa de Arruda Campos, R.G. nº 6.472.420-7, órgão expedidor SSP-S.P., psicóloga e pedagoga, aluna RE 041300, na Faculdade de Educação da Unicamp, SP, sob orientação da Professora Áurea Maria Guimarães. Autorizo a utilização do conteúdo para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro autorizar a identificação de meu nome na pesquisa.

Davi Setanho Ronvaldo

Rio Claro, 19/08/2012

CARTA DE APROVAÇÃO

Eu William Rodrigues Brandão, R.G. nº 46309858-4, órgão expedidor SSP/SP, declaro aprovar a transcrição do meu depoimento oral realizado e gravado em 27/07/2011, concedido a Maria Teresa de Arruda Campos, R.G. nº 6.472.420-7, órgão expedidor SSP-S.P., psicóloga e pedagoga, aluna RE 041300, na Faculdade de Educação da Unicamp, SP, sob orientação da Professora Áurea Maria Guimarães. Autorizo a utilização do conteúdo para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro autorizar a identificação de meu nome na pesquisa.

William R. Brandão

Rio Claro, 03/08/2012